CENTRO UNIVERSITÁRIO UNICARIOCA
MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

André Luiz Bastos de Freitas

PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS POR MEIO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

Rio de Janeiro
2026

André Luiz Bastos de Freitas

Promoção da educação sexual nas escolas por meio de tecnologias digitais.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Orientadores: Profª. Ma. Júlia Wagner Pereira
Profª. Dra. Tábata Elise Ferreira Cordeiro

Rio de Janeiro
2026

André Luiz Bastos de Freitas

ANDRÉ LUIZ BASTOS DE FREITAS

PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS POR MEIO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

A Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da banca participaram desta defesa de dissertação.

Examinado por:

gov.br Documento assinado digitalmente
JULIA WAGNER PEREIRA
Data: 08/07/2026 11:46:35-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Julia Wagner Pereira, M. Sc. (UniCarioca)
Presidente da Comissão Examinadora

Profa. Ana Paula Legey de Siqueira, D. Sc. (UniCarioca)

Prof. Icaro Silva Jatobá, D. Sc. (UERJ)

Rio de Janeiro

2026

F862p Freitas, André Luiz Bastos de

Promoção da educação sexual nas escolas por meio de Tecnologias digitais / André Luiz Bastos de Freitas; orientador: Júlia Wagner Pereira; coorientador: Tábata Elise Ferreira Cordeiro. – Rio de Janeiro, 2026.

213 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) – Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, 2026.

1.Educação sexual. 2. Prevenção de ISTs. 3.Tecnologias digitais na educação. 4.Oficina pedagógica. 5.Cidadania na educação. I. Pereira, Júlia Wagner, prof. orient. II. Cordeiro, Tábata Elise Ferreira, prof. coorient. III. Título.

CDD:372.372

DEDICATÓRIA

"Coloca o pé, que o chão Exu coloca."
Provérbio de Matriz Africana

Dedico este trabalho à minha mãe Vera Lucia Bastos, que sempre acreditou em mim e na educação como o único solo firme para a construção de um futuro digno.

AGRADECIMENTOS

Á espiritualidade, que é minha base e meu sustento. Agradeço a Deus por cada benção e cuidado constante, ao Senhor Jesus, por ser guia e fortaleza, e aos meus Orixás e Exus, que caminham comigo em todos os momentos. Se cheguei até aqui, foi pelo amparo e proteção.

Dedico esse trabalho a minha mãe, que sempre acreditou no poder transformador da educação. Obrigado por incentivar meus estudos, buscar diversas oportunidades nessa área e ,sobretudo, por resgatar minha autoestima durante anos em que sempre duvidei de mim e da minha capacidade. Seu apoio incondicional foi essencial para que eu chegasse até aqui.

À memória e o carinho da minha avó materna Argentina Bastos, da minha avó paterna Maria José dos Santos Freitas, e da minha tia-avó Santina Alves. A presença, cuidado e amor de vocês foram fundamentais na construção de quem sou hoje.

Às minhas orientadoras Profª Júlia Wagner Pereira e Profª Tábata Cordeiro, minha profunda gratidão pelo afeto, escuta atenta, orientações e rigor técnico. A generosidade e o compromisso de vocês tornaram essa trajetória mais rica, humana e significativa.

Ao meu mestre Jorge Eduardo Mansur, agradeço pela inspiração constante, registro aqui meus sinceros agradecimentos pelos ensinamentos, pela influência positiva em minha formação. Sua atuação como professor e orientador foi essencial para minha dedicação, amadurecimento acadêmico e para os resultados positivos alcançados.

Ao meu amor Rodrigo Freitas, meu muito obrigado pelo companheirismo, pelo cuidado e pelo carinho diário. Seu apoio foi fundamental nesse percurso.

À minha tia Octávia Dell Vecchio, agradeço por todo carinho, presença e afeto durante toda a minha jornada.

Ao meu amigo Wagner Monteiro (em memória), meu amor eterno. Carrego você comigo em todos os momentos. Sua amizade e amor transformou minha vida e foi fundamental para que eu me tornasse o homem que sou hoje.

Aos amigos-irmãos Rianna Assis, Gustavo Bergantes, Caroline Figueiredo, Ádria Sandrade, Viviane Xavier,Adriano Barros, Mayara de Lucca, Douglas Tavares,

Thiago Seraphim e Silvana Martins, agradeço pela amizade sincera e pelo afeto que me fortalecem e me fazem crescer todos os dias.

À minha querida amiga Aline Rosa, um verdadeiro presente da vida. Obrigado pela parceria diária, pelos risos, memes e pela contribuição brilhante na pós-produção do Videocast #PapoRetoIST.

À minha família de amigos de São José do Rio Preto-SP, que transformou minha vida e faz da distância apenas um detalhe de uma saudade constante. Minha madrinha Marlene Aparecida Vicco, Heitor Fernandes, Carla Marques, Robert Morais, Alexandre Aldo e Leandro Campos, meus sinceros agradecimentos por me incentivarem a cursar esse mestrado, obrigado pela amizade e carinho.

Ao meu colega de curso e agora amigo, Thiago Salles, parceiro de sala de aula e de bons papos cabeças. Além da amizade, agradeço por toda a dedicação a produção e gravação do Videocast #PapoRetoIST.

À Dra. Rayanne Cupollilo, médica e professora adjunta de medicina da UFRJ e ao mestre em saúde pública e enfermeiro Marcos Araújo, minha gratidão pela disponibilidade e pelas valiosas contribuições técnicas ao Videocast #PapoRetoIST. A participação de vocês foi essencial para o sucesso desta pesquisa.

À coordenação, à direção e ao corpo docente do Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na educação da Unicarioca, bem como os mestrandos colegas das turmas 17 A e B, doutorandos e demais companheiros do programa, agradeço por compartilharem esse processo de forma colaborativa e enriquecedora.

Por fim, agradeço imensamente a todos os colegas do meu grupo de Cidadania e Diversidade Social. As trocas, carinho e a união foram determinantes para que essa jornada fosse, acima de tudo, feliz, significativa e bem-sucedida.

RESUMO

No ambiente escolar a educação sexual configura-se como importante ferramenta de conscientização e conhecimento sobre práticas sexuais seguras, permitindo que jovens desenvolvam autonomia, protagonismo e capacidade de autocuidado. Diante das dificuldades de abordagem do tema e da pouca existência de formação de professores permanente e atualizada, esta pesquisa teve como objetivo desenvolver uma proposta pedagógica, mediada por tecnologias digitais, para profissionais da educação e comunidade escolar, com ênfase na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). A metodologia consistiu na (i) realização de uma pesquisa preliminar com 102 profissionais da educação acerca dos desafios da educação sexual nas escolas; (ii) na produção audiovisual de uma série educativa temática no formato de Videocast, composta por quatro episódios; (iii) na elaboração, aplicação e avaliação da oficina pedagógica, realizada de forma online, com 23 participantes e, por fim, (iv) na produção de material didático digital de apoio aos educadores.Como resultado destaca-se a compreensão da importância da educação sexual para o público escolar e a boa aceitação do uso do videocast como recurso pedagógico para abordagem do debate sobre prevenção de ISTs. Conclui-se que a oficina pedagógica, videocast e e-book tem potencial para apoiar a formação continuada de educadores, oferecendo recursos acessíveis e contextualizados para a abordagem da educação sexual no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação Sexual. Prevenção de ISTs. Tecnologias Digitais na Educação. Oficina Pedagógica. Cidadania na Educação.

ABSTRACT

In the school environment, sex education serves as an important tool for awareness and knowledge about safe sexual practices, allowing young people to develop autonomy, agency, and self-care skills. Given the difficulties in approaching this topic and the scarcity of ongoing, updated teacher training, this research aimed to develop a pedagogical proposal mediated by digital technologies for education professionals and the school community, with an emphasis on the prevention of Sexually Transmitted Infections (STIs). The methodology consisted of (i) conducting a preliminary survey with 102 education professionals regarding the challenges of sex education in schools; (ii) producing a thematic educational videocast series consisting of four episodes; (iii) designing, implementing, and evaluating an online pedagogical workshop with 23 participants; and, finally, (iv) producing digital teaching material to support educators. As a result, the findings highlight an understanding of the importance of sex education for the school community and a positive acceptance of videocasts as a pedagogical resource for facilitating debates on STI prevention. It is concluded that the pedagogical workshop, videocast, and e-book have the potential to support the continuing education of educators by providing accessible and contextualized resources for addressing sex education in the school environment.

Keywords: Sexual Education. STI Prevention. Digital Technologies in Education. Pedagogical Workshop. Citizenship in Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Infográfico Percurso Metodológico ..... pág 28
Figura 2 – Ilustração Etapas de Planejamento *Videocast* ..... pág 82
Figura 3 – Roteiro Episódio 1 .....pág 84
Figura 4 – Arte da Logo do Videocast #PapoRetoIST ..... pág 85
Figura 5 – Foto dos Participantes no Videocast #PapoRetoIST……pág 87
Figura 6 – Foto da Gravação do *Videocast* #PapoRetoIST…….....pág 89
Figura 7 – Foto equipe *Videocast* #PapoRetoIST……...pág 89
Figura 8 – Foto ilha de edição do *Videocast* #PapoRetoIST.....pág 90
Figura 9 – Foto do canal do Youtube do *Videocast* #PapoRetoIST.....pág 91
Figura 10 – Foto do pesquisador André Bastos divulgando o Videocast.....pág 92
Figura 11 – *Apresentação do Videocast no evento acadêmico VII Colóquio UniCarioca 2025*..... pág 92
Figura 12 – *Convite Oficina Pedagógica Educação Sexual para Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis*.....pág 93
Figura 13 – *Apresentação da proposta da Oficina Pedagógica Educação Sexual para Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis para os participantes*……pág 95
Figura 14 – *Oficina Pedagógica Educação Sexual para Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis - Roda de Conversa e ações colaborativas com os participantes.* .....pág 96
Figura 15 – *Oficina Pedagógica Educação Sexual para Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis - Apresentação do Recurso Pedagógico a ser utilizado*…….....pág 98
Figura 16 – *Oficina Pedagógica Educação Sexual para Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis - Apresentando a IST Sífilis utilizando o e-book Diálogos que Protegem*…….....pág 98
Figura 17 – *Oficina Pedagógica Educação Sexual para Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis - Apresentando Etapas de Produção do Videocast* …….....pág 99
Figura 18 – *Oficina Pedagógica Educação Sexual para Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis - Aplicação Questionário Avaliação da Oficina Pedagógica*.....pág 100

Figura 19 – *Capa do E-book Diálogos que Protegem* .....pág 110
Figura 20 – *E-book Diálogos que Protegem - Capítulo Educação no contexto escolar* .....pág 111
Figura 21 – *E-book Diálogos que Protegem - Tipos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs): HPV* (Papilomavírus Humano) - Parte I …….pág 113
Figura 22 – *E-book Diálogos que Protegem - Tipos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs): HPV* (Papilomavírus Humano) - Parte II. .....pág 113
Figura 23 – *E-book Diálogos que Protegem - O uso do Audiovisual como recurso pedagógico*.....pág 114
Figura 24 – *E-book Diálogos que Protegem - O uso do Audiovisual como recurso pedagógico* .....pág 115

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Pesquisa Preliminar: Levantamento sobre etapa de atuação do profissional da educação ..... pág 31
Gráfico 2 – Pesquisa Preliminar: Levantamento sobre tempo de docência dos professores participantes .....pág 32
Gráfico 3 –Pesquisa Preliminar: Levantamento sobre tempo de atuação em instituição de ensino de equipe educacional .....pág 33
Gráfico 4 – Pesquisa Preliminar: Levantamento sobre atuação em instituição de ensino se é pública ou privadas ..... pág 34
Gráfico 5 – Pesquisa Preliminar:Levantamento sobre localização da instituição de ensino dos participantes .....pág 36
Gráfico 6 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão: Educação sexual nas Escolas: Sinto-me preparado(a) para abordar conteúdos relacionados à sexualidade com os alunos
.....pág 37
Gráfico 7 – Pesquisa Preliminar- Respostas da questão: Educação sexual nas Escolas: Tenho acesso a materiais de apoio adequados para tratar desse tema.
.....pág 39
Gráfico 8 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão: Educação sexual nas Escolas: Considero que a educação sexual contribui para a prevenção de violências e desigualdades…….pág 40
Gráfico 9 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão:Educação sexual nas Escolas: Falar de sexualidade em sala de aula ainda é um tabu na escola em que atuo.. .....pág 41
Gráfico 10 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão: Educação sexual nas Escolas: Receio reações negativas da comunidade escolar/famílias ao trabalhar o tema…..... pág 43
Gráfico 11 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão : Educação sexual nas Escolas: Acredito que a educação sexual deve ser trabalhada de forma transversal, em diferentes
disciplinas..... pág 44

Gráfico 12 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão: Educação sexual nas Escolas: A gestão escolar apoia professores que abordam essa temática em sala de aula.....pág 45
Gráfico 13 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão: Educação sexual nas Escolas: Tenho clareza sobre as diretrizes oficiais que orientam a educação sexual.....pág 47
Gráfico 14 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão: Educação sexual nas Escolas: Educação sexual nas Escolas: A educação sexual contribui para o desenvolvimento da cidadania e do respeito à diversidade.....pág 48
Gráfico 15 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão: O uso de tecnologias digitais pode aumentar o interesse dos estudantes pela educação sexual.....pág 50
Gráfico 16 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão: Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais: Recursos digitais favorecem uma abordagem mais inclusiva:.....pág 51
Gráfico 17 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão : Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais: A infraestrutura tecnológica disponível na escola é adequada:.....pág 53
Gráfico 18 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão:Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais: Preciso de maior formação para utilizar recursos digitais em atividades de educação sexual.....pág 55
Gráfico 19 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão: Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais:Atividades digitais podem facilitar a abordagem de temas sensíveis de forma ética e segura……pág 57
Gráfico 20 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão: Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais:O uso de videocasts pode ser uma estratégia eficaz para tratar da educação sexual com estudantes……...pág 58
Gráfico 21 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão: Acredito que o videocast pode estimular a reflexão crítica e a participação ativa dos alunos sobre sexualidade..... pág 60

Gráfico 22 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão: Com base em sua experiência, quais são os principais desafios ou barreiras que dificultam a implementação de práticas de educação sexual no contexto escolar?..... pág 65

Gráfico 23 – Pesquisa Preliminar - Respostas da questão: ilustração dos temas percebidos na resposta discursiva da seguinte questão:Na sua visão, que benefícios o uso pedagógico de tecnologias digitais, especialmente do videocast, pode trazer para o trabalho com a educação sexual nas escolas .....pág 74

Gráfico 24 – Avaliação Oficina Pedagógica: A oficina apresentou conteúdos relevantes para a compreensão da Educação Sexual voltada à prevenção de ISTs. .....pág 102

Gráfico 25 – Análise dos dados e discussão - Avaliação Oficina Pedagógica: às informações fornecidas pela oficina poderão ser aplicadas no meu ambiente educacional.....pág 104

Gráfico 26 – Análise dos dados e discussão - Avaliação Oficina Pedagógica: a metodologia utilizada facilitou meu entendimento sobre o tema.....pág 105

Gráfico 27 – Análise dos dados e discussão - Avaliação Oficina Pedagógica: Sinto-me mais preparado(a) para abordar Educação Sexual e prevenção de ISTs em contextos pedagógicos após a oficina. ..... pág 106

Gráfico 28 – Percepção de preparo dos profissionais da educação para abordar conteúdos de sexualidade..... pág 119

Gráfico 29 – Disponibilidade de acesso a materiais de apoio adequados para o tratamento do tema nas instituições.....pág 119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Respostas da Questão Discursiva 1: Com base em sua experiência, quais são os principais desafios ou barreiras que dificultam a implementação de práticas de educação sexual no contexto escolar?..... pág 62

Quadro 2 – Quadro de Análise de Bardin do conteúdo: Desafios na Abordagem da Educação Sexual e ISTs .....pág 66

Quadro 3 – Respostas Discursiva 2: Na sua visão, que benefícios o uso pedagógico de tecnologias digitais, especialmente do videocast, pode trazer para o trabalho com a educação sexual nas escolas (exemplos:maior engajamento, acessibilidade, diálogo com os estudantes) .....pág 71

Quadro 4 – Quadro de Análise do conteúdo: Benefícios o uso pedagógico de tecnologias digitais, especialmente do videocast, pode trazer para o trabalho com a educação sexual nas escolas.....pág 75

Quadro 5 – Quadro Estrutura dos Episódios Videocast. .....pág 80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

HAV – Hepatite A
HBV – Hepatite B
HCV – Hepatite C
HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana
HPV – Papilomavírus Humano
IST - Infecções Sexualmente Transmissíveis

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **1**

1.1. Inquietação 1
1.2. Caracterização do Problema 3
1.3. Tecnologia na Educação 6
1.4. Relevância 8
1.5 Estrutura dos Capítulos 9

2. OBJETIVOS 11

2.1 Objetivo Geral 11
2.2 Objetivos Específicos 11

3.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **12**

3.1. A Sexualidade como Construção Histórica 12
3.2. Direito Sexual em diálogo com a BNCC e as outras legislações 15
3.3. Diálogos que Protegem: Educação Sexual no contexto escolar 19
3.4 Educação Sexual para a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) 21
3.5.O uso do Audiovisual como recurso pedagógico 24

4. PERCURSO METODOLÓGICO **26**

5. ETAPAS DO PERCURSO METODOLÓGICO COM A DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS **28**

5.1. Pesquisa Exploratória Preliminar 28
5.2. Desenvolvimento do Videocast 79
5.3. Realização da Oficina Pedagógica 92
5.4 Avaliação da Oficina Pedagógica 100
5.4 Desenvolvimento do Material Didático (E-book) 108

6. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO 116

7. CONCLUSÃO 123

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 125

APÊNDICES E ANEXOS 137

1. INTRODUÇÃO

1.1. Inquietação

Atuo profissionalmente há quinze anos em emissoras de televisão realizando novelas, séries, programas de tvs, dentre outros, e com isso tive a possibilidade de conhecer e ter contato com diversos temas relacionados aos direitos humanos e cidadania, temáticas que tive identificação e um grande interesse em trabalhar e me aprofundar.

Formado em 2007 em técnico em produção Audiovisual, trabalhei desde 2008 na área cinematográfica, com diferentes temas. No trabalho de campo era necessário realizar pesquisas e contatos para colaborar com roteiros, produção de conteúdos e elaboração de pautas. Nesse processo tive a oportunidade de me aproximar de organizações não governamentais (ONGs), instituições de ensino filantrópicas e orfanatos que me trouxeram novas perspectivas de assuntos que ainda afligem grande parte da população, sobretudo a juventude.

Ao realizar uma transição de carreira para área da educação e me formar no ensino superior em licenciatura em Artes Visuais, no ano de 2022, tive a chance de trabalhar na educação básica como estagiário das disciplinas de Artes, Projeto de Vida e Linguagens no Ensino Fundamental II e Ensino Médio de escolas públicas da rede estadual de São Paulo. Ao entrar em contato com esse universo da educação, pude conhecer bem de perto a realidade de algumas instituições de ensino, suas dificuldades e demandas do cotidiano escolar.

No contexto da disciplina Projeto de Vida aprofundei meus debates sobre questões de cidadania e direitos humanos, onde pude observar e conhecer diversas questões de conflitos de alunos que não encontravam espaço no ambiente escolar para debate, acolhimento e aprendizados.

Percebi que questões como sexualidade e gênero, desigualdade social, intolerância religiosa, LGBTfobia, *bullying*, violência doméstica, uso de drogas, saúde mental, dentre outros, eram evitados de serem tratados pelo simples fato do medo do desdobramento que essas discussões poderiam gerar na comunidade escolar.

Poucos anos depois, ingressei no Instituto Federal de São Paulo (IFSP), para atuar na equipe de ensino do laboratório do curso técnico de audiovisual, ficando responsável pelo desenvolvimento do material de divulgação da comunicação do campus nas redes sociais, com a criação de vídeos que pudessem gerar identificação com os alunos e interesse deles na instituição.

Neste momento, percebi que seria muito interessante colocar em prática a produção de conteúdo que dialogasse com a comunidade escolar, abordando justamente temas referentes à cidadania e às diversas pautas sociais contemporâneas.

No IFSP, realizei a confecção de um minidocumentário, gravado nas dependências da escola, com uma professora da instituição no papel de apresentadora e a participação de diversas alunas. Elas relataram suas histórias e abordaram temas delicados como assédio e desigualdade de gênero, refletindo criticamente sobre a efeméride do dia internacional das mulheres.

Este minidocumentário teve boa receptividade da comunidade escolar, como a identificação dos alunos em se verem representados pelos seus próprios colegas e o uso dessa mídia por muitos professores em atividades complementares em sala de aula. Sendo assim, fica evidente a importância do recurso audiovisual como ferramenta educacional para ajudar no debate de pautas sociais contemporâneas dentro da comunidade escolar.

A intenção de seguir na produção de minidocumentários sobre temáticas sociais e culturais foi levada para outra instituição de ensino onde realizava estágio. Porém, me deparei com a dificuldade de produzir um documentário sobre a comunidade LGBTQIAPN +. A reação negativa da comunidade escolar demonstrou o pouco espaço de discussão dentro das instituições de ensino, assim como a existência de tabus e preconceitos em relação a alguns temas, sobretudo, relacionados à sexualidade e à educação sexual.

De um modo geral, apesar de significativos avanços no assunto, temas relacionados à sexualidade ainda são polêmicos e de difícil abordagem, sobretudo com jovens do século XXI, imersos em grande quantidade de informação desqualificada e equivocada para sua formação. Neste sentido, a dificuldade ou inexistência de espaços para debates de temas tão relevantes para o crescimento

pessoal dos alunos direcionou meu interesse para pensar em mudanças possíveis desse contexto.

Em face do exposto, minha inquietação consiste na pouca disponibilidade de espaços de aprendizados de temas e conteúdos relacionados à educação sexual para educadores, cujo conhecimento é necessário para o bem-estar e a saúde dos alunos, considerando o desenvolvimento de jovens cidadãos conscientes e informados sobre as possibilidades de autocuidado para alcançarem uma vida sexual plena e segura. Sob a ótica dos direitos sexuais, enquanto direitos humanos, entendo a importância da educação sexual como ferramenta essencial para promover uma vida segura e autônoma dos jovens, incentivando a esses cidadãos a utilização de estratégias de prevenção para o seu bem-estar e saúde individual e coletiva.

1.2. Caracterização do Problema

A sexualidade, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), constitui uma dimensão central da vida humana, presente em todas as fases do desenvolvimento, envolvendo aspectos corporais, emocionais, sociais, culturais e afetivos. Esse conceito abrange sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução (Beraldi *et al.*, 2025), e será ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa .

Além da perspectiva biológica, a sexualidade compreende, segundo os autores Beraldi *et al*. (2025), práticas, formas de expressão e modos de pensar e agir, sendo atravessada por fatores psicológicos, sociais, culturais, históricos e políticos. Dessa forma, íntegra a constituição da personalidade, manifesta-se nas relações interpessoais e influencia pensamentos, comportamentos e a saúde física e mental.

Ao analisar a construção histórica da sexualidade, Gagliotto *et al* (2023) pontua que ela é inerente a todo ser humano, uma vez que ao longo de nossa vida vamos entendendo, compreendendo cada vez mais o nosso corpo físico e nossas emoções, e explorando nossos desejos. Sendo assim, aprendemos a nos conhecer e nos desenvolver também através da sexualidade.

A construção da sexualidade de um indivíduo vai ser desenvolvida durante toda a sua trajetória, sendo majoritariamente marcada pela influência de contextos

sociais e impactada pela cultura que o sujeito está inserido, resultando na forma como se lida com ela (Cassiavillani e Albrecht, 2023).

A partir das pesquisas de Stumpf *et al* (2023), podemos observar a forma que a sexualidade e práticas sexuais são tratadas por uma grande parcela da sociedade com estigma, tabu e moralismo. Esses fatores, atrasam a ampla oferta de conteúdos sobre educação sexual para crianças e jovens, cujo objetivo é proporcionar conhecimentos para uma vida sexual saudável e segura, colaborando, por exemplo, para evitar casos de exploração sexual e abusos.

A educação sexual, segundo Lima *et al.* (2023), promove uma conscientização de práticas sexuais seguras, como o conhecimento sobre métodos contraceptivos e prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Apesar da família ser extremamente importante na condução deste processo, a falta de conhecimento da maioria dos pais e responsáveis sobre o tema colabora para uma insuficiência na transmissão de informações. Um bom conhecimento do indivíduo sobre sua sexualidade, pode evitar casos de violência e prevenir o abuso sexual e colaborar diretamente com a saúde pública, possibilitando a construção de saberes que perduram por toda a vida.

Neste sentido, educação sexual configura-se como uma ferramenta de reflexão e diálogo sobre a sexualidade sob uma perspectiva didática, científica e acadêmica, abrangendo temas como anatomia e fisiologia humana, relações de gênero, direitos sexuais possibilitando aos sujeitos o amplo acesso ao conhecimento para uma vida sexual segura e plena, permitindo a todos alcançar cidadania (Ribeiro, 2017).

Na perspectiva de Rotondano (2023), a escola se apresenta como um local importante no combate à desinformação, ao utilizar o diálogo para obter o entendimento da sexualidade. Ainda segundo este autor, tem se tornado muito comuns relatos de professores que registram a insegurança de desenvolver projetos de educação sexual, devido ao reflexo negativo proveniente da comunidade escolar, inclusive com registros de ameaças, punições e desprezos da parte da maioria dos pais, responsáveis e gestores. Mesmo enfrentando críticas, a escola resiste como espaço de conhecimento nesta temática, atuando na educação sexual de crianças e jovens visando a formação de sujeitos críticos.

Os estudos de campo a partir da análise da BNCC feitos por Vicente (2024), conseguem identificar a ausência da temática da educação sexual no planejamento didático e na grade curricular da maioria das instituições de ensino pesquisadas. A falta de projetos desenvolvidos e pouco material de apoio impactam no desenvolvimento de jovens, que alegam, em sua maioria, a ausência de espaços para elucidar suas dúvidas, trabalhar suas questões e condições sexuais, compreender e respeitar a pluralidade sexual.

Ainda segundo Vicente (2024), essa lacuna relatada pelos jovens de não encontrarem na escola espaços de orientação e acolhimento, afeta a forma de se sentirem parte de uma comunidade escolar inclusiva e diversa, gerando assim pouca identificação com a instituição, a sensação de não pertencimento e o desinteresse em frequentar este ambiente. Todos esses fatores relatados impactam na formação do estudante na esfera educacional e cidadã.

De acordo com Silva e Guimarães (2023), esses entraves sociais e culturais geram barreiras significativas na escola, pois o moralismo e as crenças individuais muitas vezes silenciam o debate científico, privando os estudantes de um acolhimento essencial para sua saúde e desenvolvimento integral.

Além da barreira do silêncio, a falta de formação dos professores e a escassez de recursos pedagógicos apropriados consolidam as principais lacunas do cenário atual. Como alertam os autores Nogueira *et al.* (2016), a falta de formação adequada e personalizada limita severamente a atuação do professor em sala de aula. Esse diagnóstico inicial confirma que a inércia pedagógica em relação à educação sexual não decorre do desinteresse dos docentes, mas sim da falta de ações práticas para estabelecer políticas de formação continuada que ofereçam a segurança necessária para atuar de forma ética e responsável.

Nesse contexto, o problema de pesquisa caracteriza-se pela carência de ações de formação continuada, apoiadas por materiais pedagógicos digitais, acessíveis e contextualizados, que capacitem os profissionais da educação para a abordagem da educação sexual, com ênfase na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), junto a estudantes do Ensino Fundamental e à comunidade escolar.

1.3. Tecnologia na Educação

No contexto do século XXI, os recursos tecnológicos passaram a ocupar uma posição estratégica nos processos educacionais em escala global. A expansão dos meios digitais, aliada ao surgimento de ambientes virtuais de aprendizagem, impulsionaram novas formas de ensinar e aprender, tornando a tecnologia um eixo central nos debates sobre ampliação e equidade no acesso à educação digital (Gomes *et al.*, 2024).

Ao analisar os efeitos dessas transformações no campo educacional contemporâneo, os autores Gomes *et al.* (2024) observam a necessidade de considerar o percurso histórico da tecnologia ao longo do tempo. Desde a introdução dos computadores pessoais até os avanços mais recentes em inteligência artificial e realidade virtual, observa-se uma incorporação progressiva dessas ferramentas aos contextos educativos.

A tecnologia desempenha um papel central na educação contemporânea ao transformar as práticas de ensino e aprendizagem. Seu uso amplia as estratégias pedagógicas, favorece a interação e estimula o engajamento dos estudantes. O acesso rápido a informações atualizadas fortalece a pesquisa e o contato com diferentes fontes de conhecimento (Gallo *et al.*, 2024).

Segundo os autores Gallo *et al* (2024), nesse cenário, os alunos assumem maior autonomia e protagonismo em seu processo formativo. Além disso, as tecnologias ampliam os limites da sala de aula ao conectar diferentes contextos e perspectivas culturais promovendo a formação personalizada, combatendo desigualdades sociais e permitindo o acesso à educação.

Segundo Tamashiro e Fonseca (2024), as tecnologias na educação são ferramentas utilizadas para propagar conteúdos de forma muito eficiente e rápida, além de dialogar com o público em geral de forma lúdica, facilitando assim a adesão desses recursos educacionais.

De acordo com Oliveira (2019), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza a relevância da educação midiática no processo de formação integral dos estudantes, ao incluir a competência geral relacionada à cultura digital. Essa diretriz aponta para a necessidade de preparar os alunos para uma atuação ética, crítica e responsável nos diferentes contextos sociais, reconhecendo as tecnologias digitais

como instrumentos fundamentais para o exercício da cidadania e sua formação educacional.

No âmbito da relação do uso de tecnologias digitais com saúde há alguns trabalhos que podem ser destacados. Nos estudos de Lanes *et al.* (2023), percebemos que o uso pelos pesquisadores de tecnologias educativas para transmitir conhecimento no programa saúde na escola, trouxe uma excelente aderência da comunidade escolar. Esse fato pode ser comprovado pela eficácia na absorção do conteúdo por docentes, discentes e equipe pedagógica reforçando a importância da criação e divulgação deste material de suporte que posteriormente se constituiu como um instrumento assistencial, sendo amplamente utilizado para a transmissão de conhecimento naquela instituição.

Na pesquisa de Leite *et al.* (2022), os autores relatam a fundamental participação do público alvo na construção da mídia. Para construir a tecnologia p*odcast,* o grupo de pesquisa contou com a participação direta dos adolescentes a partir de diálogos e debates conduzidos por educadores bem preparados, visando a elaboração do roteiro, com o propósito de construir um material alinhado com as demandas daqueles jovens. Sendo assim, o recurso tecnológico digital foi construído para que a aprendizagem ocorresse de forma precisa e direcionada, utilizando um produto de baixo custo, fácil manuseio e personalizado de acordo com as demandas do público alvo, observando uma grande aderência e o cumprimento do seu objetivo: informar, conscientizar, promover saúde e realizar ações de autocuidado para esta população.

Um ponto importante sinalizado por Maciel *et al.* (2022) em sua pesquisa é a utilização de uma linguagem que aproxime o público e de fato se comunique. Ao desenvolverem um *serious game* - jogos educativos -, para o público jovem sobre o conhecimento e prevenção do vírus *HPV* (Papilomavírus Humano), constatou-se que o uso da linguagem coloquial foi extremamente importante para a aderência da ferramenta e seu posterior sucesso. Nesta pesquisa pode-se observar mais uma vez, a importância de construir tecnologias que representem e estejam alinhadas às demandas populacionais para promover conhecimento de acordo com as lacunas constatadas daquele público a que elas são direcionadas, possibilitando a efetiva promoção da saúde e pulverização do saber. Com a utilização dos jogos educativos, os pesquisadores observaram a aquisição de conhecimento dos participantes e

celebraram resultados positivos na tecnologia como instrumento de suporte educativo e terapêutico.

A tecnologia na educação tem se tornado uma grande aliada no fortalecimento da propagação de conteúdos para a promoção da educação em saúde. De acordo com Duarte *et al.* (2024), o uso do audiovisual como estratégia de ensino para promoção de saúde sendo utilizado como instrumento de conhecimento sobre o *HIV* (Vírus da imunodeficiência humana), apresentou resultados positivos devido às características da tecnologia: fácil assimilação, poder de comunicação com as grandes massas, fácil propagação e absorção de conhecimento da mensagem transmitida.

A presente pesquisa reforça a necessidade que temos visualizado nos estudos anteriores: a importância de personalizar e realizar adaptações para que as tecnologias desenvolvidas dialoguem com seu público alvo, tornando-se assim um instrumento poderoso de transmissão de conhecimento e atingindo seu objetivo final. Neste exemplo, o audiovisual demonstrou ser uma ferramenta eficaz para transmissão de conteúdo.

1.4. Relevância

A relevância desta pesquisa consiste em contribuir e reforçar a necessidade de mais abordagem sobre educação sexual nas instituições de ensino do nosso país. Com a possibilidade de educadores realizarem ações e projetos com a temática educação sexual, pode-se oferecer ao discente a oportunidade de esclarecimento de suas dúvidas, conhecimento correto sobre sexualidade e maior entendimento sobre questões de gênero e diversidade.

Ao fornecer ferramentas de conhecimento de educação sexual em suas instituições de ensino, a equipe educacional fortalece o saber como principal instrumento de transformação e oferece recursos importantes para que os jovens tenham uma vida sexual segura e se tornem emancipados, de modo que tenhamos estudantes protagonistas da sua própria sexualidade, com capacidade de se autocuidar e evitar casos de ISTs, gravidez indesejada, abusos e violências sexuais. (Firme *et al.,*2024).

De acordo com Castro *et al., (*2023) jovens que frequentam o ensino público são mais propensos a iniciarem sua vida sexual sem os conhecimentos necessários referente à prevenção e sexualidade, enquanto os estudantes de escolas privadas possuem maior acesso a profissionais que são capacitados nessa temática para ofertarem as devidas orientações. Considerando o maior risco para classes sociais mais vulneráveis, torna-se extremamente necessário a formação continuada dos docentes e da comunidade escolar para abordar esse tema nos espaços educacionais (Castro *et al.,* 2023).

Ao analisar as pesquisas de Magrin *et al.* (2022), observamos que o debate sobre sexualidade nas instituições de ensino contribui com toda a comunidade escolar, possibilitando que docentes, profissionais da instituição e discentes ao estudarem sobre o tema e ter o aprendizado correto, se tornem aliados na disseminação da informação, criando assim uma rede de conhecimento e acolhimento dentro da comunidade escolar.

Nesse sentido, promover educação sexual na escola contribui com a saúde pública brasileira, oferecendo ferramentas para que jovens possam desenvolver a capacidade de entendimento a respeito de sua sexualidade, diversidade e pluralidade sexual, fortalecendo o respeito e empatia. Cabe ressaltar, que a maioria dos casos de violência sexual são identificados no ambiente escolar, uma vez que a educação sexual possibilita o jovem a perceber, detectar e denunciar situações de riscos, evitando assim novos ou possíveis casos de abusos e violências sexuais (Campos *et al.,* 2021).

A escola, para Sousa *et al.* (2021), mais uma vez se estabelece como um dos principais espaços que podem proporcionar educação sexual de qualidade para os jovens, pois é vista como um ambiente seguro para debate, acolhimento e orientação. Sendo assim, torna-se relevante ter uma equipe preparada para o desenvolvimento de ações acerca deste tema dentro das instituições de ensino, como também aprimorar e atualizar a linguagem do material didático a ser ofertado, assim como adequar o conteúdo considerando a região, classe social e nível educacional dos alunos contemplados. Essas intervenções podem mudar completamente a vida dos jovens, podem contribuir para evitar casos de abusos e violência sexual, promover autocuidado e colaborar para preservação da integridade desses adolescentes.

1.5. Estrutura dos Capítulos

Essa dissertação está organizada em sete capítulos, com subdivisões. Os capítulos 1 e 2 referem-se à Introdução e Objetivos (Geral e Específicos), respectivamente, sendo a Introdução composta por inquietação, caracterização do problema, tecnologias digitais na educação e relevância, que contextualizam a pesquisa. O capítulo 3 refere-se à fundamentação teórica que articula o conceito de sexualidade com os autores Foucault (1988), Louro (1997) e Gagliotto(2023), ao debate das legislações sobre o tema BNCC e PCN com os autores Vicente (2023) e Ribeiro (2017) ; com o uso do audiovisual como ferramenta pedagógica, a partir dos autores Mora (2007), Montaño (2015), Silbiger (2017) e Fantin (2006).

Na sequência, o capítulo 4 apresenta resumidamente o percurso metodológico e o capítulo 5 detalha as etapas do percurso metodológico, onde foi explicado sobre o questionário exploratório realizado, a concepção e desenvolvimento do videocast, a elaboração, aplicação e avaliação de uma oficina formativa com professores, além da apresentação do material didático sobre a oficina.

O trabalho se encerra com o capítulo 6 no qual foi realizada a análise geral dos dados e debate, e com as considerações finais, no capítulo 7. Apêndice e anexos compõem o corpo dessa dissertação, trazendo aprofundamentos importantes.

2. Objetivos

2.1 Objetivo Geral

Desenvolver uma proposta pedagógica, mediada por tecnologias digitais, voltada à formação continuada de profissionais do Ensino Fundamental para a abordagem da educação sexual, com ênfase na prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

2.1.1. Objetivos Específicos

- Identificar as principais dificuldades relacionadas à abordagem sobre educação sexual pelos docentes do ensino fundamental anos finais e comunidade escolar;
- Produzir um videocast voltado para docentes do ensino fundamental anos finais e comunidade escolar como recurso de apoio à temática de promoção da educação sexual;
- Desenvolver uma oficina pedagógica para formação de docentes do ensino fundamental anos finais e comunidade escolar sobre educação sexual, com apoio de tecnologias digitais;
- Avaliar a oficina pedagógica para formação de docentes do ensino fundamental anos finais e comunidade escolar sobre educação sexual;
- Elaborar material didático, em formato de *e-book*, como ferramenta de apoio para docentes do ensino fundamental anos finais e comunidade escolar sobre educação sexual;

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. A Sexualidade como Construção Histórica

A sexualidade humana não está ligada apenas a aspectos biológicos, desejos e emoções. Afetividades e subjetividades são fatores fundamentais para a sua construção. As interações sociais, religião, política e a economia moldam como ela será compreendida social e culturalmente de acordo com o momento histórico que os sujeitos vivenciam (Figueiró, 2009).

A construção da sexualidade é influenciada por ideias e (pre)conceitos da sociedade que impõe uma visão dominante sobre o que ela deve ser e como deve ser vivenciada. Neste sentido, regras, valores, medos, vergonhas e jeitos específicos de sentir e se expressar são impostos a partir desta visão. O momento histórico em que vivemos e os interesses sociais, políticos e econômicos são fatores que moldam nossos corpos, comportamentos e maneiras de como devemos nos expressar (Louro, 1997).

Conforme aponta Gagliotto (2014), é preciso compreender a sexualidade a partir da ordem política, antropológica, econômica e social. Para isso, a autora faz uma análise de períodos históricos, desde a mitologia clássica europeia até os dias atuais, visando compreender como o comportamento humano e a construção de valores no mundo ocicental forjaram historicamente o conceito de sexualidade, moldando significados e posterior controle.

Ainda segundo Gagliotto (2014), os primeiros conceitos sobre sexo são obtidos da cultura mitológica, filosófica e cultural da Antiguidade Clássica, marcadamente da Grécia onde a humanidade não se tinha conhecimento dos aspectos biológicos, não compreendendo assim o processo da fecundação e gestação, colocando a figura feminina num patamar de divindade e mística.

Com a formação da cultura ocidental, o sexo irá perder até então a sua característica mística e seu uso voltado para o prazer e bem estar, se tornando-se uma atividade estratégica para natalidade e formação de núcleos familiares, uma ação lógica, racional e controlada, assim como heterossexual para que o fruto das relações sexuais fosse a geração de herdeiros com propósito de perpetuar descendentes (Nunes, 1987).

Sendo assim, o sexo é estabelecido na construção familiar como instrumento de reprodução. A figura feminina é designada com a função de fidelidade e submissão aos seus maridos enquanto para os homens o sexo é estimulado como prática para ressaltar e evidenciar sua masculinidade (Gagliotto, 2020).

Ainda segundo Gagliotto (2020), a constituição da sexualidade possui raízes históricas profundas que remontam à Antiguidade Ocidental. Com a transição para a Idade Média, a partir do século IV, quando o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano, intensificaram-se a desvalorização da figura feminina, a repressão à sexualidade, bem como os discursos de controle moral, pecado e culpa. Nesse contexto, desenvolveu-se uma concepção extremamente negativa da sexualidade, amplamente difundida por teóricos da época, como Santo Agostinho (354–430) e Lutero (1483-1546), que associavam a sexualidade ao perigo, à ameaça ao corpo e à alma, contribuindo para a construção de uma moral sexual repressiva durante o período medieval.

Para diversos teóricos cristãos da época, a sexualidade só era possível e justificada se fosse utilizada com o intuito da reprodução, qualquer atividade fora desse objetivo era condenada e combatida. O controle sexual era realizado através da obrigação da monogam ia nas relações, da proibição de práticas sexuais diferentes, inserção do medo e repressão para aqueles que praticassem sexo com o intuito de prazer sexual, relacionando-a a uma prática libertinosa e associada ao mal (Foucault, 2004).

Nesse sentido, conforme a interpretação de Foucault (2024), os teóricos cristãos incorporam em seus discursos estratégias de controle e dominação ao indicarem modelos específicos de organização da sociedade. A Igreja, desde seus primórdios, objetivada por uma lógica de poder, buscava reprimir a sexualidade, estabelecendo limites que impedissem os indivíduos de vivenciá-la plenamente. De acordo com a doutrina cristã, a sexualidade deve estar vinculada ao propósito divino da procriação, sendo rejeitadas manifestações que se distanciam dessa finalidade.

Posteriormente com o avanço da modernidade, período histórico inaugurado no século XV, houve profundas transformações nos âmbitos social, político, cultural e econômico, decorrentes de uma nova concepção de homem e de natureza, em uma reinterpretação do mundo e da organização social, esperava-se uma maior compreensão do papel do sexo na sociedade. Porém, durante esse período, observa-se um controle mais rigoroso sobre a sexualidade em comparação à Idade

Média, uma vez que toda a energia corporal precisava ser reprimida e redirecionada para a produtividade no trabalho. De um modo geral, as questões relacionadas à sexualidade passam a ser associadas ao capitalismo e à sua lógica de produção, de modo que o prazer sexual deveria ser contido para que a energia do corpo fosse inteiramente voltada ao trabalho alienado, contribuindo, assim, para o acúmulo de capital.

Segundo Nunes (1987), a sexualidade no capitalismo[1] se desdobra em dois momentos. Entre os séculos XVIII a XX, o autor relata que a sexualidade vitoriana[2] é caracterizada pela regulação dos instintos por meio de dispositivos médicos, religiosos e educativos. Nesse processo, a rainha Vitória atribuiu novos significados à sexualidade: enquanto, na Idade Média, o sexo era compreendido como pecado, o casamento passou a enquadrar a mulher em uma função essencialmente proletária a da reprodução de filhos que seriam destinados ao trabalho.

Na segunda fase do capitalismo descrita por Nunes (1987), observa-se um processo de intensa monetização da sexualidade. A proposta de uma Revolução Sexual acabou por transformar o sexo em um mecanismo de descompressão social, transformando em mercadoria sujeita às mesmas lógicas de compra e venda de outros bens de consumo.

Gagliotto (2019), ressalta que apenas na [3]contemporaneidade, no final do século XVIII, a sexualidade retorna ao campo de investigação das ciências humanas, sendo objeto de análise da psicologia, filosofia, política, sociologia e pedagogia.

---

[1] O termo Capitalismo foi usado aqui para referenciar um sistema econômico e social baseado na propriedade privada dos meios de produção (fábricas, terras, tecnologia) e na busca pelo lucro Capitalismo Comercial (sécs. XV-XVIII). Caracteriza-se pela liberdade de mercado, onde a produção e os preços são determinados pela lei da oferta e da procura, e pela relação salarial entre proprietários e trabalhadores.

[2] Refere-se ao conjunto de normas morais e costumes sexuais predominantes no Reino Unido durante o reinado da Rainha Vitória (1837-1901). Este período foi marcado por um forte puritanismo público, pela exaltação da castidade feminina e pela rígida separação entre a vida privada e a pública. Caracterizou-se pela repressão das pulsões sexuais e pelo silenciamento do tema nos espaços educativos e familiares.

[3] Período histórico que se inicia com a Revolução Francesa (1789) e se estende até os dias atuais. Época marcada pela transição de sociedades tradicionais para modelos de alta complexidade, onde temas como gênero, sexualidade e autonomia individual ganham centralidade nas agendas públicas.Caracteriza-se pela consolidação do capitalismo, pelo desenvolvimento científico-tecnológico acelerado e pela busca pela afirmação dos Direitos Humanos. No campo da educação, é o período em que a escola passa a ser vista como espaço de formação para a cidadania e diversidade.

Esse movimento é fortemente influenciado pelas contribuições de Engels (1820-1895), Marcuse (1898-1979), Freud (1856-1939), com um estudo fundamentado na psicanálise, e Foucault (1926-1984), que contribuiu para uma leitura crítica das articulações entre a sexualidade, o saber e poder

Assim, podemos entender que a sexualidade se constitui como construção histórica, cultural e social na sociedade fundamentada em estigmas negativos que culturalmente se perpetuaram (Gagliotto, 2019). Os tabus e preconceitos atuais revelam resquícios de períodos em que a sexualidade era concebida como algo pecaminoso, vergonhoso e proibido, refletindo como a sociedade do século XXI ainda tem dificuldade atualmente em compreender e lidar com questões sexuais.

Diante disso, compreende-se que conhecer a história da sexualidade é fundamental para o trabalho dos profissionais da educação. Esse conhecimento permite compreender a origem dos preconceitos e desconstruir os estigmas herdados ao longo do tempo, abrindo caminhos para promover a educação sexual de forma emancipatória nas escolas. Assim, ao entender como esses tabus foram construídos, os educadores ganham mais clareza e segurança para enfrentar as barreiras atuais e contribuir de verdade para a formação integral dos estudantes.

3.2. Direito Sexual em diálogo com a BNCC e as outras legislações

O conceito de Direitos Humanos, inseridos no âmbito dos Direitos Sociais, surgiu como resposta às atrocidades da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Baseados na universalidade, reconhece que todo ser humano possui direitos inerentes à sua condição, independentemente de contextos culturais ou sociais (Villela; Arilha 2003).

Segundo os autores Villela e Arilha (2003), os direitos humanos essenciais são aqueles que garantem o acesso à vida, saúde, alimentação, moradia, educação, ao afeto, bem como os direitos sexuais e reprodutivos. Garantir esses direitos, significa promover uma convivência social pautada na dignidade e na ausência de discriminação de classe, cultura, religião, raça, etnia ou orientação sexual. A igualdade só é possível mediante o respeito às diferenças, pois todos os direitos são interdependentes e essenciais para garantir o pleno exercício da cidadania.

Os direitos sexuais garantem a promoção da cidadania da população. A educação sexual configura-se como um espaço de reflexão e diálogo sobre os temas relacionados aos direitos sexuais: direitos das mulheres, criação de políticas de saúde sexual e reprodutiva, políticas para a prevenção e tratamento de HIV/AIDS e ISTs; direitos da população LGBTQIAPN+e a promoção da educação sexual. De modo adicional, os direitos sexuais contribuem para a construção de alianças entre diferentes movimentos sociais, a fim de enfrentar obstáculos compartilhados . Isso permite a realização de uma abordagem mais positiva da sexualidade e compreendendo-a não apenas como algo que deve ser protegido contra a violência e interferência, mas também como um bem social que merece ser respeitado, garantido e plenamente alcançado (Saiz, 2004).

A sexualidade sob uma perspectiva didática, científica e acadêmica, abrange temas como anatomia e fisiologia humana, relações de gênero, direitos sexuais possibilitando aos sujeitos o amplo acesso ao conhecimento para uma vida sexual segura, plena e assim com permitindo a todos alcançar cidadania (Ribeiro, 2017)

Nas últimas duas décadas, 1990 até 2010, a legislação nacional e internacional avançou significativamente ao reconhecer a reprodução e a sexualidade como dimensões dos Direitos Humanos e da Cidadania. No entanto, transformar esses princípios em políticas públicas que promovam igualdade, respeito à diversidade e exercício pleno da cidadania ainda representa um desafio para os governos que não investem em políticas públicas que garantam a plenitude desses direitos (Corrêa;Alves; Januzzi, 2006).

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 227, reconheceu crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, rompendo com a visão anterior que os tratava como propriedade dos pais. No ano seguinte (1989), a Convenção sobre os Direitos da Criança, da ONU, consolidou essa mudança de paradigma ao reafirmar a proteção integral e o protagonismo infanto-juvenil frente ao Estado, à família e à sociedade (Brasil, 1990).

Em sintonia com essa perspectiva, o Ministério da Saúde instituiu em 1989 o Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD), voltado à faixa etária de 10 a 19 anos e com foco em saúde sexual e reprodutiva. Entre os principais avanços legais

no país, destaca-se ainda o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, que regulamenta e reforça os princípios da Constituição de 1988 (Brasil, 1990).

Segundo as autoras Corrêa ; Alves; Januzzi (2006), os direitos sexuais, por sua vez, têm origem nos anos 90, impulsionados pelos movimentos gay, lésbico e feminista, que passaram a reivindicar reconhecimento e autonomia sobre o corpo e o desejo. Embora o termo “direitos sexuais” não apareça explicitamente no Programa do Cairo (Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento) de 1994, que foca em crescimento econômico, igualdade de gênero e saúde reprodutiva), o documento incorpora a noção de “saúde sexual”, conforme definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como elemento essencial da saúde.

A inclusão dos temas “gênero e sexualidade” na educação brasileira teve início com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997, que introduziram a Orientação Sexual como tema transversal ao lado de Pluralidade Cultural, Meio Ambiente e Saúde. Antes disso, essas questões eram pouco discutidas nas escolas. Desde então, o debate tem se ampliado nos espaços educacionais, ganhando relevância por envolver dimensões pedagógicas e sociais (Brasil,1997).

Ao incorporar temas como orientação sexual, sexualidade e identidade de gênero, o PCN de 1997 representou um marco na educação brasileira, uma vez que suas novas diretrizes pedagógicas foram, posteriormente, integradas às Diretrizes Curriculares Nacionais, contribuindo para a formulação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e uma educação mais plural. (Brasil,1997). A BNCC foi instituída pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/1996, que define as orientações e fundamentos para a organização do sistema educacional brasileiro. (Brasil,1996).

A sexualidade no ambiente escolar é natural, pois ela constitui um aspecto essencial da constituição humana. Dessa forma, a Educação Sexual deve ser entendida como parte integrante da formação integral do indivíduo, e não como um conteúdo isolado. Ao analisar a BNCC sob sua base teórica, observam-se três dimensões principais: o enfoque biológico da sexualidade, o silenciamento das discussões sobre gênero e o tratamento superficial dos direitos humanos (Brasil,2018).

Com a implementação dos PCN, datados entre 1997 e 2001, destacou-se a importância da formação docente para que temas como sexualidade e gênero

fossem tratados de forma transversal por todos os professores - porém a tarefa ficou concentrada nos docentes de Biologia. Foram desenvolvidos materiais de apoio e promovidos cursos de capacitação em escolas e instituições públicas, incentivando os educadores a se prepararem para trabalhar essas questões. A educação sexual passou a integrar o discurso das práticas educativas no Brasil (Nascimento e Chiaradia ,2017).

No início dos anos 2000, conforme os estudos realizados por Nascimento e Chiaradia (2017), período em que as instituições trabalhavam com a educação sexual foi marcado por diversas polêmicas que vinham crescendo na mídia e sociedade conservadora. O “Kit anti-homofobia” de 2011 produto originário do programa federal “Escola sem homofobia”, material educacional preparado para orientar docentes a lidar com questões da comunidade LGBTQIAPN+ dentro das instituições de ensino, foi atacado pela bancada política religiosa que divulgava que o material didático incentivava a prática da homossexualidade.

Na pesquisa histórica realizada pelos autores Nascimento e Chiaradia (2017), observa-se um progressivo enfraquecimento da abordagem sobre sexualidade nas escolas, com a exclusão do tema dos planos estaduais e municipais de educação. Esse movimento, impulsionado por setores conservadores, ganhou força com o projeto “Escola sem Partido”, criado em 2004 e transformado em proposta de lei em 2016. O projeto, mesmo que não aprovado, refletiu uma tentativa de restringir o debate sobre sexualidade e gênero nas instituições de ensino, sob a alegação de combater a chamada “ideologia de gênero”.

De acordo com a primeira versão da BNCC (1996) cabe aos anos finais do Ensino Fundamental abordar temas como sexualidade, reprodução e saúde, considerados essenciais para essa fase do desenvolvimento. O objetivo é que os estudantes compreendam o funcionamento do corpo, as transformações físicas e emocionais da adolescência e sua influência na autoestima, tornando-os capazes de desenvolver atitudes de autocuidado e respeito ao corpo alheio, promovendo a saúde física, mental, sexual e reprodutiva. (Brasil, 2018).

Durante o processo de aprovação e publicação das versões da BNCC, entre os anos 2015 até 2018, os temas relacionados a gênero, sexualidade e educação sexual enfrentaram intensa resistência de grupos ultraconservadores e da bancada evangélica no Congresso nacional. Essa pressão resultou na exclusão de expressões que garantiam a visibilidade e reconheciam os direitos da população

LGBTQIAP+ e na exclusão das políticas de educação sexual nas escolas com as ações de capacitação dos profissionais de ensino e a confecção de material didático sobre essa temática. As sucessivas alterações entre as versões da BNCC refletem esse embate político e ideológico em torno da inclusão desses temas na sociedade (Neira, et al. 2016).

As primeiras versões da BNCC incluíam referências a gênero, orientação sexual e diversidade, propondo uma abordagem crítica e reflexiva sobre a sexualidade. Contudo, diante da pressão de grupos conservadores e de disputas ideológicas, o MEC suprimiu esses termos da versão final que foi homologada em 2017, alegando controvérsia e prometendo futuras orientações específicas (Vicente,2023)

Esse recuo, segundo a autora Vicente (2023), representa um retrocesso em contraponto aos avanços conquistados em 1997 em relação a confecção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que já previam a inclusão da orientação sexual nos currículos. De um modo geral, essa exclusão enfraquece o enfrentamento de preconceitos, abusos e violências sexuais, limitando o papel da escola na promoção da educação sexual para ações voltadas ao respeito à diversidade e no processo de formação cidadã dos estudantes.

De acordo com a visão de Ribeiro (2017), o avanço de grupos religiosos e da bancada conservadora no congresso tem mobilizado grandes parcelas da população em protestos e discursos que buscam manter interesses próprios, influenciando políticas regressivas nas áreas da sexualidade e dos direitos reprodutivos que, por sua vez, impossibilitaram a educação sexual nas escolas. Sob o discurso moral e religioso, esse movimento tem provocado retrocessos significativos, comprometendo conquistas históricas ligadas aos direitos humanos.

Diante disso, torna-se essencial ampliar a compreensão dos educadores sobre sexualidade e educação sexual, munindo-os de ferramentas para enfrentar tabus e preconceitos ainda presentes na sociedade e contribuir para a formação integral dos indivíduos.

3.3. Diálogos que Protegem: Educação Sexual no contexto escolar

A sexualidade na adolescência e juventude representam fases centrais do desenvolvimento humano, marcadas por transformações físicas, emocionais e pela construção da vivência sexual. É comum durante essa jornada surgirem dúvidas sobre as melhores condutas de prevenção sexuais, possibilidades de autocuidado e formas de garantir uma vida sexual plena e segura. (Brasil,2013).

A adolescência representa um período caracterizado por transformações profundas que se manifestam em diferentes dimensões: biológica, psicológica, cognitiva, emocional e social que irão influenciar diretamente a forma como o indivíduo se percebe e interage com o mundo ao seu redor. (Fernandes, *et al.,*2019).

Conforme observam os autores Fernandes, *et al. (*2019), durante essa etapa, os jovens ficam mais expostos a situações de vulnerabilidade, condição proveniente da combinação entre a curiosidade natural dessa fase e a necessidade de afirmação social. Considerando a ainda limitada capacidade de avaliação das consequências de suas ações, especialmente na condução da sua vida e saúde sexual, os jovens podem adotar práticas sexuais inseguras, ter baixa aderência no uso de preservativo em todas as interações sexuais e pouco conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs),observando os poucos serviços de saúde personalizados para as necessidades dos adolescentes.

Devido a esse contexto, segundo o ministério da saúde (Brasil, 2013), a educação sexual é imprescindível no processo de formação desses jovens como cidadãos, oferecendo ferramentas importantes ao transmitir conhecimento adequado sobre vida sexual. Isso visa prevenir gestações não planejadas e infecções sexualmente transmissíveis, por exemplo, devendo esse processo ser conduzido de forma ética, respeitosa e livre de coerção, preconceito e violência.

Para tal, torna-se fundamental desconstruir a concepção ainda presente na sociedade brasileira de que a Educação Sexual se resume ao ensino da prática sexual, principalmente a falsa percepção de que tal ensinamento incentiva a antecipação da vida sexual entre jovens. Pelo contrário, o processo de instruir os jovens cidadãos têm a finalidade de orientar esse público a reconhecer situações de risco, assim como prevenir casos de abuso sexual e infecções sexualmente transmissíveis (Carvalho, *et al.* 2019).

A Educação sexual tem como objetivo esclarecer e orientar o público para uma prática sexual consciente e saudável, na qual o ensino não se limite ao aspecto orgânico, mas que contemple também as variáveis psicológicas e sociais que compõem a experiência sexual humana (Barcelos; Zaiade; Santos, 1996).

A Educação Sexual no contexto escolar tem como propósito, entre diferentes perspectivas, compreender o sujeito e a sua relação com o próprio corpo e com o corpo alheio, esclarecendo suas dúvidas, compreendendo inseguranças e conduzindo esses indivíduos num processo de conhecimento, proporcionando que a sexualidade seja vivenciada de forma plena, consciente e segura utilizando a escola como ferramenta de construção humana (Gagliotto, 2017).

Landini (2011) destaca que a escola, por ser a principal instituição de maior interação de crianças e jovens, configura-se como um local estratégico para identificar precocemente a violência sexual e principalmente como instrumento para realizar ações de prevenção e conscientização, assim como ações de promoção da educação sexual. Dessa forma, os discentes encontram a possibilidade de estabelecer precocemente estratégias de prevenção para combater, por exemplo, as ISTs, gravidez indesejada, assim como relatar casos de abuso e violência sexual.

A Educação Sexual busca estimular a comunicação aberta, o intercâmbio de experiências e a circulação de informações, promovendo um ambiente em que adolescentes possam refletir, questionar e compreender melhor suas vivências corporais e afetivas.Esse processo contribui para o desenvolvimento da autonomia individual no manejo da própria sexualidade, permitindo decisões mais conscientes e responsáveis. (Sfair, Bittar, Lopes, 2015).

Sendo assim, os autores (Sfair,Bittar,Lopes,2015), sinalizam que a educação sexual desempenha um papel crucial na promoção da saúde integral, atuando preventivamente para evitar experiências sexuais precoces ou realizadas sem o devido conhecimento, reduzindo diversas situações de vulnerabilidade.

A escola pode se tornar um espaço de construção de conhecimento em educação sexual e fornecer acolhimento para seus alunos. Para crianças e jovens é extremamente importante que eles possam contar com outros adultos além dos que formam sua família, porém esses educadores precisam de capacitação para estarem habilitados a lidar com esse público (Queiroz e Almeida, 2017).

3.4. Educação Sexual para a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) são doenças causadas por fungos, bactérias, protozoários e vírus, em sua maioria transmitidas por via sexual, o que lhes confere alta relevância epidemiológica e representa um dos mais importantes problemas da saúde pública. Elas podem afetar as regiões genital, anal ou oral de pessoas de qualquer sexo, especialmente quando há ausência ou uso incorreto de preservativos e métodos de prevenção (Sousa *et al*., 2017).

As ISTs apresentam grande potencial de disseminação e podem gerar sérios danos à saúde pois muitas infecções são assintomáticas, o que dificulta quando não são diagnosticadas e tratadas a tempo hábil, podendo gerar danos graves à saúde dos sujeitos e causar danos à saúde coletiva. A falta de orientação sexual leva a esses jovens a vivenciarem sua sexualidade com práticas sexuais de riscos, principalmente o não uso de métodos de prevenção, gerando assim o aumento de infecções sexualmente transmissíveis nesses indivíduos (Sousa *et al*., 2017).

Com o objetivo de reduzir a incidência das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu, como estratégia global, a implementação de ações prioritárias voltadas ao alcance das metas de eliminação das IST até o ano de 2030 .Entre os principais fatores de risco associados à transmissão dessas infecções, destacam-se a manutenção de múltiplos parceiros sexuais, o não uso de preservativos, a pertinência a grupos vulneráveis, o histórico prévio de IST e a faixa etária compreendida entre 14 e 25 anos (Miranda AE et al., 2021).

Diversas pesquisas ressaltam a expressiva carência de compreensão dos jovens acerca das causas e dos sintomas das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), o que nos leva a avaliar que o conhecimento em educação sexual ainda não é implementado de maneira eficaz no contexto educativo. Diante disso, torna-se fundamental a adoção de estratégias voltadas à promoção e à prevenção da saúde sexual na adolescência e juventude. O contágio por ISTs configura-se como um grave problema de saúde pública, afetando especialmente jovens entre 15 e 21 anos de idade (Almeida, et al.,2017).

O uso do preservativo é um dos métodos mais eficazes para reduzir o risco de transmissão das ISTs, especialmente do HIV. No entanto, o uso regular entre adolescentes ainda é limitado, sobretudo em relações não planejadas. A

vulnerabilidade juvenil às ISTs envolve diversos fatores como início precoce da vida sexual sem orientação adequada, múltiplo número de parceiros sexuais, busca por aceitação social, consumo de álcool e outras drogas, e principalmente a desinformação pois muitos jovens acreditam estarem bem informados, o que diminui a percepção de risco em relação às ISTs (Sousa *et al*., 2017).

Anualmente mais de 500 milhões de novos casos de transmissão de Infecções sexualmente transmissíveis curáveis ocorrem a nível mundial, sendo mais comuns sua transmissão ser por via sexual, totalizando 75% nesse cenário. Os estudos apontam que gonorreia, Papilomavírus Humano (HPV), sífilis, HIV, herpes e clamídia figuram entre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) mais comuns entre os jovens, representando um importante problema de saúde pública em escala global (Peixoto, et al.,2017).

As lesões causadas pelas Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), aumentam de forma significativa a vulnerabilidade à infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). Estudos indicam que o risco de contágio pode ser até dez vezes maior na presença de sífilis, seis vezes maior em casos de clamídia, nove vezes maior quando há herpes genital ou gonorreia, e até dezoito vezes superior diante de úlceras genitais. Ao possuir conhecimento em educação sexual aliado a práticas seguras que detectam precocemente essas ISTs, garante-se assim o cuidado necessário para evitar danos mais graves e novas possibilidades de outras infecções (Brasil, 2024).

Ainda, segundo os dados do Ministério da Saúde divulgados no boletim epidemiológico do departamento de HIV/ AIDS para o ano de 2024 (Brasil, 2024), há um aumento na incidência da infecção pelo HIV em todo o Brasil, revelando a vulnerabilidade dos adolescentes no acesso a informação de letramento sobre educação sexual e as limitações das atuais ações de prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) .Foram registrados 125.753 casos de infecção pelo HIV em jovens de 15 a 24 anos, representando 23,2% do total de casos. Desses casos, 24,8% ocorreram no sexo masculino e 19,4% no sexo feminino (Brasil, 2024).

Neste sentido, diante dos riscos das ISTs para a saúde dos jovens e impactos emocionais, a implementação da educação sexual no ambiente escolar é fundamental, pois ela se estabelece como uma estratégia responsável e eficaz na promoção da saúde dos jovens, abordando desde aspectos biológicos, essenciais

diante dos riscos das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e abrangendo também as dimensões socioculturais indispensáveis, assim como as relações de gênero e o combate à gordofobia e à homofobia. (Furlani, 2011).

Dessa forma, a autora (Furlani, 2011), observa que o ensino da educação sexual nas instituições de ensino configura-se como o percurso mais adequado para atenuar vulnerabilidades físicas e emocionais durante a juventude.

As ideias de Furlani (2011) fundamentam a metodologia deste trabalho e orientam as ações práticas propostas. Como a autora defende uma abordagem ampla da sexualidade na escola, essa perspectiva serve de base para a criação de produtos educacionais. O objetivo é garantir que recursos digitais não apenas informem, mas ofereçam ferramentas que capacitem os educadores a trabalharem educação sexual de forma crítica, sensível e alinhada à realidade dos jovens.

3.5. O uso do Audiovisual como recurso pedagógico

A trajetória do audiovisual está profundamente vinculada à evolução do cinema. Essa afirmação afasta a ideia de que ambos constituíam um único objeto, pois em seu surgimento em 1895, o cinema era essencialmente uma arte visual (Castro, Pôrto Júnior e Nunes, 2018).

Ainda segundo os autores (Castro, Pôrto Júnior e Nunes, 2018), o cinema passaria a ser, de fato, uma manifestação audiovisual à medida que o elemento sonoro foi sendo integrado às imagens, resultado de experimentações graduais iniciadas no final do século XIX e desenvolvidas ao longo do século XX, consolidando-se apenas no final da década de 1920.

De acordo com Silbiger (2025), o poder formativo dos meios de comunicação de massa, sobretudo dos recursos audiovisuais, é indiscutível, transformando-se em um fenômeno de alcance global. A autora menciona os resultados de um estudo publicado na *Revista Espanhola de Opinião Pública*, que investigou a influência desses meios sobre adolescentes espanhóis. Os dados revelam que 80% das informações assimiladas por jovens entre 12 e 15 anos provêm dos meios de comunicação de massa e das interações sociais, enquanto apenas 20% têm origem no ambiente escolar.

Silbiger (2025), também observa que, em outros tempos, o audiovisual foi considerado uma ameaça à educação formal, por despertar muito mais interesse do

que as aulas convencionais. Ao assistir a um programa televisivo confortavelmente em um sofá, o sujeito pode adquirir diversos saberes, sendo cativado pela sucessão veloz de imagens em videoclipes, anúncios publicitários e programas educativos.

A mídia como ferramenta da educação apresenta múltiplas dimensões, e a partir delas delineiam-se dois enfoques principais: a educação com as mídias e a educação para as mídias. A primeira refere-se à utilização dos recursos midiáticos como instrumentos de apoio ao processo didático em sala de aula; já a segunda diz respeito à promoção de uma formação voltada para a leitura crítica, analítica e reflexiva das mídias, não apenas das mídias presentes no contexto escolar, mas também das que permeiam a sociedade em geral (Fantin 2006).

Moran (2007), destaca que é fundamental que o professor, ao trabalhar com as mídias, busque estratégias que despertem a curiosidade e o engajamento dos estudantes. Ao empregar as tecnologias, no desenvolvimento ou na conclusão de uma atividade, o educador deve preocupar-se em promover debates em sala de aula, estimulando o interesse pelo conteúdo abordado e fomentando o desejo pela investigação e pela pesquisa.

Nesse sentido, é essencial que o professor assuma o papel de mediador do processo de aprendizagem, em vez de limitar-se à função de mero transmissor de conhecimento Moran (2007).

Fantin (2006), sinaliza que inserir a mídia no contexto escolar, seja como objeto de debate ou como recurso didático, constitui uma estratégia de aproximação entre os estudantes e suas próprias realidades, permitindo assim uma imediata identificação. Essa integração favorece o desenvolvimento de processos de mediação pedagógica, ampliando as interações entre todos: alunos, professores e tecnologias.

Na comunidade escolar o recurso tecnológico de grande relevância e eficiência no âmbito educacional é a internet, também conhecida como Web 2.0. Sua presença é marcante, uma vez que oferece múltiplas facilidades aos usuários, como o acesso a conteúdos, informações e diferentes tipos de documentos. Proporciona a produção de vídeos, imagens e textos pelos próprios internautas que dela fazem uso (Quadrado,2013).

Aos docentes, a internet oferece a possibilidade de analisar e selecionar diversos materiais didáticos disponíveis em rede, bem como de utilizar ferramentas gratuitas de apoio a produção de conteúdo educacional, de uso relativamente

simples e o uso de ferramentas audiovisuais como o Podcast e o Videocast, que podem contribuir significativamente para o planejamento e a execução de suas práticas pedagógicas (Valério, 2012).

O podcast em formato audiovisual é denominado videocast, e distingue-se pela sua relevância tecnológica e pedagógica, uma vez que se mostra extremamente útil no ambiente escolar, reforçando os conteúdos trabalhados e atuando, simultaneamente, como um recurso motivacional. A elaboração de vídeos, por sua vez, envolve diversas etapas de produção, que abrangem desde o planejamento inicial, com a elaboração do roteiro, até as fases de gravação, edição e finalização do material (Montaño, 2015).

Ainda segundo Montaño (2015), a produção de videocasts educativos proporciona múltiplas oportunidades de aprendizagem, tanto ao longo do processo de produção e também durante as etapas de pesquisa e aprofundamento do tema tratado, nas quais ocorre a seleção e análise de aspectos pertinentes para a construção do roteiro.

A divulgação de vídeos educativos (videocasts) no YouTube, bem como sua distribuição nas mídias sociais Facebook e Instagram, permitem alcançar um grande número de pessoas em diferentes plataformas. Dessa forma, o acesso ao conteúdo é popular. Além disso, a interação da cultura participativa na internet faz com que o produto educacional chegue a diversos públicos e pulverize o seu conteúdo (Jenkins, 2022).

Conforme discutem os autores, (Miranda AE, *et al.*,2021) se torna fundamental reconhecer o potencial pedagógico das tecnologias educativas e das tipologias audiovisuais, as quais favorecem processos de aprendizagem inovadores, como ocorre com o videocast, que possibilita interatividade, acesso ágil e compartilhamento em redes sociais, além de incorporar recursos de acessibilidade por meio do uso do áudio.

O videocast tem sido considerado um instrumento relevante no processo de aprendizagem dos estudantes, evidenciando seu potencial para a criação e aplicação de tecnologias educacionais, especialmente por despertar interesse e engajamento entre os jovens (Miranda AE, *et al.*,2021). A partir dessa premissa, esta pesquisa incorporou o videocast em seu percurso metodológico como um dos produtos educacionais voltados à formação docente. Sabendo do forte apelo que o audiovisual tem para as novas gerações, o recurso funciona como uma ferramenta

prática de capacitação, podendo ser utilizado para práticas pedagógicas multifacetadas e possibilitando o diálogo sobre temas complexos.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa teve como foco a promoção da educação sexual no ambiente escolar, com ênfase para prevenção de ISTs, a partir de uma oficina pedagógica voltada para docentes e equipe educacional.[4] O propósito foi contribuir com os educadores com informações atualizadas, contextualizadas e objetivas, de modo que possam estimular nos alunos o autocuidado, o protagonismo e a capacidade de buscar e gerenciar informações para uma vivência sexual mais consciente, segura e plena.

A trajetória desta pesquisa foi estruturada em etapas interligadas: (1) pesquisa exploratória por meio de bibliografia e questionário anônimo, para identificar as dificuldades dos educadores na abordagem do tema; (2) produção de videocast com profissionais da educação e saúde, visando criar um recurso audiovisual de apoio; (3) realização de oficina pedagógica online, para desenvolver a formação continuada por meio das tecnologias digitais; (4) avaliação da oficina pedagógica com objetivo de analisar seu impacto e efetividade; e (5) confecção do e-book, cumprindo a etapa de elaborar um material didático e prático de apoio escolar.

Com a análise crítica da literatura especializada sobre educação sexual foi possível formular um questionário exploratório preliminar via *Google Forms***,** direcionado a profissionais da educação, com o objetivo de identificar lacunas no conhecimento, percepções, dúvidas, inseguranças e outras demandas sobre essa temática. Somando a literatura especializada com as respostas do questionário exploratório, elaborou-se um videocast temático como recurso audiovisual didático complementar para apresentação em oficina pedagógica realizada para professores e equipe educacional de diferentes escolas do Estado do Rio de Janeiro.

---

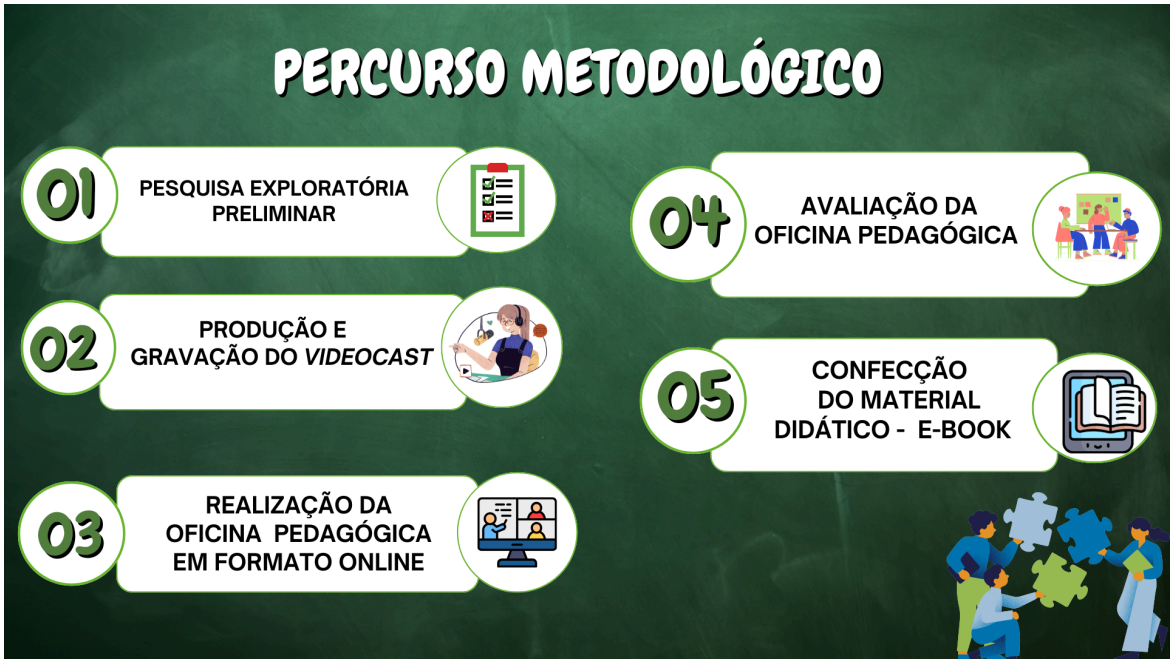
[4] Compreende-se como profissionais integrantes da equipe educacional: diferentes profissionais que atuam de forma integrada para garantir o desenvolvimento pedagógico, emocional e social dos estudantes, tais como: orientadores educacionais, professores, diretores, psicólogos, assistentes sociais, técnicos de laboratório - área, assistentes administrativos, secretário escolar, inspetores entre outras funções presentes nas instituições de ensino.

Realizada de forma remota, síncrona, a oficina contou com 23 integrantes, que participaram ativamente em diálogo com a temática. Durante a oficina apresentou-se o conceito de educação sexual; o que são as ISTs e como preveni-las, além do videocast desenvolvido para atuar na condução de atividades sobre educação sexual com adolescentes, munindo os professores de conteúdo qualificado e de recurso inovador e tecnológico.

Na sequência, procedeu-se à avaliação da oficina, com vistas a analisar a efetividade das estratégias adotadas, em relação ao aprendizado e à aplicabilidade dos conteúdos, permitindo ajustes e melhorias para futuras intervenções pedagógicas. Por fim, com base nos dados coletados, foi desenvolvido um material pedagógico no formato *e-book* adequado às necessidades identificadas, integrando conteúdos teóricos e a tecnologia digital com o foco na promoção da educação sexual.

Para melhor entendimento do percurso metodológico segue infográfico na figura 1.

Figura 1 - Infográfico Percurso Metodológico



Fonte: Próprio Autor (2026)

5. ETAPAS DO PERCURSO METODOLÓGICO COM A DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

5.1. Pesquisa Exploratória Preliminar

Nesta etapa inicial foi realizado o levantamento de materiais educativos produzidos por órgãos das áreas de educação e saúde, com o intuito de identificar abordagens e recursos já existentes sobre essa temática para elaborar o questionário e a proposta da oficina.

A pesquisa também contemplou leitura de artigos científicos que abordam a educação sexual sob diferentes perspectivas; as tecnologias digitais produzidas sobre essa temática, incluindo materiais audiovisuais, como vídeos e documentários; bem como de conteúdos digitais contemporâneos, e exemplo de e-books, podcasts e videocasts, voltados à discussão e à disseminação de conhecimentos sobre educação sexual.

Além disso, foi realizada uma pesquisa de campo preliminar e exploratória por meio de um questionário estruturado no *Google Forms*. O link da pesquisa foi distribuído de forma digital através do aplicativo de mensagens *WhatsApp*, enviado inicialmente a profissionais da educação com a solicitação de que replicassem o instrumento em seus grupos escolares entre os pares. Essa estratégia configura uma amostragem por bola de neve (*snowball sampling*[5]). Ao todo, a pesquisa obteve a participação de 102 profissionais da educação de diferentes etapas do ensino, contemplando docentes e demais membros da equipe educacional. Para este estudo, considerou-se como equipe educacional os profissionais que atuam no suporte e na gestão escolar, interagindo diretamente com a comunidade, como: secretários, assistentes administrativos, técnicos de laboratório, inspetores, psicólogos, pedagogos e assistentes sociais.

O questionário foi aplicado de forma online nos meses de Junho e Julho de 2025 e contou com a participação de 102 profissionais da área da educação, da rede pública e privada de ensino. As perguntas foram elaboradas para identificar os desafios, percepções e experiências destes profissionais no ambiente educacional,

[5] A amostragem por bola de neve (*snowball sampling*) é uma técnica de pesquisa não probabilística que utiliza redes de contatos. Nela, os participantes iniciais indicam novos voluntários de sua própria rede social ou profissional, que por sua vez fazem novas indicações, gerando uma cadeia de referências que expande gradualmente o alcance da amostra.

principalmente seus conhecimentos e familiaridade sobre a temática da educação sexual.

O objetivo desta pesquisa foi levantar as principais lacunas existentes dos profissionais da educação que atuam em diversos segmentos da educação básica relacionadas à temática da educação sexual e medir os seus conhecimentos em relação a esse assunto com o objetivo de mapear fragilidades a serem supridas.

O processo desta etapa foi conduzido a partir de uma perspectiva qualitativa, buscando compreender os significados, percepções e experiências dos participantes. A construção de uma pesquisa com a abordagem qualitativa tem como premissa a compreensão dos significados construídos pelo público em suas experiências cotidianas (Yin, 2016).

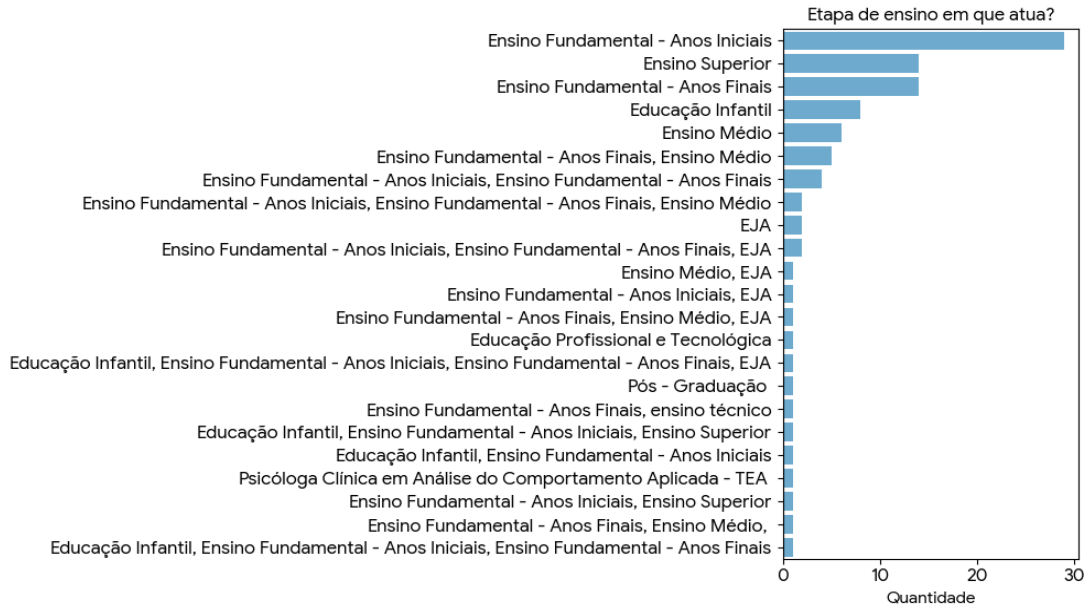
O questionário foi estruturado por meio de afirmações baseadas na escala Likert de cinco pontos, um método utilizado para medir o grau de concordância, satisfação ou percepção dos respondentes sobre determinado tema. Dessa forma, para cada item apresentado, os participantes deveriam indicar sua opinião escolhendo uma entre cinco opções de resposta: concordo totalmente, concordo parcialmente, neutro, discordo parcialmente ou discordo totalmente.

O questionário apresentou duas perguntas abertas, para organizar e interpretar os dados coletados, utilizou-se a análise de conteúdo baseada na metodologia de Laurence Bardin (2016). Esse processo foi essencial para identificar os padrões e nuances nas falas, gerando a categorização dos dados..

O questionário foi elaborado em 4 blocos principais: (I) Perfil do participante, (II) Educação Sexual nas escolas, (III) Uso de tecnologias digitais e (IV) Questões discursivas.

Conforme apresentado no gráfico 1, a primeira questão do bloco I - Perfil do participante, coletou as respostas de 102 participantes sobre o segmento de ensino em que o profissional da educação atua.

Gráfico 1 - Levantamento sobre etapa de atuação do profissional da educação



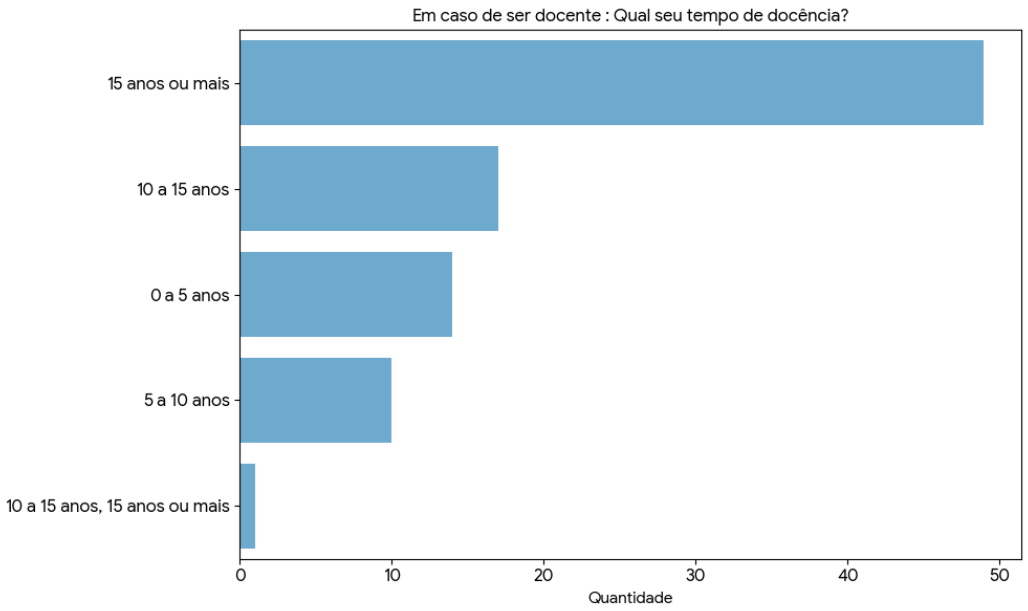
Fonte: Próprio autor (2026)

De acordo com as respostas do gráfico 1, ficou evidenciado que 12 profissionais de ensino que participaram do questionário atuam na educação infantil, 42 no ensino fundamental anos iniciais, 32 profissionais nos anos finais e 16 no ensino médio. Destaca-se a maior participação de profissionais da educação que atuam no Ensino Fundamental, tanto nos anos iniciais quanto nos anos finais (totalizando 75 profissionais), o que revela um significativo engajamento e interesse para o diálogo, troca de saberes e reflexão crítica acerca da Educação Sexual, reconhecida como uma temática relevante desde os primeiros anos da Educação Básica.

Guimarães e Coutinho (2025) destacam que a abordagem da educação sexual no Ensino Fundamental favorece o acesso a informações confiáveis e fundamentadas sobre o corpo humano, a sexualidade, a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e da gravidez na adolescência. Essa perspectiva está alinhada às diretrizes da edição de 2018 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual orienta que a educação sexual seja introduzida desde essa etapa da Educação Básica, especialmente no componente de Ciências da Natureza, além de incentivar que a temática seja desenvolvida de maneira transversal, com ênfase na promoção do conhecimento sobre corpo, saúde e cuidado integral.

De acordo com o apresentado no gráfico 2, a segunda questão do bloco I, coletou dados sobre o tempo de docência dos respondentes, caso atuem como docentes.

Gráfico 2 - Levantamento sobre tempo de docência dos professores participantes



Fonte: Próprio autor (2026)

Com base nos dados apresentados no gráfico 2, observa-se que 14 professores possuem entre 0 e 5 anos de experiência docente; 10 docentes relataram tempo de atuação entre 5 e 10 anos; 18 professores indicaram experiência profissional de 10 a 15 anos; e a maioria, 50 docentes, afirmou ter 15 anos ou mais de atuação em sala de aula, evidenciando um grupo predominantemente composto por profissionais com longa trajetória na docência.

A expressiva participação de professores com 15 anos ou mais de experiência em sala de aula evidencia a relevância e a atualidade da temática da educação sexual no contexto escolar.

O interesse desses profissionais, que acumulam uma longa trajetória na docência, sinaliza que, ao longo dos anos de atuação, eles identificaram demandas recorrentes, dúvidas persistentes e situações concretas vivenciadas pelos estudantes que exigem abordagens qualificadas sobre corpo, sexualidade, relações e prevenção.

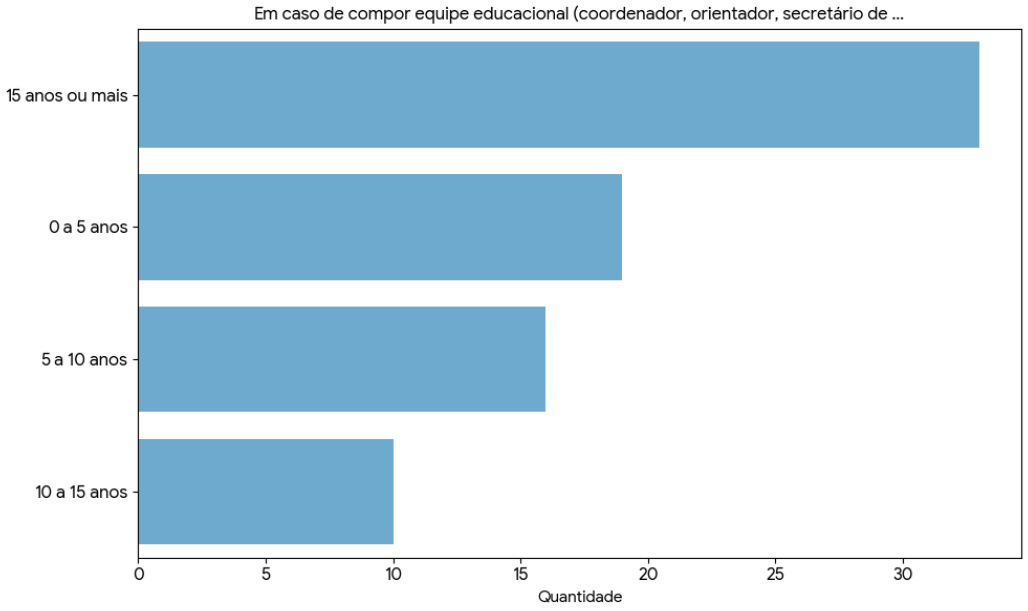
A educação sexual não se apresenta como um tema pontual ou recente, mas como uma necessidade pedagógica construída a partir da prática cotidiana e da

observação atenta das realidades escolares. Ao buscarem formação, aprofundamento teórico e estratégias didáticas sobre o tema, professores demonstram compromisso com a atualização profissional e com a promoção de uma educação integral, capaz de responder de forma ética, responsável e contextualizada às necessidades dos alunos ao longo de seu desenvolvimento (Ribeiro; Da Costa Junior, Paulini, 2023).

Conforme apresentado no gráfico 3, do bloco I - Perfil do Participante, coletou a seguinte questão “ Em caso de compor equipe educacional (coordenador, orientador, secretário de educação, etc: Qual o seu tempo de atuação em instituição de ensino?

Gráfico 3 - Levantamento sobre tempo de atuação em instituição de ensino de equipe educaci

Fonte: Próprio autor (2026)



Fonte: Próprio autor (2026)

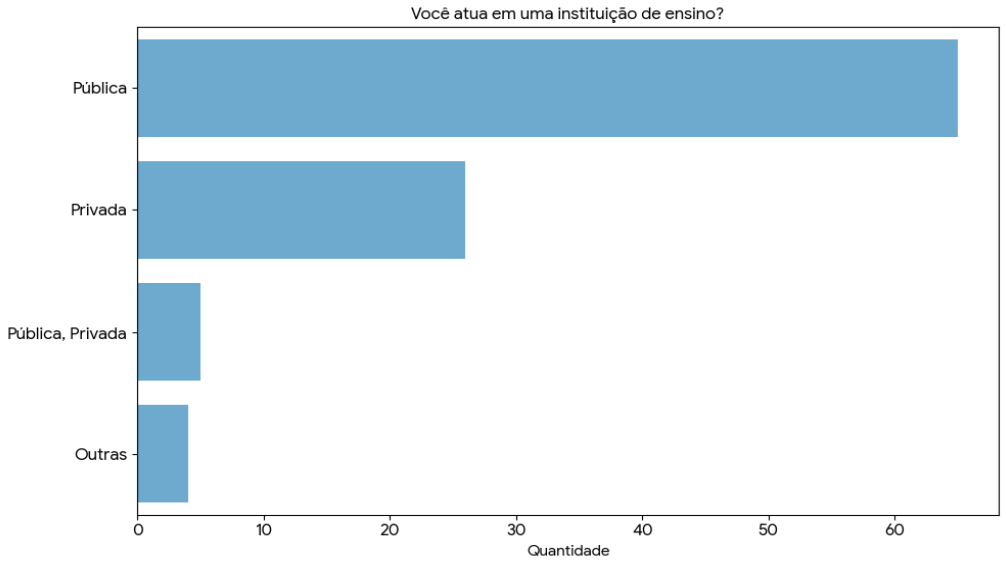
Com base nos dados coletados, observa-se que 24,4% (19 participantes) dos profissionais da educação possuem entre 0 e 5 anos de experiência; 20,5% (16 participantes) atuam há 5 a 10 anos em instituições de ensino; 12,8% (10 participantes) apresentam trajetória profissional de 10 a 15 anos; e a maior parcela, correspondente a 42,3% (33 participantes) , conta com 15 anos ou mais de atuação no contexto educacional.

A participação significativa de profissionais da educação com ampla experiência evidencia o papel fundamental desses educadores, com anos de experiência, para o êxito das instituições de ensino. Ao longo de sua trajetória, esses profissionais constroem saberes pedagógicos, desenvolvem práticas consistentes e contribuem com a formação acadêmica e cidadã dos estudantes.

É indispensável que a equipe escolar entenda, tenha propriedade para executar o projeto institucional, assim como as metas e os objetivos definidos para a escola, a fim de assegurar que as ações desenvolvidas apresentem qualidade e atendam às necessidades de todos os envolvidos, principalmente o estudante. O compromisso no contexto educacional diz respeito ao nível de participação, empenho e corresponsabilidade demonstrados pelos integrantes da comunidade escolar, incluindo docentes, gestores, profissionais de apoio e estudantes, em consonância com os princípios e valores da instituição. O engajamento desses profissionais exerce impacto direto sobre o clima organizacional, contribuindo para a construção de um ambiente cooperativo, estimulante e favorável ao processo de ensino e aprendizagem (Gomes, *et al.*,2025).

O gráfico 4, a quarta questão do bloco I, coletou 100 respostas sobre a rede de atuação do participante: pública ou privada?

Gráfico 4 - Levantamento sobre atuação em instituição de ensino se é pública ou privada



Fonte: Próprio autor (2026)

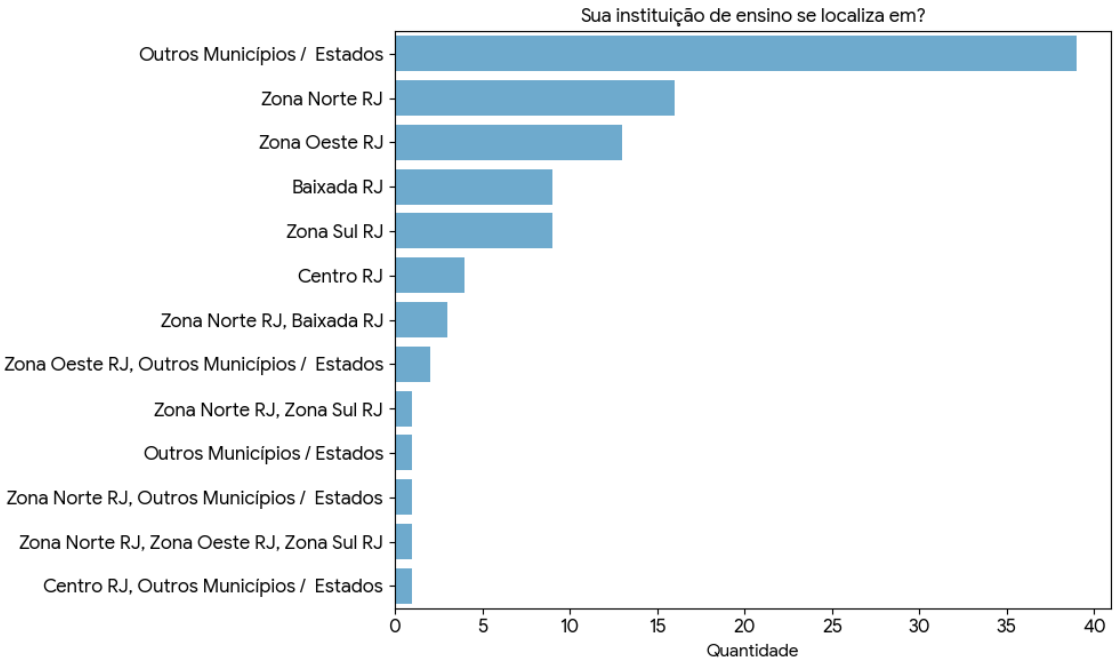
Conforme apresentado no gráfico 4, ficou evidenciado que 70% dos participantes (70 respondentes), atuavam em instituições públicas de ensino, enquanto 31% faziam parte de grupos educacionais da rede privada.

As instituições de ensino públicas e privadas apresentam diferenças marcantes no que se refere às condições de acesso, à infraestrutura disponível e às oportunidades ofertadas à comunidade escolar. Enquanto a rede privada, em geral, conta com maiores investimentos em recursos físicos, tecnológicos, formação continuada de educadores e realização de eventos e projetos para os alunos, a rede pública enfrenta limitações estruturais e orçamentárias. Esse contraste impacta diretamente as experiências educacionais vivenciadas por estudantes e professores. Ainda assim, as escolas públicas desempenham um papel social essencial ao garantir o acesso à educação para uma parcela significativa da população, mesmo diante de desafios persistentes.

A desigualdade educacional refere-se às diferenças percebidas entre a qualidade do ensino oferecido pelas escolas públicas e privadas, sendo as últimas, em geral, associadas a melhores condições. Essa distinção ainda persiste no cenário atual, em que a escola pública com certa frequência costuma ser relacionada a limitações estruturais e pedagógicas. Tal realidade evidencia a necessidade de maiores investimentos, melhor gestão pública e maior envolvimento da sociedade na defesa da educação pública, reconhecendo seu potencial para oferecer ensino de qualidade (Fialho, *et al.*,2025).

De acordo com o apresentado no gráfico 5, do bloco I - Perfil do Participante, coletou a seguinte questão “ Sua instituição de ensino se localiza em?”

Gráfico 5 - Levantamento sobre localização da instituição de ensino dos participantes



Fonte: Próprio autor (2026)

De acordo com os dados do Gráfico 5, a pesquisa contou com 100 respostas, distribuídas da seguinte forma: 22% dos educadores atuam na Zona Norte do Rio de Janeiro; 16% na Zona Oeste; 11% na Zona Sul; 5% no Centro da cidade; 12% na Baixada Fluminense; e a maior parcela, correspondente a 43%, atua em outros municípios e estados.

O território em que a escola está inserida exerce influência direta sobre sua atividade, por meio de diferentes dinâmicas sociais e institucionais relacionadas às especificidades dos espaços urbanos e comunitários. As condições sociais, culturais e econômicas que caracterizam essas localidades impactam tanto os processos de ensino e aprendizagem e os demais desempenhos escolares dos estudantes quanto a organização dos serviços educacionais, o exercício da docência e o ambiente escolar (Ribeiro,2023).

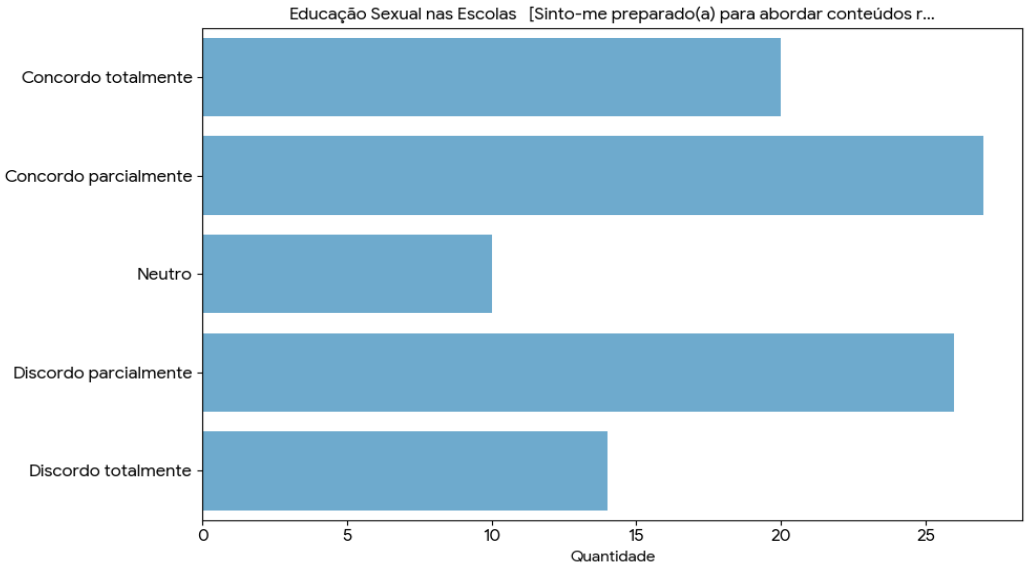
Conhecer o território em que o profissional da educação atua é essencial para compreender as diferentes camadas que atravessam o processo educativo. O contexto local repercute diretamente nas práticas pedagógicas, nos recursos disponíveis e nas demandas dos estudantes. Ao reconhecer as particularidades desse espaço, torna-se possível identificar barreiras que dificultam o acesso e a

permanência na educação. Essa compreensão contribui para a construção de estratégias mais coerentes com a realidade vivenciada, na qual a educação pode ser pensada e disseminada de forma mais sensível, eficaz e transformadora.

Após a caracterização do perfil dos participantes da pesquisa, concluiu-se o Bloco I- Perfil do Participante e iniciamos o Bloco II- Educação Sexual nas Escolas. Esse segundo bloco teve como objetivo identificar os conhecimentos dos participantes sobre a temática, bem como compreender suas percepções e visões a respeito da educação sexual no contexto escolar.

Conforme apresentado no gráfico 6, a primeira questão do bloco II - Educação Sexual nas escolas, coletou as respostas dos participantes com o seguinte questionamento: Sinto-me preparado(a) para abordar conteúdos relacionados à sexualidade com os alunos

Gráfico 6 - Educação sexual nas Escolas: “Sinto-me preparado(a) para abordar conteúdos relacionados à sexualidade com os alunos”.



Fonte: Próprio autor (2026)

De acordo com a coleta de dados, 20 profissionais da educação concordaram totalmente que se sentem preparados para abordar conteúdos relacionados à sexualidade com os alunos, já 27 profissionais concordam parcialmente, 10 participantes se mantiveram neutros, 26 profissionais discordam parcialmente e 14 profissionais discordam totalmente, isto é, não se sentem nada preparados. A análise do gráfico evidencia que, embora parte dos docentes se perceba preparada,

há uma expressiva parcela que demonstra insegurança ou discordância, somando 40% e indicando a necessidade de maior investimento em formação e apoio pedagógico sobre a temática.

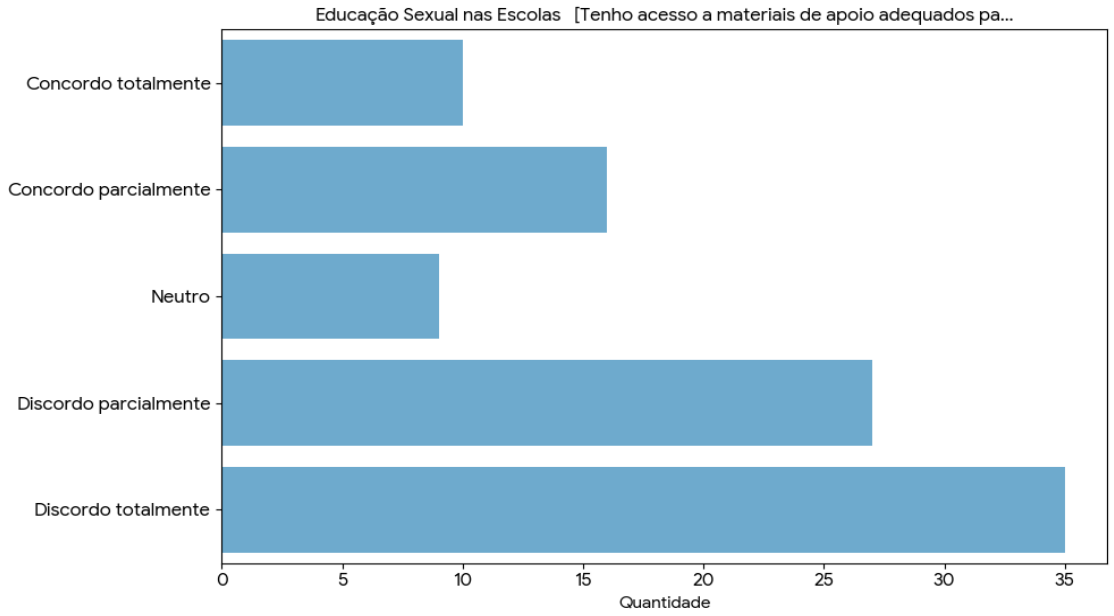
A educação sexual ainda se apresenta como um campo pouco valorizado no contexto escolar, em razão de seu caráter controverso e da persistência de tabus que dificultam sua abordagem pedagógica. Essa realidade impõe desafios ao trabalho docente em sala de aula e evidencia a necessidade de investimentos na formação e qualificação dos professores para o tratamento adequado da temática (Oliveira; Rezende; Gonçalves, 2018).

Nesse sentido, torna-se fundamental que os docentes tenham acesso a processos formativos que favoreçam o desenvolvimento de competências para atuar na educação em sexualidade, bem como se mantenham atualizados frente às transformações sociais e culturais, a fim de responder de forma mais efetiva às demandas e necessidades dos estudantes (Franco-Assis; Souza; Barbosa, 2021).

Diante do exposto, observa-se que a educação sexual ainda enfrenta resistências no contexto escolar, sobretudo em função de tabus e da insuficiente formação docente e o receio de trabalhar o assunto na comunidade escolar.

De acordo com o apresentado no gráfico 7, a segunda questão do bloco II - Educação Sexual na Escola, registrou respostas sobre a seguinte questão “ Tenho acesso a materiais de apoio adequados para tratar desse tema.

Gráfico 7 - Educação sexual nas Escolas: “Tenho acesso a materiais de apoio adequados para tratar desse tema”.



Fonte: Próprio autor (2026)

Com base nos dados apresentados no Gráfico 7, observa-se que 10 profissionais concordam totalmente; 16 concordam parcialmente; 9 participantes se mantiveram neutros; 27 discordaram parcialmente e 35 discordaram totalmente. A avaliação do gráfico revela um predomínio de percepções negativas, indicando que a maioria dos profissionais, ultrapassando os 50 %, aponta para fragilidades em relação ao acesso a materiais adequados para abordar educação sexual em instituições de ensino.

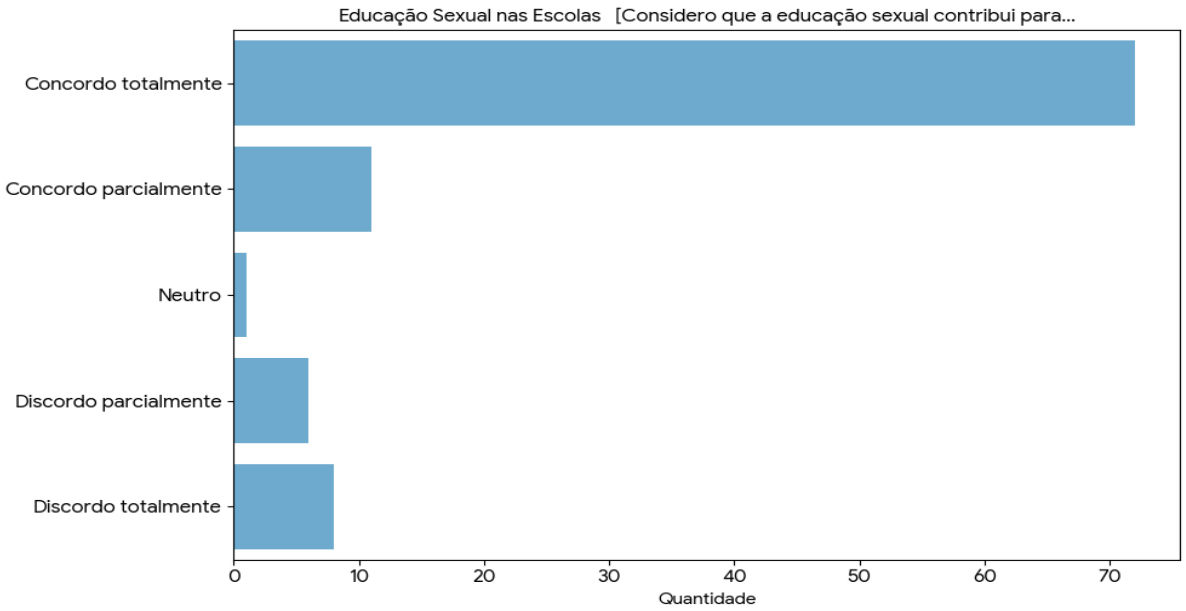
A implementação da educação sexual nas escolas pode ocorrer por meio de diferentes estratégias pedagógicas, destacando-se o uso de materiais didáticos. No entanto, a escassez de recursos adequados ainda limita a atuação docente. Nesse contexto, torna-se fundamental investir na formação de educadores e na produção de materiais pedagógicos, ações que devem ser contempladas nas políticas públicas educacionais (Nogueira; *et al* 2016).

De modo geral, a abordagem da educação sexual no ambiente escolar ainda enfrenta desafios relacionados à falta de formação docente e de materiais pedagógicos adequados e personalizados para cada tipo de grupo discente de acordo com sua faixa etária. A superação dessas limitações requer ações que

fortaleçam a qualificação profissional e ampliem o acesso a diferentes recursos educativos.

A seguir, conforme apresentado no gráfico 8, a terceira questão do bloco II, coletou as respostas dos participantes em relação a afirmativa: “Considero que a educação sexual contribui para a prevenção de violências e desigualdades.”

Gráfico 8 - Educação sexual nas Escolas: “Considero que a educação sexual contribui para a prevenção de violências e desigualdades”.



Fonte: Próprio autor (2026)

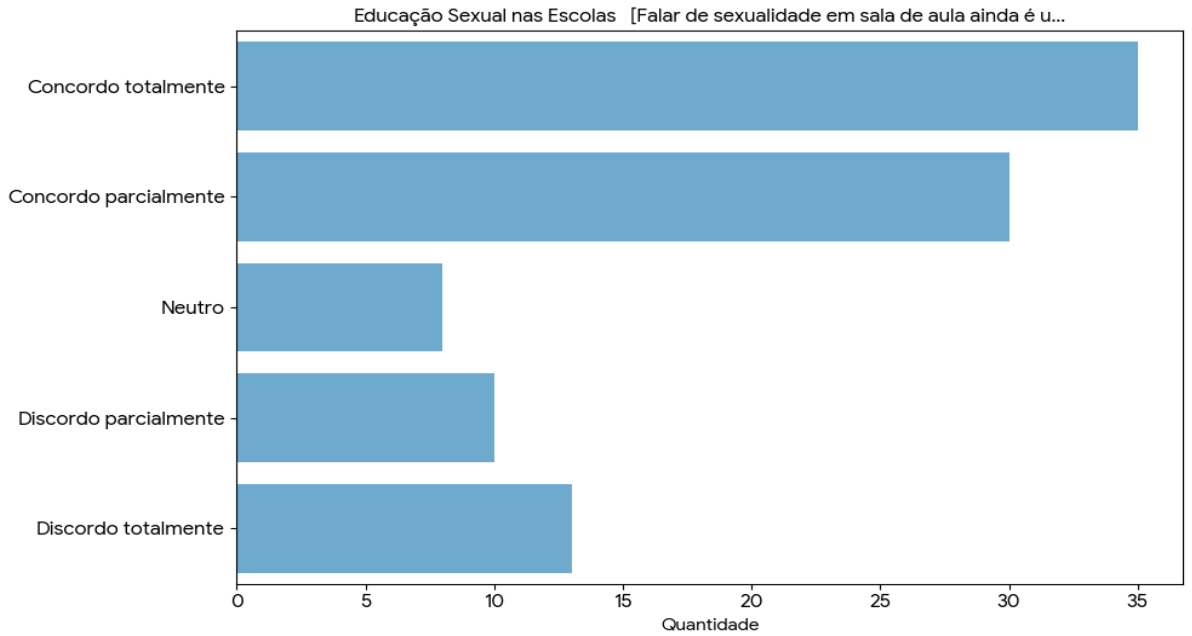
Conforme a coleta de dados, 72 participantes da pesquisa informaram que concordam totalmente com a afirmação que a educação sexual nas escolas contribui para a prevenção de violências e desigualdades, 11 concordam parcialmente com essa afirmação, um participante se mostrou neutro em relação à consulta, 6 participantes discordaram parcialmente e 8 profissionais consultados discordaram totalmente. A análise do gráfico evidencia um amplo reconhecimento da relevância da educação sexual como ação preventiva, apesar da existência de uma parcela minoritária que ainda manifesta resistência ou discordância em relação ao tema.

A educação sexual, além de ser um direito humano, constitui um importante recurso para a prevenção de diferentes formas de violência, especialmente as de

natureza sexual e afetiva. Ao promover o respeito aos direitos e relações saudáveis, contribui para a proteção da saúde mental e física, combate a desigualdades e minimizando impactos negativos decorrentes de situações de violência, colaborando para o desenvolvimento de relações justas e seguras, livres de constrangimentos físicos, morais ou psicológicos (Moares *et al*; 2024). A educação sexual inserida de forma planejada na comunidade escolar contribui para relações mais harmoniosas entre pares respeitando as diferenças e promovendo ambientes mais seguros dentro das instituições de ensino, combatendo assim as desigualdades e violências.

Conforme apresentado no gráfico 9, a quarta questão do bloco II - Educação Sexual nas escolas, coletou as respostas dos participantes com o seguinte questionamento: Falar de sexualidade em sala de aula ainda é um tabu na escola em que atuo.

Gráfico 9 - Educação sexual nas Escolas: "Falar de sexualidade em sala de aula ainda é um tabu na escola em que atuo".



Fonte: Próprio autor (2026)

Os dados obtidos indicam que 35 profissionais que responderam à pesquisa concordam totalmente com a afirmação apresentada, enquanto 30 concordam parcialmente. Além disso, 8 participantes mantiveram-se neutros, 10 discordaram parcialmente e 13 discordaram totalmente. A análise do gráfico demonstra que,

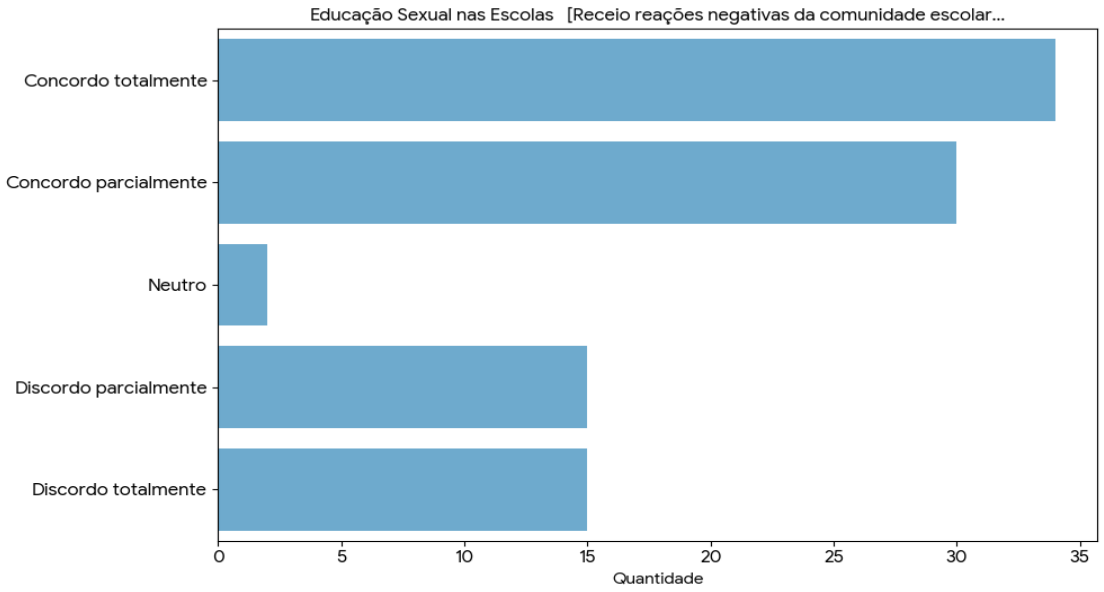
embora predomine a concordância entre os respondentes, ainda há uma parcela significativa que expressa neutralidade ou discordância, evidenciando percepções divergentes sobre a abordagem e debate sobre o tema.

Os docentes enfrentam diversos desafios ao tratar da educação sexual no ambiente escolar, confrontando muitas vezes com valores morais impostos socialmente. De acordo com Silva e Guimarães (2023), professores relatam que fatores ligados à família e ao contexto social constituem entraves significativos, evidenciando a limitada compreensão acerca dos conteúdos e das abordagens pedagógicas da educação sexual. A temática da sexualidade, ainda permeada por tabus, com certa frequência entra em conflito com crenças religiosas, valores familiares, percepções individuais e preconceitos relacionados às diversidades (Silva; Guimarães, 2023).

Diante da análise da literatura e observando os dados coletados, compreende-se que as dificuldades enfrentadas pelos professores na abordagem da educação sexual relacionam-se à influência de valores morais, tabus sociais e resistências familiares ainda presentes no contexto educacional. Esses fatores evidenciam, conforme já dito, a necessidade de maior diálogo, formação docente e compreensão coletiva sobre a importância da educação sexual para o desenvolvimento integral dos estudantes.

As respostas dos participantes sobre o receio de reações negativas da comunidade escolar/famílias ao trabalhar o tema estão apresentadas no gráfico 10, a quinta questão do bloco II.

Gráfico 10 - Educação sexual nas Escolas: “Receio reações negativas da comunidade escolar/famílias ao trabalhar o tema”.



Fonte: Próprio autor (2026)

Os resultados obtidos indicam que 34 participantes concordam totalmente que há receio de reações negativas por parte da comunidade escolar ao abordar a temática da educação sexual nas instituições de ensino, enquanto 30 concordam parcialmente. Além disso, 2 participantes mantiveram-se neutros, 15 profissionais discordaram parcialmente e outros 15 discordaram totalmente. A análise do gráfico evidencia que o receio de reações negativas é uma percepção relevante entre os respondentes, embora exista um grupo expressivo que não compartilha dessa preocupação, revelando posições distintas dentro da comunidade escolar.

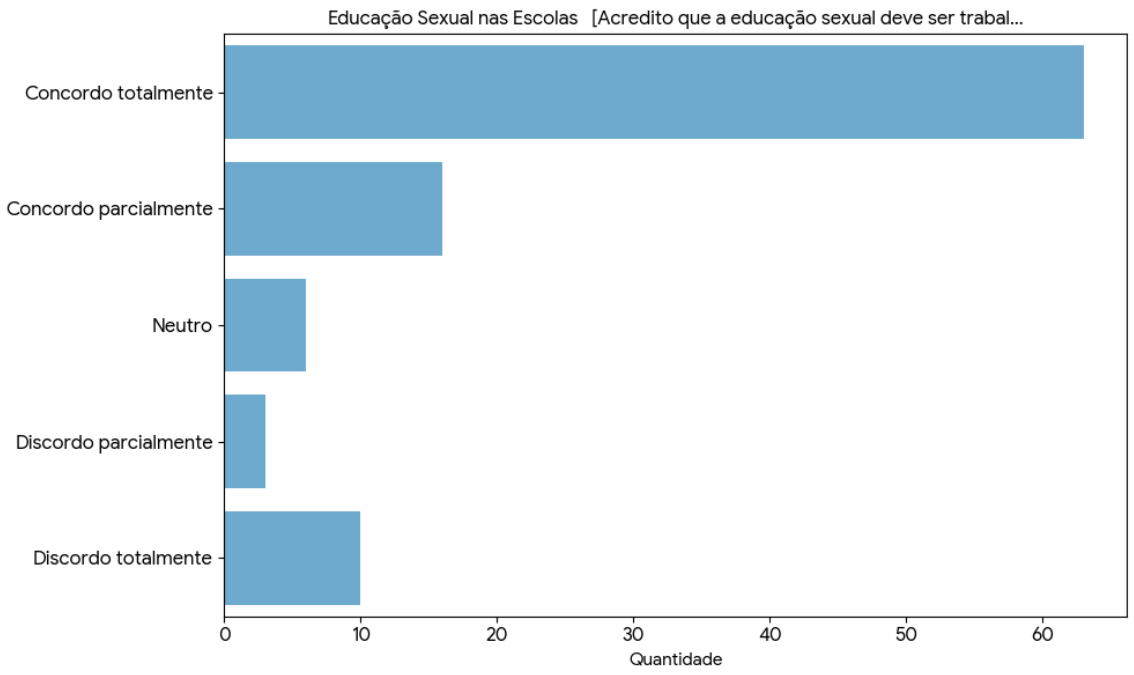
Quanto à frequência das práticas e discussões sobre educação sexual na escola, constata-se que muitas instituições e docentes evitam abordar o tema devido ao receio de reações por parte das famílias e da sociedade, aliado à falta de formação teórica e capacitação dos profissionais nesta temática. Como resultado, a educação sexual é pouco explorada no ambiente escolar, ficando mais restrita a algumas disciplinas, como Ciências, e abordada de forma pontual considerando apenas a questão biológica e excluindo os aspectos sociais e emocionais (Choé,2022).

Conforme a literatura especializada e as respostas coletadas no questionário online, podemos perceber, de modo geral, que a baixa frequência da educação

sexual nas escolas evidencia a persistência de resistências da própria comunidade escolar. Esse cenário compromete a abordagem da temática e reforça a necessidade de projetos educacionais que garantam formação em educação sexual para os profissionais da educação para que eles tenham segurança em realizar ações dentro desse tema.

A seguir, conforme apresentado no gráfico 11, a sexta questão do bloco II - Educação Sexual nas escolas, coletou as respostas dos participantes com o seguinte questionamento: Acredito que a educação sexual deve ser trabalhada de forma transversal, em diferentes disciplinas.

Gráfico 11 - Educação sexual nas Escolas: “Acredito que a educação sexual deve ser trabalhada de forma transversal, em diferentes disciplinas”.



Fonte: Próprio autor (2026)

De acordo com o gráfico acima, 63 participantes da pesquisa concordam totalmente que o conteúdo da educação sexual deve ser trabalhado de forma transversal em diferentes disciplinas, enquanto 16 profissionais concordam parcialmente, 6 se mantiveram neutros ao questionamento, 3 participantes discordam parcialmente e 10 discordam totalmente. A análise do gráfico demonstra

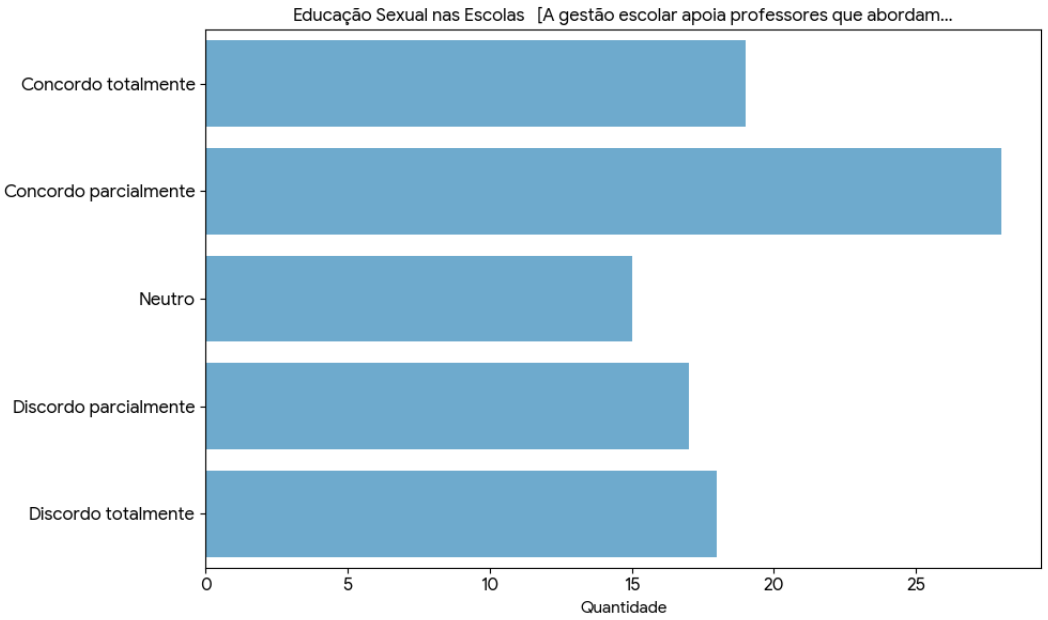
um forte consenso favorável à abordagem transversal da educação sexual, embora uma parcela minoritária ainda apresenta uma visão diferente sobre essa estratégia pedagógica.

Os autores Silva *et al.* (2016), destacam a relevância da interdisciplinaridade na abordagem da educação sexual, ressaltando a necessidade de que todo o corpo docente esteja preparado para tratar o tema sob diferentes perspectivas. Nessa direção, a educação sexual deve ser desenvolvida de forma transversal, perpassando todas as disciplinas do currículo escolar, com professores qualificados para abordarem essa temática.

A educação sexual torna-se mais efetiva quando abordada de forma interdisciplinar, envolvendo professores de diferentes áreas do conhecimento. A participação de múltiplas disciplinas amplia as possibilidades de reflexão, contextualiza o tema e contribui para uma formação mais integral dos estudantes, considerando aspectos biológicos, sociais, culturais e éticos desses indivíduos.

Conforme apresentado no gráfico 12, a sétima questão do bloco II - Educação Sexual nas escolas, coletou as respostas dos participantes com o seguinte questionamento: A gestão escolar apoia professores que abordam essa temática em sala de aula.

Gráfico 12 - Educação sexual nas Escolas: “A gestão escolar apoia professores que abordam essa temática em sala de aula”.



Fonte: Próprio autor (2026)

Os dados obtidos no gráfico acima indicam que 19 participantes concordam totalmente que a gestão escolar apoia os professores que abordam a temática da educação sexual em sala de aula. Desse grupo 28 concordam parcialmente; 15 participantes mantiveram-se neutros; 17 discordaram parcialmente e 18 discordaram totalmente. Aprende-se, a partir da análise do gráfico, que o apoio da gestão escolar é percebido de forma limitada e desigual, indicando que parte significativa dos respondentes não reconhece esse suporte de maneira consistente.

Segundo Paro (2000), a gestão escolar passou a ser reconhecida, a partir da década de 1990, como um elemento central na organização do trabalho educativo, na mobilização dos profissionais e na elevação da qualidade do ensino e da formação. Essa atuação torna-se indispensável por fortalecer as diretrizes institucionais da escola em articulação com a comunidade, incentivando o diálogo e a participação coletiva, o que requer uma condução pautada em princípios democráticos.

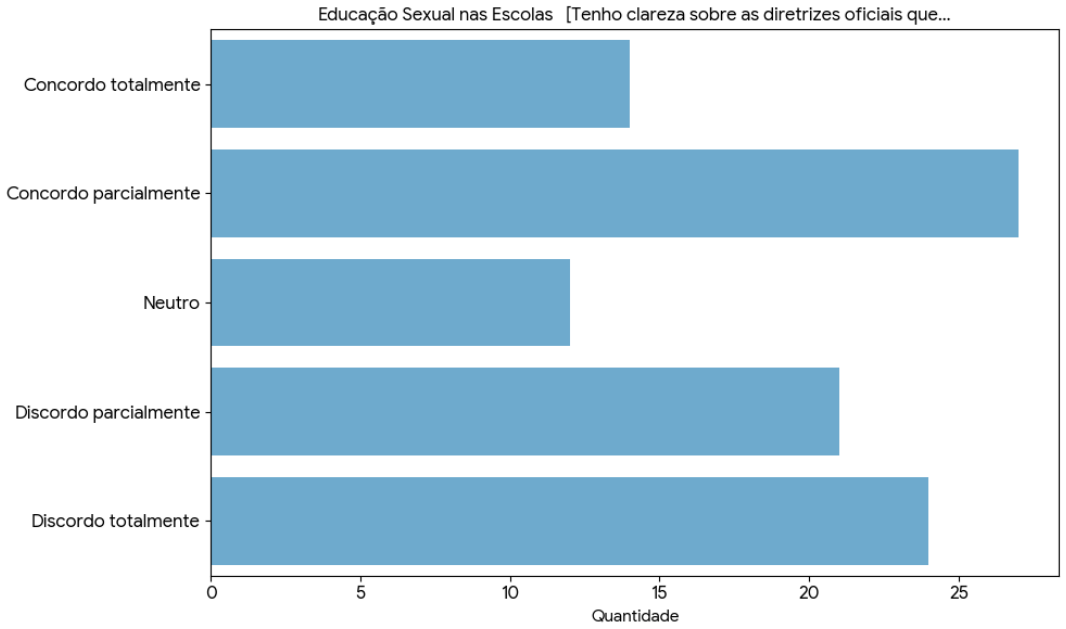
As ações pedagógicas desenvolvidas pela gestão escolar precisam estar integradas às discussões sobre gênero e sexualidade, sendo compreendidas como estratégias capazes de ressignificar o espaço educativo. Nessa perspectiva, tais práticas contribuem para uma educação que articula o conhecimento científico e institucional aos saberes sociais, fundamentada em princípios éticos, de cidadania e de enfrentamento das desigualdades. Contudo, gestores frequentemente apontam a família e a religião como fatores que impõem resistências e dificultam a implementação de atividades voltadas à educação sexual para a comunidade escolar (Petry,2023).

De acordo com os dados analisados e com o apoio da literatura podemos perceber que diversas instituições escolares adotam uma postura de omissão perante o trabalho de promover a temática da educação sexual em seus espaços educacionais revelando assim uma compreensão limitada sobre o papel social da escola. Ao transferir essa responsabilidade exclusivamente para a família, compromete-se a formação integral dos estudantes e reforça-se a necessidade de uma atuação institucional mais ativa e comprometida.

Conforme apresentado no gráfico 13, a oitava questão do bloco II - Educação Sexual nas escolas, coletou as respostas dos participantes com o seguinte

questionamento: Tenho clareza sobre as diretrizes oficiais que orientam a educação sexual.

Gráfico 13 - Educação sexual nas Escolas: “Tenho clareza sobre as diretrizes oficiais que orientam a educação sexual”.



Fonte: Próprio autor (2026)

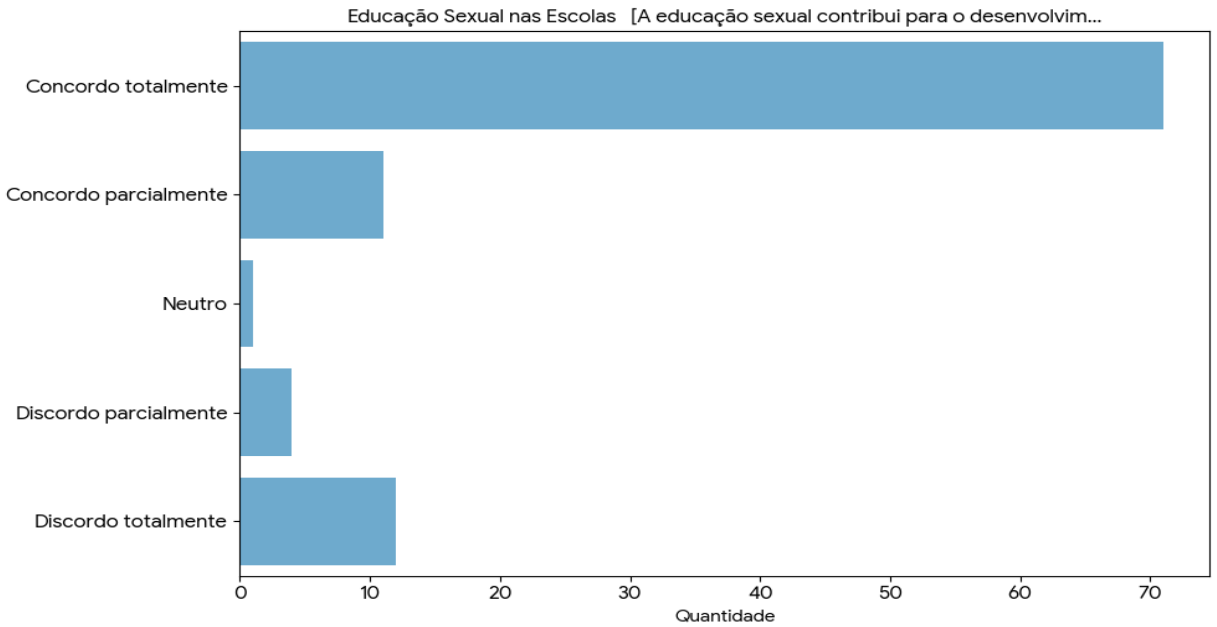
Os resultados obtidos mostram que 14 participantes concordam totalmente que possuem clareza sobre as diretrizes oficiais que orientam a educação sexual, enquanto 27 concordam parcialmente. Além disso, 12 participantes mantiveram-se neutros, 21 discordaram parcialmente e 24 discordaram totalmente. A análise do gráfico evidencia que a maioria dos respondentes não se sente plenamente segura quanto ao conhecimento das diretrizes oficiais, indicando lacunas informativas que podem impactar a implementação da educação sexual nas instituições de ensino.

Segundo a pesquisa de campo realizada pelas autoras Soares e Soares (2022), com a participação de professores do ensino fundamental da educação básica, observa-se que a maioria dos docentes entrevistados relatam que não tiveram formação específica em educação sexual e não sabem utilizar os documentos pedagógicos BNCC e PCN para nortear o ensino dentro da temática sexualidade.

A fragilidade na clareza das diretrizes curriculares sobre educação sexual mostra um hiato entre os documentos oficiais normativos pedagógicos, tais como PCN e BNCC, com as necessidades da prática docente para atender as demandas dos alunos sobre esta temática. As mudanças nas versões da BNCC, ao longo dos anos, excluindo os assuntos relacionados à sexualidade contribuíram para a insegurança dos professores em abordar esse tema, demonstrando a urgência de orientações sedimentadas que sustentem as abordagens pedagógicas desses profissionais.

A seguir, conforme apresentado no gráfico 14, a nona questão do bloco II - Educação Sexual nas escolas, coletou as respostas dos participantes com o seguinte questionamento: A educação sexual contribui para o desenvolvimento da cidadania e do respeito à diversidade

Gráfico 14 - Educação sexual nas Escolas: “A educação sexual contribui para o desenvolvimento da cidadania e do respeito à diversidade”.



Fonte: Próprio autor (2026)

De acordo com o gráfico acima, 71 participantes concordam totalmente que a educação sexual contribui para o desenvolvimento da cidadania e para o respeito à diversidade; enquanto 11 concordam parcialmente. Do grupo pesquisado, apenas 1

participante manteve-se neutro; 4 discordaram parcialmente e 12 discordaram totalmente. Embora ainda exista uma parcela minoritária que demonstra resistência ou discordância em relação a essa contribuição, a análise do gráfico evidencia um amplo reconhecimento do papel da educação sexual na promoção de valores cidadãos e inclusivos.

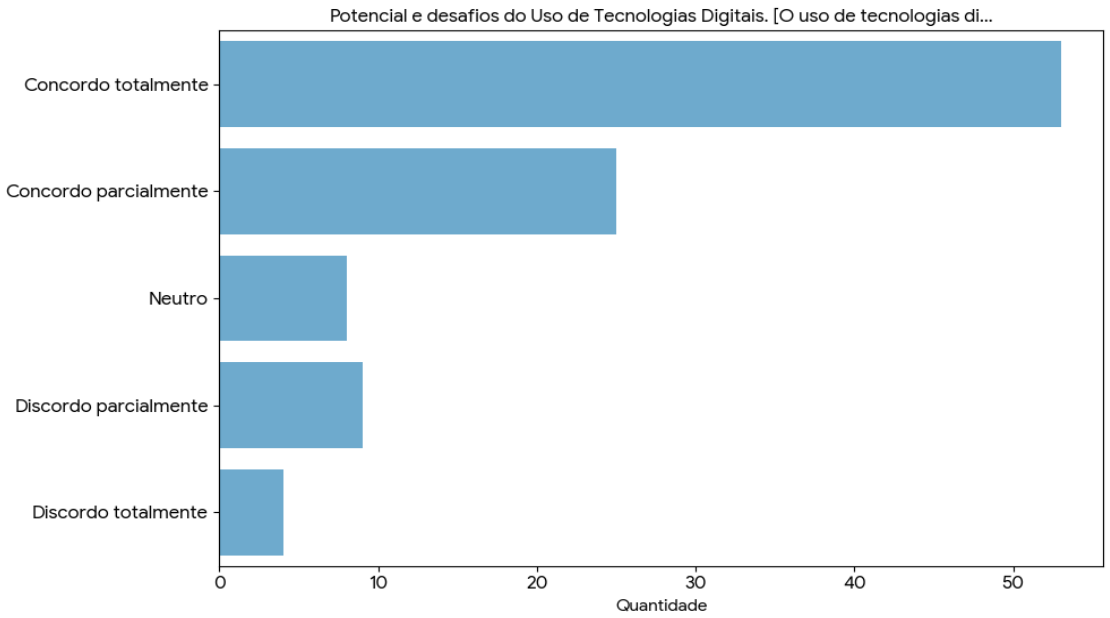
A educação sexual, ao integrar uma proposta de um ensino fundamentado nos direitos humanos, contribui para a formação cidadã ao valorizar as diferenças e trabalhar questões como diversidade, violência e sexualidade. Ao ser aplicada de forma transversal, essa abordagem favorece a conscientização dos alunos e estimula o respeito à pluralidade, colaborando assim para a construção de relações mais igualitárias, justas e o consequente fortalecimento do respeito à diferença e à cidadania dentro da comunidade escolar (Azevedo, 2023).

Neste sentido, verifica-se que a educação sexual se revela um componente essencial para a formação cidadã. Ao promover o respeito às diferenças, a comunidade escolar valoriza a diversidade dentro da instituição de ensino, estimulando alunos conscientes, respeitosos e comprometidos com um ambiente mais humano e acolhedor.

O Bloco III refere-se ao potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais na educação, visando identificar o contexto em que profissionais têm utilizado ferramentas tecnológicas digitais em suas instituições de ensino, considerando as limitações percebidas e as viabilidades para a aplicabilidade desses recursos no dia a dia institucional.

Conforme apresentado no gráfico 15, a primeira questão do bloco III - Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais, coletou as respostas dos participantes com o seguinte questionamento: O uso de tecnologias digitais pode aumentar o interesse dos estudantes pela educação sexual.

Gráfico 15 - Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais: “O uso de tecnologias digitais pode aumentar o interesse dos estudantes pela educação sexual”.



Fonte: Próprio autor (2026)

Para a questão apresentada, 53 participantes concordam totalmente que o uso de tecnologias digitais pode aumentar o interesse de estudantes pela educação sexual dentro das instituições de ensino; enquanto 25 concordam parcialmente. Além disso, 08 participantes mantiveram-se neutros; 09 profissionais discordaram parcialmente e outros 04 discordaram totalmente. Evidencia-se uma percepção majoritariamente positiva sobre o potencial das tecnologias digitais como estratégia pedagógica para ampliar o interesse dos estudantes no tema da educação sexual, embora ainda haja um grupo reduzido, representando 20% dos participantes, que apresenta receio.

Recursos digitais, como jogos educativos, mídias interativas e redes sociais, favorecem o interesse, a participação e a autonomia dos estudantes. Quando mediadas por profissionais capacitados, essas tecnologias ampliam as possibilidades de aprendizagem e contribuem para a construção de conhecimentos significativos e para o protagonismo juvenil no cuidado com a saúde (Costa, et al.,2023).

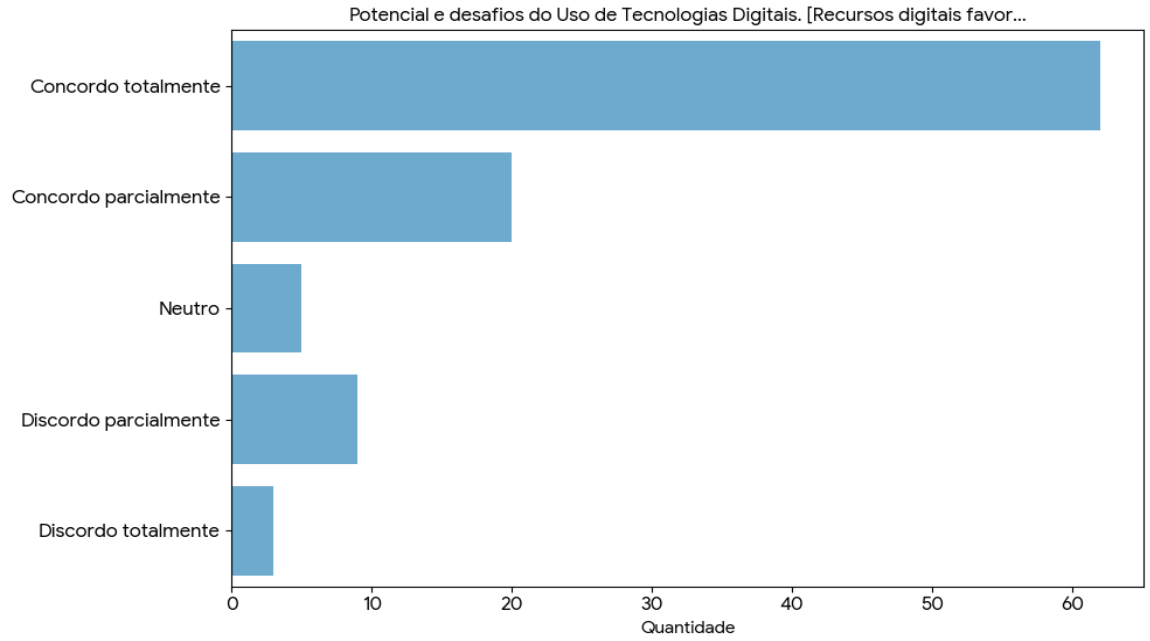
Para os autores (Costa et al.,2023), as tecnologias digitais assumem papel relevante na educação sexual por estarem integradas ao cotidiano dos jovens e

dialogarem com suas formas habituais de comunicação e aprendizagem, favorecendo assim a compreensão dos conteúdos e potencializando processos educativos mais significativos e contextualizados.

Com base na literatura especializada e no presente questionário, podemos perceber a bem-sucedida utilização de recursos digitais, como jogos educativos, mídias interativas e redes sociais, que estabelece uma conexão e aumenta o interesse, a participação e a autonomia dos estudantes por manusearem essas ferramentas tecnológicas munidas de valiosos conteúdos. Porém, esses instrumentos precisam ser mediados por profissionais capacitados para a efetiva construção de conhecimentos significativos, a partir do uso ético e profissional das ferramentas tecnológicas.

Para a segunda questão do bloco III, representada no gráfico 16, apresentam-se as respostas dos participantes em relação ao questionamento se recursos digitais favorecem uma abordagem mais inclusiva (acessibilidade, diversidade, cultural).

Gráfico 16 - Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais: “Recursos digitais favorecem uma abordagem mais inclusiva (acessibilidade, diversidade, cultural)?”



Fonte: Próprio autor (2026)

De acordo com a coleta de dados apresentada no gráfico 16, ficou evidenciado que 62 profissionais de ensino que participaram do questionário concordam totalmente que Recursos digitais favorecem uma abordagem mais inclusiva dentro dos aspectos da acessibilidade, diversidade e cultura nas suas instituições de ensino. Dentre o grupo pesquisado, 20 participantes concordam parcialmente, 05 se mantiveram neutros enquanto 09 discordam parcialmente e 03 discordam totalmente. A análise do gráfico evidencia uma percepção amplamente favorável ao uso de recursos digitais como instrumentos de promoção da inclusão, ainda que uma parcela minoritária dos respondentes manifeste neutralidade ou discordância quanto a esse potencial.

As ferramentas digitais possibilitam o desenvolvimento de estratégias educacionais que auxiliam o docente na implementação de práticas pedagógicas mais inclusivas e contextualizadas de acordo com a vivência e necessidade dos estudantes. Dessa forma, esses recursos podem ser utilizados para responder a demandas específicas, ampliar o impacto das atividades educativas e favorecer a inclusão de alunos que encontram obstáculos nas abordagens tradicionais de ensino (Pinto;Braga;Drumont,2021).

Ao ampliarem as possibilidades no processo educativo, na leitura das autoras Pinto; Braga e Drumont (2021), as tecnologias digitais favorecem a criação de experiências de aprendizagem mais dinâmicas, nas quais as tecnologias assumem um papel estimulador do interesse do aluno. Essa perspectiva reforça a compreensão de que o engajamento dos estudantes está fortemente associado à adoção de estratégias pedagógicas que dialogam com o universo digital que integra seu cotidiano.

A mediação tecnológica possibilita também que estudantes com deficiência acessem diferentes recursos educacionais que, em modelos tradicionais de ensino, muitas vezes não estariam disponíveis, garantindo assim acessibilidade e equidade na educação. A oferta de conteúdos em múltiplos formatos, como áudio e braille, além da participação em ambientes virtuais interativos, contribui para o fortalecimento da inclusão e do sentimento de pertencimento. (Santos *et al.,* 2024).

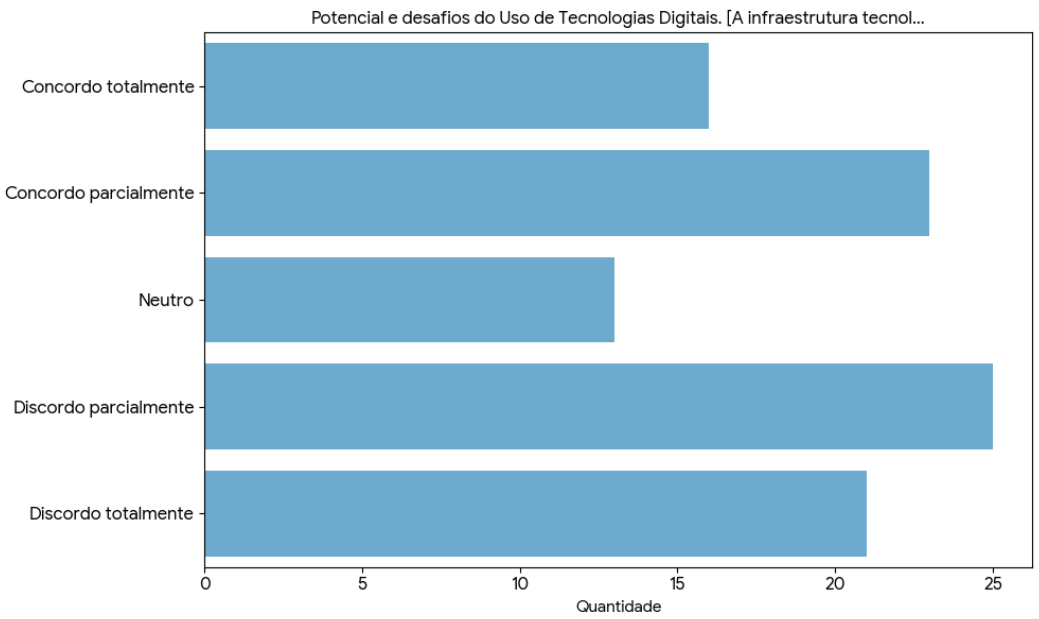
As mídias digitais favorecem o desenvolvimento de competências como a alfabetização digital, o uso crítico das tecnologias e a realização de pesquisas em ambientes online. Permite também que estudantes independentes de suas

deficiências, tenham acesso a conteúdos educacionais, garantindo igualdade no seu processo de aprendizado. Neste cenário, a inclusão digital ultrapassa a adaptação às limitações, configurando-se como um caminho para o fortalecimento da autonomia, do protagonismo e da preparação dos estudantes para a participação ativa em uma sociedade cada vez mais conectada (Santos *et al*., 2024).

Diante dos assuntos discutidos, percebe-se de modo geral, que os recursos digitais ampliam as possibilidades de uma educação mais inclusiva ao favorecer o acesso a diferentes formatos de aprendizagem e respeitar a diversidade cultural dos estudantes, diminuir barreiras geográficas e personalizar o uso de ferramentas para um melhor aprendizado. Ao incorporar princípios de acessibilidade e pluralidade, esses instrumentos contribuem para práticas pedagógicas mais igualitárias e sensíveis às diversas realidades dos alunos.

De acordo com o apresentado no gráfico 17, a terceira questão do bloco III - Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais, registrou respostas sobre a seguinte questão “ A infraestrutura tecnológica disponível na escola é adequada ?”

Gráfico 17 - Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais: “A infraestrutura tecnológica disponível na escola é adequada ?”



Fonte: Próprio autor (2026)

Os dados obtidos indicam que 16 participantes da pesquisa concordam totalmente com a afirmação que a infraestrutura tecnológica disponível na escola é adequada para uso com alunos, enquanto 23 profissionais concordam parcialmente, 13 se mantiveram neutros ao questionamento, 25 participantes discordam parcialmente e 21 discordam totalmente. A análise do gráfico evidencia que a percepção predominante entre os respondentes é de insuficiência da infraestrutura tecnológica, uma vez que a maioria não expressa concordância plena quanto à sua adequação, o que sinaliza críticas relevantes para a implementação consistente e eficaz das tecnologias digitais no contexto educacional.

A falta de infraestrutura adequada, como equipamentos atualizados e o acesso à internet de qualidade, constitui um dos principais problemas do uso pleno das tecnologias digitais no ensino. Essa realidade limita a atuação dos professores e reduz as possibilidades de aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem, ampliando as desigualdades em relação às instituições privadas, que dispõem de melhores condições e recursos financeiros para investir em tecnologia (Cazeli *et al*., 2024).

A desigualdade na distribuição de recursos tecnológicos, para os autores Cazeli *et al*., (2024), representa um grande desafio para as escolas públicas, especialmente em contextos socialmente vulneráveis, onde muitos estudantes não dispõem de computadores ou outros dispositivos em seus domicílios. Essa realidade amplia as diferenças no acesso às oportunidades de aprendizagem e compromete a igualdade no acesso educacional. Para enfrentar esse cenário, torna-se fundamental investimentos contínuos em infraestrutura tecnológica, aliados à formação e capacitação dos professores no que tange ao letramento digital docente.

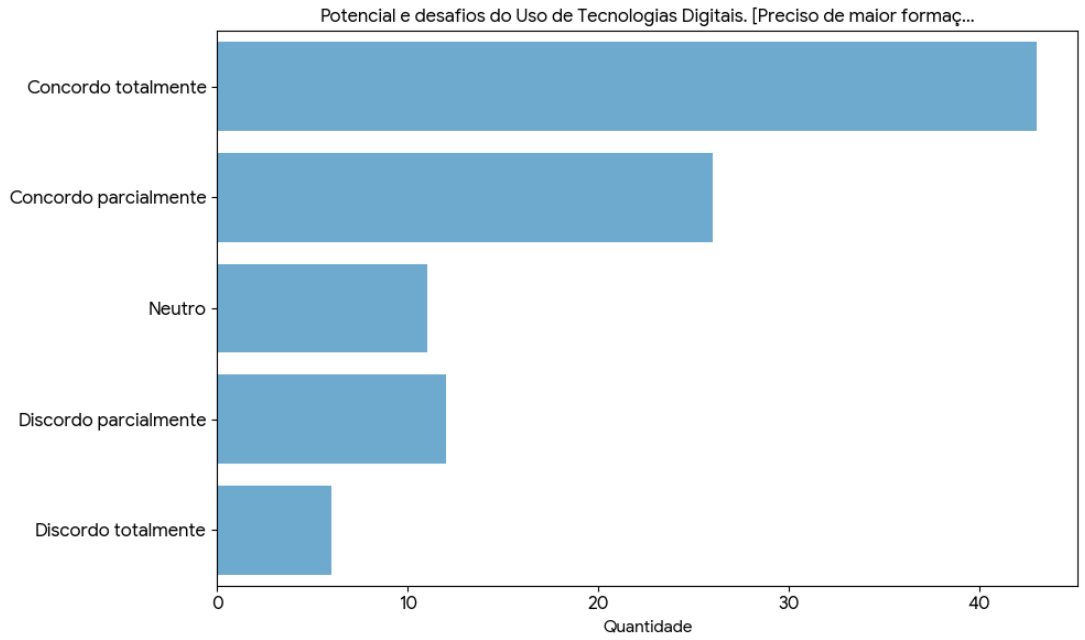
Diante do exposto, fica evidenciado que a falta de infraestrutura tecnológica nas escolas afeta de maneira mais intensa os estudantes em situação de vulnerabilidade social e as instituições públicas que carecem de falta de recursos e investimentos. Os alunos que vivem em áreas periféricas e regiões mais distantes dos centros urbanos são os mais afetados devido às carências de recursos e falta de acesso a equipamentos tecnológicos.

Podemos concluir que a ausência de equipamentos e de acesso à internet limita as possibilidades de aprendizagem e amplia desigualdades, uma vez que muitos alunos dependem exclusivamente da escola para o contato com recursos digitais. Sendo assim, se torna fundamental o investimento em infraestrutura

tecnológica nas instituições de ensino para que essa ferramenta de aprendizagem seja disponibilizada para todos.

Conforme apresentado no gráfico 18, a quarta questão do bloco III - Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais, coletou as respostas dos participantes com o seguinte questionamento: Preciso de maior formação para utilizar recursos digitais em atividades de educação sexual.

Gráfico 18 - Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais: “Preciso de maior formação para utilizar recursos digitais em atividades de educação sexual”.



Fonte: Próprio autor (2026)

De acordo com a análise do gráfico 18, o número de 43 participantes concorda totalmente que precisam de maior formação para utilizar recursos digitais em atividades de educação sexual dentro das suas atividades pedagógicas ou exercendo suas atividades profissionais nas instituições de ensino; enquanto 26 concordam parcialmente. Na sequência, 11 participantes mantiveram-se neutros; 12 profissionais discordaram parcialmente e outros 06 discordaram totalmente. Evidencia-se, portanto, que a maioria dos participantes reconhece a necessidade de

ampliação da formação profissional para o uso qualificado de recursos digitais na educação sexual.

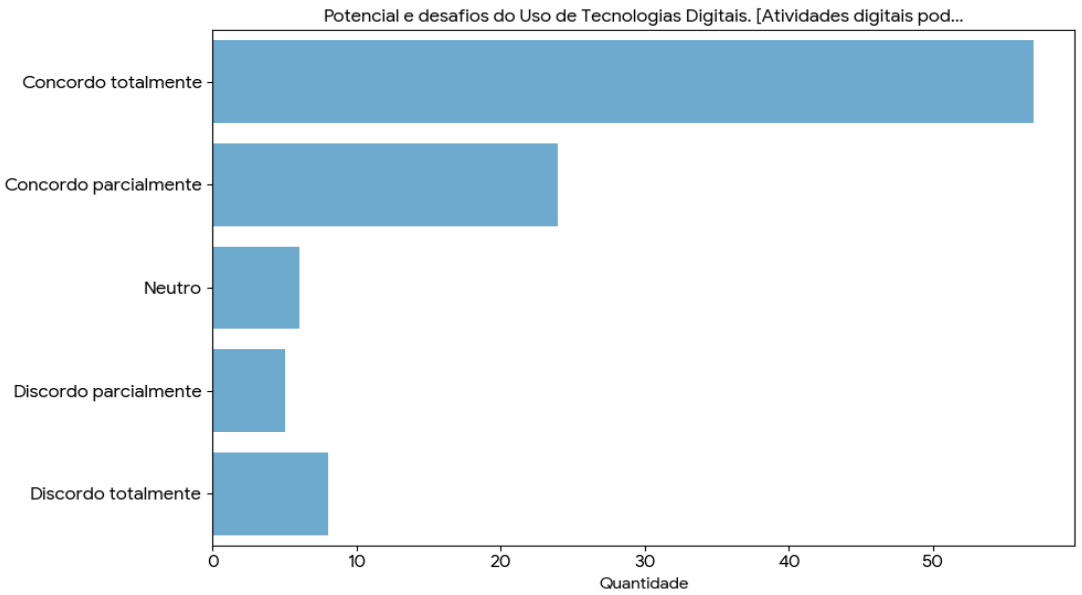
Ao longo do tempo, a formação docente no Brasil tem apresentado fragilidades significativas no que se refere à integração pedagógica das tecnologias digitais. Em muitos cursos de licenciatura, esses temas são tratados de maneira pontual ou pouco aprofundada, o que contribui para a insegurança dos professores diante da aplicação dessas ferramentas no ambiente escolar (Mantoan, 2015).

A formação docente ocupa lugar central na consolidação de práticas pedagógicas inclusivas mediadas por tecnologias digitais. A ausência de preparo específico para lidar com a diversidade limita a atuação dos professores e dificulta a efetivação da inclusão no ambiente escolar. Nesse sentido, a formação continuada, aliada à valorização profissional, constitui um elemento essencial para a construção de uma prática docente efetiva dentro da temática a ser desenvolvida (Dantas, Santos e Silva, 2026).

Diante do exposto, observa-se que a formação continuada dos professores em educação sexual, articulada ao uso das tecnologias digitais, é fundamental para qualificar as práticas pedagógicas e garantir abordagens seguras e responsáveis. A disponibilidade de carga horária específica para esse processo formativo favorece o aprofundamento teórico e o desenvolvimento do letramento digital docente. Esse preparo amplia a confiança dos professores no uso das ferramentas tecnológicas e fortalece a mediação pedagógica em temas sensíveis, promovendo um ensino mais crítico, ético e personalizado para um grupo de alunos específicos.

Conforme apresentado no gráfico 19, a quinta questão do bloco III - Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais, coletou as respostas dos participantes para a seguinte pergunta: Atividades digitais podem facilitar a abordagem de temas sensíveis de forma ética e segura.

Gráfico 19 - Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais: “Atividades digitais podem facilitar a abordagem de temas sensíveis de forma ética e segura”.



Fonte: Próprio autor (2026)

Os dados obtidos pelo gráfico 19 indicam que 57 participantes concordam totalmente que atividades digitais podem facilitar a abordagem de temas sensíveis de forma ética e segura; enquanto 24 concordam parcialmente. Pelo mesmo gráfico temos 06 participantes que se mantiveram neutros; 05 discordaram parcialmente e 08 discordaram totalmente. A análise do gráfico demonstra uma percepção amplamente favorável ao uso de recursos digitais para o tratamento responsável de temas sensíveis, com mais de 50% de respostas positivas pelos participantes, embora ainda exista uma parcela minoritária que expressa cautela ou resistência quanto a essa abordagem.

Para os autores Costa *et al.*, (2023), as tecnologias digitais educacionais têm se mostrado ferramentas valiosas para trabalhar com educação sexual com jovens, especialmente por possibilitarem abordagens criativas e reflexivas que favorecem a autonomia dos estudantes.

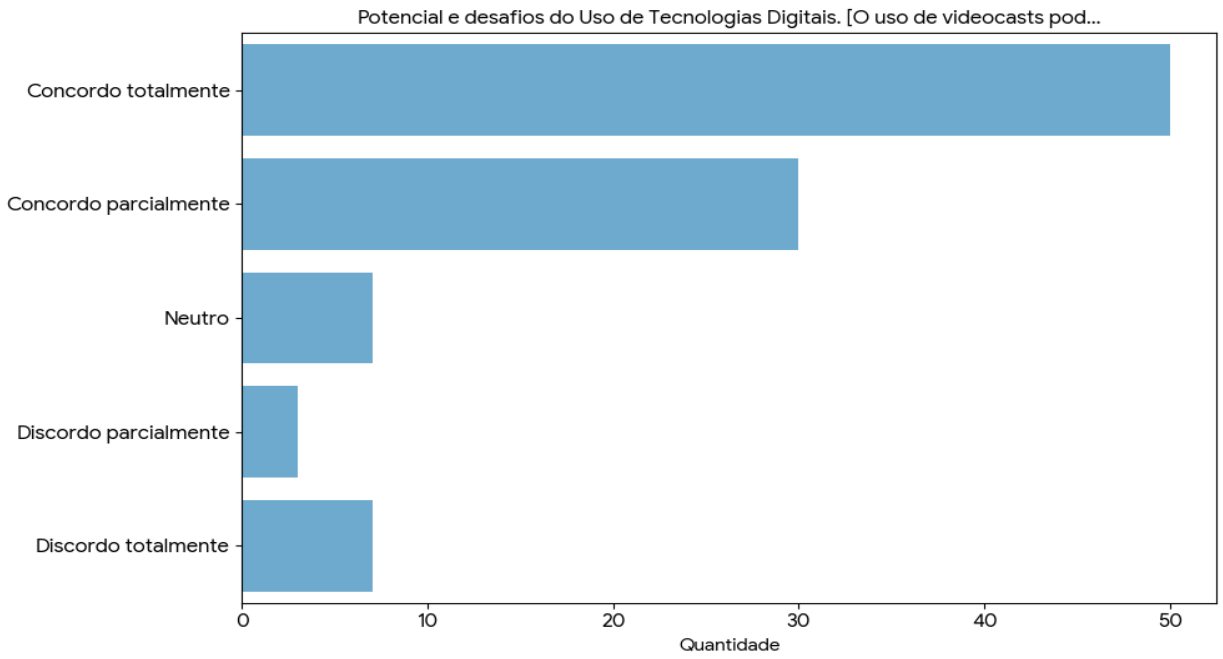
Quando utilizadas de maneira ética e responsável, essas ferramentas permitem tratar temas sensíveis com segurança, criando condições mais favoráveis ao diálogo. Considera-se, ainda, que muitos jovens sentem dificuldade ou constrangimento em esclarecer dúvidas com a família ou até mesmo dentro dos

espaços escolares, e o uso das tecnologias digitais pode oferecer canais de comunicação que preservam a privacidade. No entanto, a atuação de profissionais qualificados é essencial para garantir a veracidade das informações prestadas e permitir a criação de ambientes acolhedores, promover aprendizagens consistentes e incentivar o protagonismo dos estudantes no cuidado com a própria saúde (Costa *et al.*,2023).

Considerando a discussão acima, evidencia-se que o uso de ferramentas e recursos digitais tem grande relevância na abordagem de temas sensíveis, pois possibilita estratégias pedagógicas mais seguras, interativas e adequadas à realidade dos estudantes. Essas tecnologias favorecem o diálogo, maior acesso à informação e a construção de conhecimentos em ambientes protegidos e mediadores.

A seguir, apresentado no gráfico 20 temos a sexta questão do bloco III - Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais, coletou as respostas dos participantes para a seguinte pergunta: O uso de videocasts pode ser uma estratégia eficaz para tratar da educação sexual com estudantes.

Gráfico 20 - Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais: “O uso de videocasts pode ser uma estratégia eficaz para tratar da educação sexual com estudantes”.



Fonte: Próprio autor (2026)

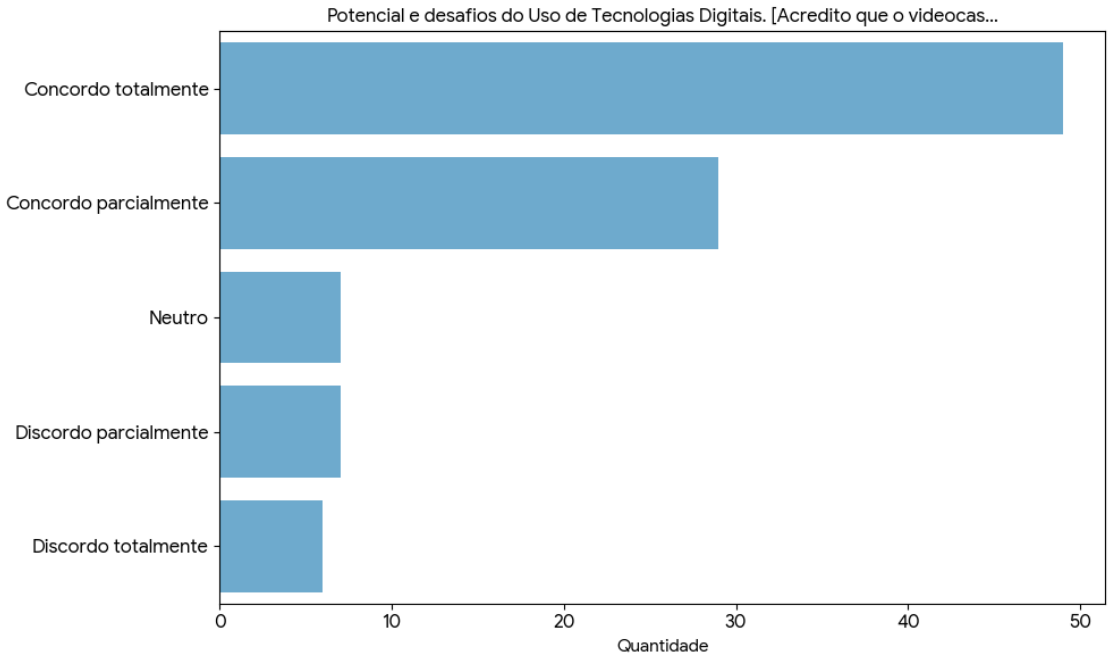
Os resultados obtidos indicam que 50 participantes concordam totalmente que o uso de tecnologias digitais pode aumentar o interesse de estudantes pela educação sexual dentro das instituições de ensino, enquanto 30 profissionais concordam parcialmente. Dessa questão, temos ainda 07 participantes mantiveram-se neutros, 03 profissionais discordaram parcialmente e outros 07 discordaram totalmente. A análise do gráfico evidencia que mais de 82% dos participantes apresentam concordância com a afirmação, demonstrando uma percepção amplamente positiva sobre o potencial das tecnologias digitais, com destaque nos *Videocasts* para criar o interesse dos estudantes na temática de educação sexual, ao passo que a discordância representa uma parcela minoritária do grupo pesquisado.

O videocast destaca-se como uma ferramenta educacional relevante por possibilitar interação, acesso rápido aos conteúdos e fácil compartilhamento nas redes sociais. Além disso, apresenta recursos de acessibilidade, especialmente pelo uso de legendas, ampliando o alcance a diferentes públicos. Essa mídia tem sido reconhecida como favorável ao processo de aprendizagem, evidenciando seu potencial na criação de experiências educativas inovadoras. O interesse dos jovens por esse formato reforça sua aplicabilidade no desenvolvimento de tecnologias educacionais alinhadas às práticas contemporâneas (Miranda AE, 2021).

Diante o exposto, nota-se que o videocast tem se consolidado como um importante aliado do professor na abordagem da educação sexual e de outros temas sensíveis em sala de aula. Por ser uma ferramenta de fácil acesso e amplo alcance, dialoga diretamente com o cotidiano digital dos estudantes, favorecendo a atenção e o engajamento. Ao unir informação e entretenimento, o videocast possibilita que conteúdos educativos sejam apresentados de forma leve, sem perder o rigor pedagógico e científico, o que contribui para reduzir constrangimentos e resistências comuns a esses temas. A linguagem oral e próxima da realidade juvenil torna a aprendizagem mais dinâmica, facilitando a compreensão e estimulando a reflexão crítica.

O gráfico 21, a sétima questão do bloco III, coletou as respostas dos participantes com o entendimento de que o videocast pode estimular a reflexão crítica e a participação ativa dos alunos sobre sexualidade.

Gráfico 21 - Potencial e desafios do uso de Tecnologias Digitais: “Acredito que o videocast pode estimular a reflexão crítica e a participação ativa dos alunos sobre sexualidade”.



Fonte: Próprio autor (2026)

Os resultados do gráfico 21 indicam que 49 participantes concordam totalmente que o videocast pode estimular a reflexão crítica e a participação ativa dos alunos sobre sexualidade, enquanto 29 concordam parcialmente. Além disso, 07 participantes mantiveram-se neutros; 07 profissionais discordaram parcialmente e outros 06 discordaram totalmente. Podemos apontar que cerca de 80% dos respondentes manifestam concordância com o potencial pedagógico do videocast, evidenciando uma avaliação predominantemente positiva dessa ferramenta, ao passo que a minoria dos participantes apresenta neutralidade ou discordância diante da afirmação.

Recursos como *videocast*, tradicionalmente associados ao entretenimento, passaram a ser incorporados ao contexto educacional como estratégias para ampliar o acesso ao conhecimento em diferentes áreas. A praticidade de uso e a facilidade de acesso tornam esses formatos atrativos para os estudantes. No caso do *videocast*, a combinação entre áudio e imagem contribui para uma melhor compreensão dos conteúdos, ao tornar as explicações mais visuais e envolventes o que gera maior interesse pelo conteúdo e consequente engajamento dos estudantes. Além disso, esse recurso permite que o material seja revisto sempre que

necessário, de acordo com as dúvidas ou necessidades de aprendizagem (Seixas; Cardoso; Campos, 2022).

A utilização de material audiovisual como vídeos, *podcasts* e videocasts no processo educativo contribui significativamente para elevar o interesse e a participação dos estudantes, pois favorece um maior envolvimento com o processo educativo, sobretudo quando articulado às tecnologias digitais. A criação desse tipo de material estimula o diálogo, o trabalho colaborativo, permitindo reflexões e análises mais profundas e a troca de experiências entre os alunos. Além disso, possibilita também uma análise mais crítica dos temas abordados, fortalecendo a construção coletiva do conhecimento (Oechsler; Fontes; Borba, 2017).

Diante dos assuntos discutidos, percebe-se que o videocast consolida-se como uma estratégia pedagógica potente ao dialogar diretamente com a linguagem e os hábitos digitais dos estudantes, tornando o processo de aprendizagem mais cativante e interessante para o público jovem. Seu formato dinâmico e de fácil consumo contribui para manter a atenção dos alunos, estimulando o interesse e a participação ativa. Quando formatado com intuito pedagógico, o videocast promove reflexão, autonomia e aprendizagem colaborativa. Assim, investir nessa ferramenta representa uma escolha pedagógica coerente com as demandas educacionais modernas.

Para complementar e aprofundar as informações fornecidas nos gráficos anteriores, foram adicionadas duas perguntas abertas destinadas aos educadores que participaram do estudo. Essa estratégia procurou captar impressões mais subjetivas e detalhadas, permitindo uma análise das experiências vivenciadas. As respostas obtidas foram organizadas em um quadro síntese, no qual cada participante foi identificado por meio de códigos alfanuméricos (P01,P02,....), acompanhados de seus respectivos relatos.

Para essas duas perguntas discursivas, vamos utilizar a análise de conteúdo conforme proposta por Bardin (2016), que trata os dados de forma sistemática e com rigor, utilizando três etapas principais: (1) pré-análise com foco na organização e definição de critérios; (2) exploração do material dedicado a codificação e categorização dos dados e (3) o tratamento dos resultados e sua devida interpretação com a análise e discussão do material. Para a execução da primeira etapa foi organizada a coleta das respostas dos participantes com o seguinte questionamento discursivo: Com base em sua experiência, quais são os principais

desafios ou barreiras que dificultam a implementação de práticas de educação sexual no contexto escolar? (Exemplos: aspectos culturais, institucionais, pedagógicos ou relacionados à formação docente).

Em relação às perguntas abertas, no total de 102 participantes do questionário, 89 responderam às questões discursivas. No quadro 1 abaixo, foram destacadas vinte respostas para análise. Todas as respostas (89) encontram-se disponíveis no apêndice desta pesquisa.

Quadro 1 - Respostas ao questionamento: “Com base em sua experiência, quais são os principais desafios ou barreiras que dificultam a implementação de práticas de educação sexual no contexto escolar?”

Participantes	**Resposta discursiva do Entrevistado no Questionário:** Com base em sua experiência, quais são os principais desafios ou barreiras que dificultam a implementação de práticas de educação sexual no contexto escolar? (Exemplos: aspectos culturais, institucionais, pedagógicos ou relacionados à formação docente).
P05	Aspectos culturais, instruções e formações aos professores e gestores em relação ao assunto.
P07	O medo dos docentes diante das ameaças feitas por parte da sociedade quando professores abordaram práticas de educação sexual em suas salas de aula.
P12	Famílias com visões divergentes; barreira na percepção dos gestores; falta de diretrizes claras e materiais adequados; necessidade de formação.
P18	Cultura conservadora e religião cristã (seja católica ou evangélica).

P19	Desconhecimento sobre a temática e possível constrangimento dos alunos e do próprio docente.
P23	Desafios ligados aos tabus e crenças limitantes da família. Associação equivocada com incentivo à prática precoce.
P26	Aspectos culturais, políticos, religiosos e relativos à própria formação docente.
P30	Aspecto cultural, tabu por parte dos responsáveis e barreiras institucionais.
P31	Formação do docente.
P33	Aspectos culturais/sociais, institucionais, pedagógicos e formação docente insuficiente.
P41	Falta de aporte pedagógico e suporte conteudista/social na formação docente.
P49	Tabu familiar, resistência institucional e limitação do tema a aulas de ciências/corpo humano.
P57	Falta de formação continuada, crenças religiosas, falta de tempo e internet de má qualidade.

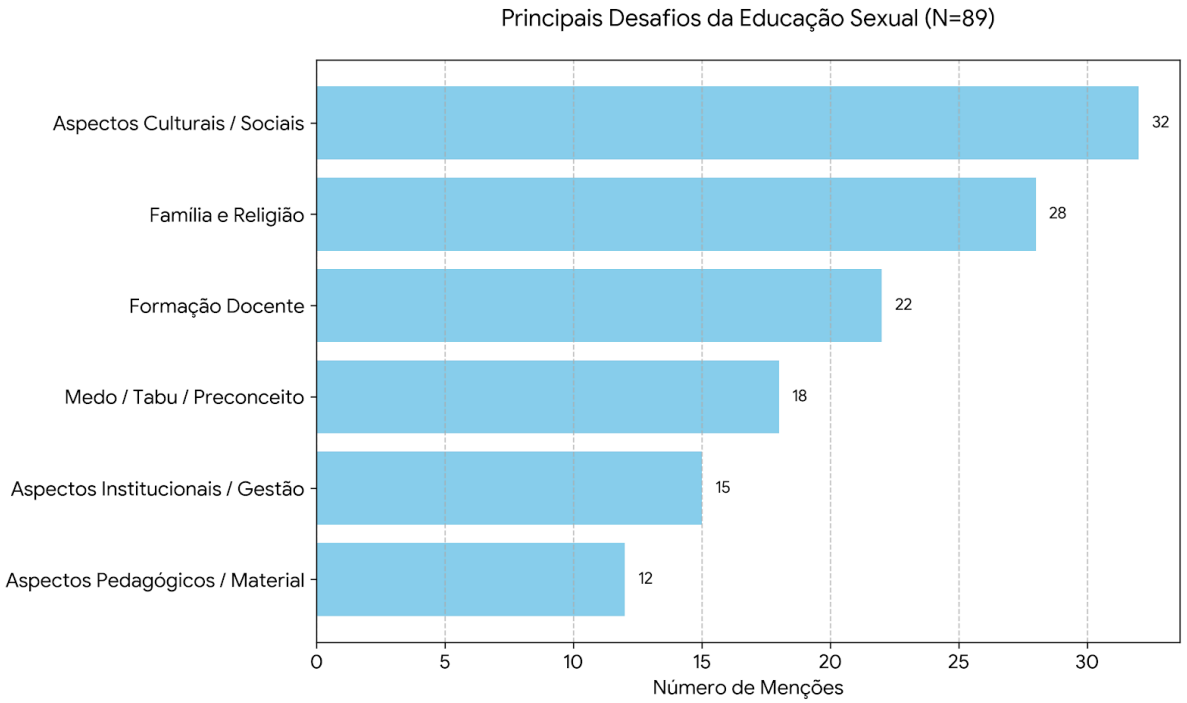
P62	Preconceito das famílias/escolas e ignorância sobre o assunto.
P69	Barreiras formativas de gestores e coordenadores que desconhecem o tema.
P73	Necessidade de políticas públicas e elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) com a comunidade.
P78	Dificuldade com a comunidade externa e preconceito com termos biológicos/genitais.
P85	Formação docente.
P86	Polarização política e risco de má interpretação pela comunidade.
P87	Desinformação dos estudantes e receio docente devido a estereótipos e visão tradicional.

Fonte: Próprio autor (2026)

Foi elaborado pelo autor, um gráfico síntese que consolida as respostas dos 89 participantes. Essa representação gráfica, com base na primeira etapa do método de Bardin (2016), a (1) pré-análise com foco na organização e definição de critérios, visa facilitar a visualização e a compreensão dos principais temas discutidos e apontados pelos participantes da pesquisa preliminar.

Assim, o gráfico 22 possibilita visualizar os principais temas que aparecem nas 89 respostas da primeira questão discursiva da pesquisa.

Gráfico 22 - Gráfico criado para ilustrar os temas percebidos nas 89 respostas discursivas da seguinte questão: “Com base em sua experiência, quais são os principais desafios ou barreiras que dificultam a implementação de práticas de educação sexual no contexto escolar?”



Fonte: Próprio autor (2026)

Para a segunda etapa desta análise de dados utilizamos a exploração do material conforme orienta Bardin (2016), a partir da codificação, classificação e categorização do material. Para a visualização dos dados e auxílio na organização das respostas, utilizou-se a inteligência artificial *Gemini* (Google) como ferramenta de apoio técnico. O recurso foi empregado para estruturar os gráficos que sintetizam as respostas discursivas e para colaborar no agrupamento inicial dos termos recorrentes das perguntas abertas, servindo de suporte para a construção do quadro de categorização de Laurence Bardin.

Alinhado às diretrizes de integridade científica do CNPq e do MEC sobre o uso de IA na pesquisa acadêmica, ressalta-se que a ferramenta atuou estritamente como um assistente operacional para o processamento de informações. Todo o processo foi submetido à supervisão constante e à revisão crítica do pesquisador, cabendo exclusivamente ao autor a checagem dos dados, a correção de inconsistências, a análise reflexiva e a redação final do texto. Desse modo, garante-se a autoria, a originalidade e a responsabilidade ética sobre os resultados

apresentados.Para facilitar a organização visual, esses dados sistematizados estão apresentados no quadro 2 em categorias, subcategorias e principal conteúdo do material analisado.

Quadro 2 - Quadro de Análise Conteúdo: Desafios na Abordagem da Educação Sexual e ISTs

Categoria (Eixos Temáticos)	**Subcategorias**	**Unidades de Registro (UR) - Exemplos de falas codificadas**	**Frequência (Nº de menções)**
1. Barreira Sociocultural (Aspectos culturais) e Familiar	**Resistência Familiar e Tabus**	“aspecto cultural”, "Interferência da família", "Tabu familiar", "Não aceitação dos pais".	42
	Influência Religiosa e Conservadorismo	"Questões religiosas", "Cultura conservadora", "Religião cristã (católica ou evangélica)", "Preconceito estrutural".	18
2. Dimensão da Formação Docente	**Ausência de Preparo e Formação**	"Falta de formação continuada", "Instruções e informações insuficientes", "Falta de pessoal pedagógico", "Desconhecimento sobre a temática".	28

	Aspectos Subjetivos (Medo e Vergonha)	"Medo dos docentes diante das ameaças", "Possível constrangimento", "Vergonha", "Receio de conflitos".	12
3. Dimensão Institucional e Recursos	**Gestão e Políticas Públicas**	"Politicagem por trás da educação", "Falta de apoio dos gestores", "Barreiras institucionais", "Necessidade de políticas públicas".	15
	Recursos Pedagógicos e Tecnológicos	"Material pedagógico adequado", "Falta de infraestrutura tecnológica", "Internet de má qualidade", "Utilização de tecnologias".	11
TOTAL			**126 URs***[6]

Fonte: Próprio autor (2026)

A análise das respostas evidencia uma realidade em que a educação sexual em escolas é atravessada por pressões externas e por deficiências na organização institucional. Destacam-se, sobretudo, os entraves de natureza sociocultural, apontados por muitos participantes como determinantes, especialmente pela

[6] O autor criou o quadro usando a técnica de Análise Categorial de Bardin (2016). As Unidades de Registro (UR) foram contabilizadas por tópico, somando 126 incidentes extraídos das declarações de 89 participantes. Como uma única resposta pode conter vários núcleos de sentido, o número de URs é maior do que o de respondentes.

influência exercida pelas famílias no contexto escolar e pela presença de concepções religiosas que limitam o debate.

Os dados obtidos nesta etapa da pesquisa indicam que um dos principais obstáculos à implementação da educação sexual nas escolas está no confronto com os elementos culturais locais. Dos 89 participantes que responderam a pergunta discursiva, 24 citaram "aspectos culturais" como um obstáculo e desafio na abordagem desse tema, representando quase 30% de respostas coletadas só nesse ponto. Esse contexto reforça a ideia de que o educador se sente inseguro no exercício da docência em educação sexual com receio de sua formação, a existência de tabus e possível percepção negativa da comunidade escolar, conforme podemos observar nos relatos destacados dos participantes 7, 18 30, 33 e 62, todos docentes do Ensino Fundamental II:

> O medo dos docentes diante das ameaças feitas por parte da sociedade quando professores abordaram práticas de educação sexual em suas salas de aula. (Participante 7, 2025).

> Cultura conservadora e religião cristã ,seja católica ou evangélica. (Participante 18, 2025).

> Aspecto cultural, tabu por parte dos responsáveis e barreiras institucionais (Participante 30, 2025).

> Aspectos culturais/sociais, institucionais, pedagógicos e formação docente insuficiente (Participante 33, 2025).

> Preconceito das famílias/escolas e ignorância sobre o assunto (Participante 62, 2025).

Segundo Oliveira e Nobrega (2025), o atual cenário educacional é marcado por disputas ideológicas, tornando a educação sexual vulnerável à influência de discursos conservadores. Dessa forma, essa temática fica aprisionada em valores morais e religiosos, cujas posições restritivas tendem a limitar o debate, diminuindo sua presença na escola e reduzindo o tema a uma abordagem exclusivamente

biológica, o que desconsidera suas dimensões sociais, culturais, afetivas e identitárias.

O avanço do conservadorismo nas políticas públicas educacionais tem resultado na exclusão de conteúdos relacionados à diversidade sexual e de gênero dos currículos nas salas de aula. Essa supressão compromete práticas pedagógicas inclusivas, reforça estigmas, reprime a prática dos docentes e profissionais da educação em suas comunidades acadêmicas, contribuindo assim para a permanência de situações de discriminação e violência nos espaços escolares (Oliveira; Nóbrega, 2025).

Somam-se a essa problemática, a escassez de ações de formação continuada e progressista, aliada à falta de materiais pedagógicos e estratégias metodológicas adequadas que limitam o desenvolvimento do trabalho na comunidade escolar. Abaixo, destaco três respostas dos participantes da pesquisa que apontam essas ausências:

> Aspectos culturais, instruções e formações aos professores e gestores em relação ao assunto (Participante 5, 2025).

> Desconhecimento sobre a temática é possível constrangimento dos alunos e do próprio docente (Participante 19, 2025).

> Formação docente (Participantes 31 e 85, 2025)

A ausência de uma formação inicial consistente sobre Educação Sexual pode frustrar resultados positivos esperados de práticas pedagógicas relacionadas ao tema, dentro das instituições de ensino, uma vez que a educação sexual se trata de um campo de atuação profissional marcado por elevada complexidade, que exige formação inicial e continuada para constante atualização. É ao longo da formação continuada que o professor tem a oportunidade de refletir sobre sua prática e buscar caminhos para lidar com os desafios que surgem no cotidiano escolar (Figueiró, 2018).

Segundo Figueiró (2018) há estudos indicando que muitos educadores demonstram inseguranças ao tratar da educação sexual no contexto escolar, lidando com conflitos de ordem ética e receio de reações adversas por parte da comunidade escolar. Diante desse cenário, nota-se a necessidade de investimentos em formação

continuada desses profissionais, de modo que sejam disponibilizados acessos a informações atualizadas para que esses educadores desenvolvam maior confiança para abordar Educação Sexual de forma qualificada.

É comum encontrar entre os professores inseguranças pessoais ou deficiências em sua formação que impedem a realização de um trabalho pedagógico em educação sexual. Além disso, a falta de materiais e recursos didáticos, juntamente com os obstáculos existentes na própria instituição escolar e nas relações com as famílias dos alunos, são fatores que tornam esse processo ainda mais complicado e inibem o profissional da educação em trabalhar com essa temática (Vieira; Matsukura, 2017).

Zerbinati e Bruns (2016) enfatizam que a prática docente não deve ser orientada pela imposição de conteúdos ou métodos pedagógicos estabelecidos previamente. Em vez disso, eles defendem a oferta de subsídios teóricos, metodológicos e subjetivos que possam ajudar os docentes a lidar com as demandas específicas de cada ambiente escolar. Na falta desse apoio, geralmente prevalece uma abordagem pedagógica distante e puramente transmissiva, pouco conectada à realidade, além de revelar as dificuldades dos professores em separar suas crenças pessoais do conhecimento científico.

É fundamental a criação de ações voltadas à formação contínua dos educadores em educação sexual, com ênfase na reflexão crítica e no diálogo sobre a diversidade das estruturas familiares, além de assuntos relacionados a gênero, pluralidade e sexualidade. Essas medidas têm como objetivo prepará-los para enfrentar esses desafios de maneira mais segura e competente no ambiente escolar. Quanto mais disponíveis e acessíveis forem os materiais pedagógicos e recursos didáticos, mais benefícios os professores obterão, o que terá um impacto direto na melhoria das práticas e da qualidade das aulas (Farias,2015).

O quadro 3, apresenta uma síntese das respostas à segunda pergunta discursiva do formulário. Devido à extensão dos dados, foram selecionadas 20 respostas mais representativas dos eixos temáticos identificados nesta pesquisa. A totalidade dos registros e o quadro completo com as 89 respostas encontram-se disponíveis para consulta no apêndice.

Quadro 3 - Respostas ao questionamento: Na sua visão, que benefícios o uso pedagógico de tecnologias digitais, especialmente do videocast, pode trazer para o trabalho com a educação sexual nas escolas (exemplos:maior engajamento, acessibilidade, diálogo com os estudantes)?

Participantes (89 respondentes)	**Resposta discursiva do Entrevistado no Questionário:** Na sua visão, que benefícios o uso pedagógico de tecnologias digitais, especialmente do videocast, pode trazer para o trabalho com a educação sexual nas escolas (exemplos:maior engajamento, acessibilidade, diálogo com os estudantes)?
P01	Acessibilidade.
P02	Acessibilidade.
P05	Abordagem clara, objetiva, espontânea e na linguagem dos estudantes.
P11	Torna o acesso mais democrático e fácil por serem meios usuais de comunicação.
P14	Oportunizar a escuta ativa por parte dos estudantes e trocar conhecimentos.
P15	Ferramenta tecnológica favorável a alcançar a linguagem dos alunos; facilitador da aprendizagem.
P18	Formato audiovisual facilita a atenção e desperta interesse.

P27	Favorece o engajamento, amplia a acessibilidade e cria um espaço seguro de diálogo.
P30	Tecnologia aproxima os alunos da prática pedagógica; gera identificação e pertencimento.
P32	Maior acessibilidade, diálogo.
P34	Maior engajamento, despertando interesse por estar relacionado a uma tecnologia.
P38	Maior engajamento, atratividade e proximidade dos estudantes jovens.
P44	Melhor diálogo e discussão com os estudantes!
P54	Maior interesse dos alunos; linguagem adaptada ao meio deles (transposição didática).
P58	Facilitar a discussão em sala de aula; temática abordada fora do espaço escolar.
P62	Maior atenção e escuta dos estudantes que já nascem “nativos digitais”.
P63	Acessibilidade principalmente e dinamicidade.

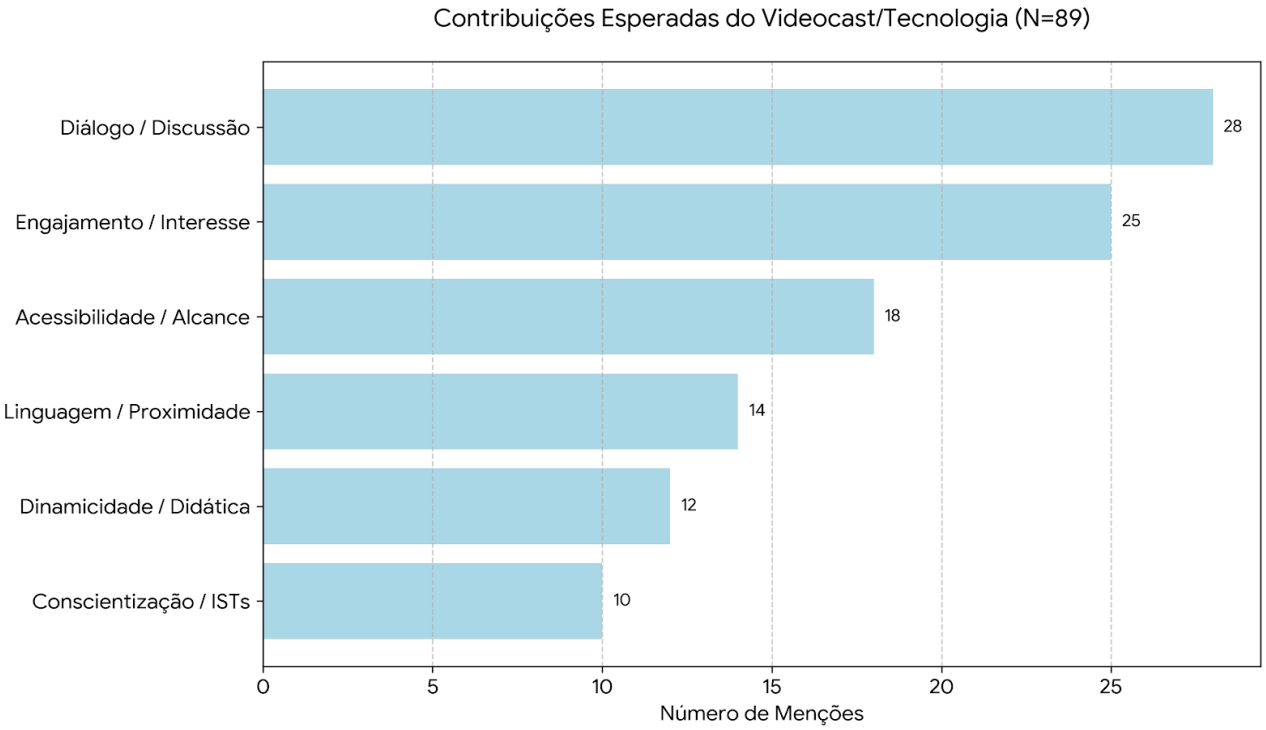
P70	Acessibilidade.
P80	Acessibilidade.
P84	Ferramenta que ajuda, mas depende da intenção e mediação do professor qualificado.

Fonte: Próprio autor (2026)

Para facilitar a visualização das categorias identificadas por meio da análise de conteúdo de Bardin (2016), o autor contou com o suporte da inteligência artificial Gemini para organizar e consolidar as informações do gráfico 23 e Quadro 4 respectivamente. Cabe destacar que o fornecimento de todos os dados, bem como as correções e os ajustes finais do gráfico, foram realizados diretamente pelo pesquisador, garantindo a precisão das informações.

Essa colaboração tecnológica permitiu a elaboração de um gráfico síntese que reúne as principais respostas, otimizando a leitura dos dados e tornando a compreensão dos eixos centrais destacados na pesquisa preliminar muito mais clara e de fácil apresentação. Conforme apresentado no gráfico 23 visualizamos os principais temas que aparecem nas respostas dos 89 profissionais da educação que responderam à segunda questão discursiva da pesquisa.

Gráfico 23 - “Na sua visão, que benefícios o uso pedagógico de tecnologias digitais, especialmente do videocast, pode trazer para o trabalho com a educação sexual nas escolas ?



Fonte: Próprio autor (2026)

Para a análise das potencialidades e benefícios do Videocast como tecnologia digital na educação, realizou-se a exploração do material conforme Bardin (2016), na sua categorização de dados. Os assuntos foram categorizados no quadro 4 para apresentar uma melhor compreensão visual.

Quadro 4 - Quadro de Análise de Bardin do conteúdo: Benefícios o uso pedagógico de tecnologias digitais, especialmente do videocast, pode trazer para o trabalho com a educação sexual nas escolas

Categoria (Eixos Temáticos)	**Subcategorias**	**Unidades de Registro (UR) - Exemplos de falas codificadas**	**Frequência (Nº de menções)**
1. Potencial Dialógico e Social	**Abertura para o Diálogo e desperta o interesse**	"Espaço seguro de diálogo", "Daria um pontapé para iniciar o diálogo", "Trocar conhecimentos", "Interatividade".	25
	Conscientização e Prevenção	"Maturidade e prevenção de ISTs", "Esclarecimentos que evitam gravidez", "Responsabilidade com a vida sexual".	10
2. Mediação Pedagógica e Engajamento	**Engajamento e Atração**	"Maior engajamento e motivação", , "Atratividade e proximidade", "Entusiasmo".	23
	Linguagem e Proximidade (Nativos Digitais)	"Linguagem dos estudantes", "Canais imagéticos", "Formato audiovisual facilita a atenção", "Meio	13

		usual de comunicação".	
	Metodologia e Dinamicidade	"Abordagem mais dinâmica", "Transposição didática", "Metodologia atrativa", "Visão mais ampla e diversificada".	16
3. Democratização e Acessibilidade	**Acessibilidade e Alcance**	"Acesso mais democrático", "Alcance para além da sala de aula", "Prática barata", "Possibilita acesso de diferentes níveis".	17
TOTAL			**104 URs***

Fonte: Próprio autor (2026)

Ao cruzar os dados após a categorização das temáticas, podemos perceber que o *Videocast* é visto como um valioso instrumento didático para iniciar o diálogo com os estudantes. Os participantes sinalizaram que o uso desta tecnologia audiovisual desperta o interesse, facilita a discussão da temática e promove o engajamento desse público.

> Abordagem clara, objetiva, espontânea e na linguagem dos estudantes (Participante 5, 2025)

> Ferramenta tecnológica favorável a alcançar a linguagem dos alunos; facilitador da aprendizagem (Participante 15, 2025)

> Formato audiovisual facilita a atenção e desperta interesse (Participante 18, 2025)

> Maior engajamento, despertando interesse por estar relacionado a uma tecnologia (Participante 34, 2025)

> Maior engajamento, atratividade e proximidade dos estudantes jovens (Participante 38, 2025)

> Facilitar a discussão em sala de aula; temática abordada fora do espaço escolar (Participante 58, 2025)

Identificar o contexto que envolve a escola é fundamental para ofertar práticas pedagógicas de acordo com a realidade dos alunos, que estão sempre sujeitos a influências provenientes de fora do ambiente escolar. Ao incorporar mídias e recursos digitais no cotidiano escolar, o educador oferta tecnologias que são consumidas constantemente por essa população jovem, portanto de fácil identificação e aderência. O educador promove um processo de aprendizagem mais relevante e alinhado às experiências dos estudantes (Fantin, 2006).

Neste sentido, integrar o audiovisual no ensino impulsiona o protagonismo e a autonomia do aluno, habilidades vitais para sua trajetória pessoal e profissional. Essa abordagem conecta conteúdos à realidade local, transformando o aprendizado em uma experiência crítica, significativa e de alto engajamento (Bona,2025).

Quando o diálogo e o acolhimento caminham juntos, o videocast possibilita a 'escuta ativa' (participante 14), cria um ambiente seguro (participante 27) e melhora o diálogo com os estudantes (participante 44), os relatos abaixo evidenciam essas percepções dos profissionais da educação que participaram da entrevista.

> Oportunizar a escuta ativa por parte dos estudantes e trocar conhecimentos (Participante 14, 2025)

> Favorece o engajamento, amplia a acessibilidade e cria um espaço seguro de diálogo (Participante 27, 2025)

> Melhor diálogo e discussão com os estudantes! (Participante 44, 2025)

Segundo Fantin (2006), integrar a mídia ao cotidiano escolar, seja como objeto de debate ou como recurso pedagógico, contribui para aproximar o processo educativo da realidade vivida pelos estudantes. Essa aproximação favorece o debate no ambiente escolar, desperta o interesse dos estudantes, supre as carências de informações confiáveis e facilita a reflexão dos temas abordados.

Quando o professor utiliza o audiovisual no cotidiano escolar, ele precisa criar um espaço onde os alunos recebam informações de qualidade e tenham interesse em dialogar com a tecnologia oferecida sem perder seu papel de condutor do conhecimento. O relato do participante 84, docente da educação básica no ensino fundamental II na rede pública de ensino da cidade do Rio de Janeiro reforça essa necessidade.

> Ferramenta que ajuda, mas depende da intenção e mediação do professor qualificado (Participante 84, 2025)

Moran (2007) destaca que o trabalho pedagógico com mídias ganha força quando o professor as utiliza como estratégias de provocação e diálogo com os estudantes. Ao recorrer às tecnologias tanto para introduzir quanto para consolidar um conteúdo, o docente precisa criar situações que despertem o debate em sala de aula, ampliem o interesse pelo tema e incentivem a curiosidade investigativa dos alunos. Nesse processo, o papel do professor se desloca da simples transmissão de informações para uma atuação mediadora, que orienta, instiga e acompanha a construção do conhecimento.

De acordo com os depoimentos dos participantes, percebe-se que o *Videocast*, se consolida como uma ferramenta de baixo custo, acessível e de fácil aplicação, conforme apresentados nos relatos dos participantes abaixo:

> Acessibilidade (Participantes 1,2, 32, 63, 70 e 80, 2025)

> Prática democrática e relativamente barata, possibilitando o acesso de diferentes níveis sociais (Participante 16, 2025)

Para Dutra, Santos e Bell'Aver (2014), o videocast ajuda o aluno a entender melhor o conteúdo trabalhado por meio do audiovisual. O grande diferencial é ser uma ferramenta barata e possível de ser produzida, o que rompe barreiras socioeconômicas e permite que diferentes realidades participem da educação. Por ser compatível com celulares e computadores, levando o saber para além da sala de aula, seu uso é acessível pois seu conteúdo pode ser consultado via plataformas gratuitas permitindo o estudante ter acesso ao saber de forma inclusiva.Conforme apresentado no quadro 2, percebe-se que o videocast se apresenta como um recurso acessível capaz de ampliar o alcance à educação sexual, abrindo espaço para conversas seguras e alinhadas às vivências dos jovens. Ao articular inovação tecnológica com conteúdos de qualidade e conduzidos por profissionais qualificados e com investimento em formação continuada, essa ferramenta contribui para superar limites historicamente presentes no campo da saúde escolar e proporciona para os estudantes espaços de acolhimento e debates em educação sexual.

5.2. Desenvolvimento do Videocast #PapoRetoIST

Os resultados da pesquisa exploratória preliminar demonstraram que 80% dos participantes concordam com o potencial pedagógico do Videocast como ferramenta educacional, o que motivou a construção desse produto educacional como material didático de apoio para profissionais da educação que vislumbram trabalhar com jovens do ensino fundamental II.

Esse processo contemplou uma pesquisa bibliográfica do material disponível referente à promoção da educação sexual para jovens do ensino fundamental II, somado à análise dos dados coletados no questionário exploratório preliminar obtidos via *Google Forms* que subsidiaram a elaboração da estrutura dos quatro episódios do Videocast, que recebeu o nome de #PapoRetoIst.

Para a realização deste material audiovisual adotou-se os métodos utilizados em produções audiovisuais, como as etapas de produção: pré produção, produção e pós produção. Após a utilização destas etapas foram incorporadas as etapas de publicação e divulgação, totalizando cinco etapas para o desenvolvimento do produto.

A etapa inicial, chamada de pré-produção, corresponde ao período de preparação e planejamento, no qual são definidos os objetivos do vídeo, elaborada a

sinopse e roteiro. Na sequência, ocorre a fase de produção, caracterizada pela realização das filmagens. Por fim, a pós-produção reúne as ações voltadas à finalização do material, como a edição, a seleção e a organização das imagens captadas, resultando na composição das cenas e na construção do vídeo em sua totalidade (Vargas, Rocha e Freire, 2007).

A escolha da temática central do produto orientou a etapa de pré-produção do programa e as demais, garantindo coerência e articulação para a produção dos episódios, conforme mensagem do videocast: “Vida sexual plena e segura do jovem: estratégias para o gerenciamento de riscos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)”.

A estruturação dos episódios teve como objetivo trabalhar a educação sexual dando destaque em temáticas dentro da saúde e educação, sendo foi realizada a organização dos episódios (EP 01 ao 04) , definindo temas, títulos e seu respectivo conteúdo, para garantir fluidez, clareza e engajamento na gravação conforme quadro 5.

Quadro 5 - Estrutura dos Episódios Videocast.

#PapoRetoIST	**TEMA**	**CONTEÚDO**
EPISÓDIO 1 #ISTsNaEscola: O Mapa de Risco Real da Geração Z	Diagnóstico e Desmistificação. Apresentação de dados e tendências atuais das ISTs (Sífilis, HPV, HIV) no Brasil, focando na faixa etária do Ensino Fundamental II.	O que os alunos realmente sabem e o que a internet ensina de errado. O papel do profissional da educação como agente de informação confiável.
EPISÓDIO 2 Alerta Vermelho: Os Sinais Secretos das	Identificação, Testagem e Prevenção Básica. Como o professor pode orientar sobre a identificação e o diagnóstico.	Tipos de ISTs em Foco: Sífilis, Gonorreia, HPV (e a importância da vacina), Herpes e HIV. Sinais e

ISTs (E Como Agir Rápido)		sintomas que podem ser percebidos. A importância da Testagem (os Centros de Testagem e Aconselhamento - CTA) e como o diagnóstico precoce salva vidas.
EPISÓDIO 3 Novas Tecnologias de Segurança Sexual: Vacinas, PREP e PEP.	Estratégias Avançadas de Prevenção. Como apresentar a gama completa de ferramentas disponíveis para o aluno e o professor.	Métodos de Barreira: A desmistificação e o uso correto da camisinha masculina e feminina. O papel dos géis lubrificantes como aliados na prevenção. Novas Estratégias: O que são e como funcionam a PrEP (Profilaxia Pré-Exposição), a PEP (Profilaxia Pós-Exposição) e a DoxiPEP (Doxiciclina Pós-Exposição), e como o professor pode orientar sobre elas sem prescrever.
EPISÓDIO 4 O jovem que precisa de ajuda e o caminho para as unidades de saúde.	Ação Prática e Rede de Apoio O que o profissional da educação deve fazer quando suspeita ou recebe uma confissão sobre ISTs	O passo a passo de como orientar o aluno e a família a buscar a UBS e o CTA. O papel da escola na articulação com a rede de saúde.

Fonte: Próprio autor (2026)

Após a definição da estrutura do episódio, a produção audiovisual exigiu a organização de uma série de processos fundamentais para assegurar a viabilidade técnica e operacional da gravação. Entre esses processos destacaram-se a seleção

e confirmação dos convidados, escolha do nome do projeto, realização de testes prévios no estúdio para verificação de áudio, iluminação e enquadramento, bem como a discussão e detalhamento da pauta de gravação, alinhando conteúdos, tempos de fala e dinâmica do episódio.

Também foram planejados aspectos logísticos, como o deslocamento dos convidados, a organização de alimentação e o cumprimento dos horários estabelecidos, de modo a garantir fluidez durante a gravação. Paralelamente, foi elaborada uma listagem dos equipamentos audiovisuais necessários, incluindo câmeras, microfones, iluminação e recursos de apoio, além da reserva dos estúdios da UNICARIOCA – campus Rio Comprido, disponibilizado pelo Programa de Pós-graduação de Novas Tecnologias Digitais na Educação. Todo esse planejamento foi sistematizado em cinco etapas, conforme apresentado na Figura 2, contribuindo para a qualidade técnica do produto final e para a otimização do processo de produção.

Figura 2 - Etapas de Planejamento *Videocast*



Fonte: Próprio autor (2026)

Para a elaboração do *Videocast*, foram adotadas as etapas de planejamento, gravação, edição e publicação, por garantirem organização e qualidade ao produto final. O planejamento definiu objetivos, roteiro, convidados e aspectos técnicos, orientando toda a produção. A gravação concentrou-se na captação adequada de áudio e imagem, assegurando clareza e fidelidade das falas. A edição possibilitou ajustes, cortes e inserção de elementos visuais e sonoros, tornando o conteúdo mais dinâmico. Por fim, a publicação permitiu a divulgação do material em plataformas digitais, ampliando o alcance e o acesso ao conteúdo educativo.

Na fase de planejamento era essencial que os roteiros fossem elaborados separadamente contemplando os temas e conteúdos de cada episódio definido pela estruturação de episódios realizada anteriormente.

O roteiro pode ser compreendido como o planejamento textual do produto audiovisual, no qual se organiza, de forma antecipada, a narrativa que será apresentada. Nele, descrevem-se com clareza as sequências das cenas, os enquadramentos, os diálogos, as falas dos participantes e os elementos sonoros, como trilhas e efeitos. Esse instrumento orienta toda a produção, garantindo coesão, fluidez e melhor comunicação da mensagem ao público (Seabra,2016).

Segundo o autor acima citado, a elaboração do roteiro deve ser construída de modo que essa ferramenta seja o manual para a produção da obra audiovisual. Devido a isso é importante conter diversos detalhes como ações, perguntas, informações dos convidados, entre outros elementos essenciais para a gravação da obra (Seabra,2016).

Nos roteiros foram definidas as perguntas principais, perfil de cada convidado e a estrutura do programa. A figura 3, apresenta o roteiro do primeiro episódio do Videocast. Os demais roteiros encontram-se no apêndice da pesquisa.

Figura 3 - Roteiro Episódio 1



Fonte: Próprio autor (2026)

Após a definição do nome do produto audiovisual, iniciou-se paralelamente o trabalho de concepção artística e da identidade visual do *Videocast*, com o propósito de realizar um projeto gráfico que colocasse o nome do programa em evidência e apresentasse um design jovem, moderno para estabelecer uma comunicação clara e direta com o público-alvo, conforme *figura 4.*

Figura 4 - Arte do Videocast #PapoRetoIST



Fonte: Próprio Autor (2025)

Para a viabilidade da gravação, ainda na etapa de planejamento, foi definida a prioridade de produção: convite dos convidados para participação da gravação - pois sem os participantes não poderíamos avançar com o restante do planejamento. A escolha do perfil dos convidados direcionou-se para a participação de profissionais da saúde e da educação, de modo a garantir uma abordagem mais ampla e qualificada do tema. A presença de um profissional da medicina e da enfermagem contribuíram com informações técnicas, preventivas e atualizadas sobre as ISTs, enquanto o professor de biologia contextualiza os conteúdos científicos de forma pedagógica, acessível e de acordo com a realidade encontrada dentro de sala de aula. Essa integração entre áreas visou enriquecer o debate, promovendo a troca de saberes e favorecendo uma compreensão mais crítica e integrada sobre a temática. De forma muito incomum, todas as primeiras opções de convidados desejados pela produção aceitaram o convite da gravação e ajustaram suas agendas para a data sugerida, possibilitando fechar a etapa de definição dos participantes.

Representando o campo da educação, participou Tábata Elise Ferreira Cordeiro, doutora em Biologia Comparada pela Universidade Estadual de São Paulo, mestre em Biodiversidade e Evolução pela Universidade Federal da Bahia e licenciada em Ciências Biológicas, atuando como professora no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e como professora colaboradora no Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação da Unicarioca e coorientadora desta pesquisa.

Na área da medicina, foi convidada Rayanne Cupolillo Ferreira, doutora e mestre em Epidemiologia em Saúde Pública pela ENSP/Fiocruz, médica formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com residência em Medicina de Família e Comunidade, que atua como professora adjunta da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro e médica da Atenção Primária à Saúde no município do Rio de Janeiro.

Representando o campo da enfermagem, participou Marcos Gleison Araújo Silva, enfermeiro pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialista em Doenças Infecciosas e Parasitárias e mestre em Saúde Pública, ambos pela Fundação Oswaldo Cruz. Com experiência em pesquisas e ações voltadas à prevenção do HIV/AIDS entre jovens, atuando em um polo de prevenção combinada e promoção da saúde sexual. O autor deste trabalho exerceu a função de apresentador e mediador do programa.

Após o aceite dos convidados, foram realizadas as etapas de gravação do Videocast, com base na logística do planejamento, que incluiu o transporte dos participantes e a preparação de uma sala de recepção com espaço para alimentação, no mesmo andar dos estúdios da Unicarioca. Também foram fornecidas orientações prévias sobre figurino e maquiagem, visando padronização visual e conforto durante a gravação. Definiram-se, ainda, o horário de chegada e o tempo médio de gravação por episódio, garantindo melhor controle do cronograma.

Em função da disponibilidade de agenda e da otimização do processo, optou-se pela gravação dos quatro episódios no mesmo dia. A decisão de não realizar troca de figurino priorizou o foco no conteúdo e favoreceu a fluidez da dinâmica de gravação. Na figura 5, temos os participantes no estúdio do programa antes de iniciarmos a gravação

Figura 5 - Participantes no estúdio #PapoRetoIST



Fonte: Próprio Autor (2025)

Na etapa de gravação, os estúdios foram previamente preparados pela equipe técnica da Unicarioca, com a realização de testes de iluminação, enquadramento, captação de áudio e organização do cenário. As gravações ocorreram por episódio, com duração média de aproximadamente 30 minutos cada, respeitando intervalos de cerca de 10 minutos entre os programas para descanso dos convidados, uso do banheiro e recomposição da equipe.

A produção de vídeos pode ser realizada com diferentes recursos tecnológicos, como smartphones, tablets, câmeras digitais, filmadoras ou até computadores. A seleção desses dispositivos está diretamente relacionada ao

formato da gravação planejada e às condições materiais disponíveis no ambiente escolar. A qualidade visual obtida a partir desses equipamentos influencia significativamente o produto final. Contudo, a adoção de técnicas adequadas de captação e enquadramento permite aprimorar o resultado, mesmo quando se utilizam recursos mais simples. O registro audiovisual foi realizado com o uso de três câmeras (GoPro e Canon), estrategicamente posicionadas para garantir diversidade de planos e qualidade na pós-produção. Foram utilizados enquadramentos fechados (close) individuais para cada participante, além de uma câmera central em plano geral, contemplando todos os convidados no cenário. Essa configuração permitiu maior dinamismo visual e flexibilidade na edição.

O produtor audiovisual e jornalista do estúdio, Thiago Sales de Sa, ficou responsável pela produção dentro do estúdio, controle dos cartões de memória para gravação, monitoramento das gravações e segurança dos arquivos, assegurando a integridade do material captado. Na figura 6, observa-se o cenário do *Videocast* e na figura 7, o autor desta pesquisa e apresentador do Videocast André Bastos junto com o Produtor Audiovisual e Jornalista Thiago Salles, responsável pela gravação.

Figura 6 - Gravação do *Videocast* #PapoRetoIST	Figura 7 - Apresentador do *Videocast e pesquisador André Bastos (esquerda) e o Produtor Audiovisual e Jornalista Thiago Salles (direita)*
	

Fonte: Próprio Autor (2026)

Por fim, o material captado passou pelo processo de edição entrando assim na terceira etapa, no qual foram realizados cortes, ajustes de áudio e imagem, inserção de elementos visuais e sonoros, culminando na finalização do *Videocast* para exibição e divulgação junto ao público-alvo durante a oficina de formação pedagógica. O software de edição utilizado foi o Adobe Premiere, escolhido por sua interface intuitiva e facilidade de uso, mesmo em projetos mais complexos. O programa permite uma organização eficiente dos arquivos e uma edição fluida da linha do tempo. Além disso, oferece recursos acessíveis para cortes, ajustes de áudio e imagem, otimizando o processo de pós-produção. Na figura 8, observamos o programa sendo editado neste software.

Figura 8 - *Videocast em processo de edição no Adobe premiere*

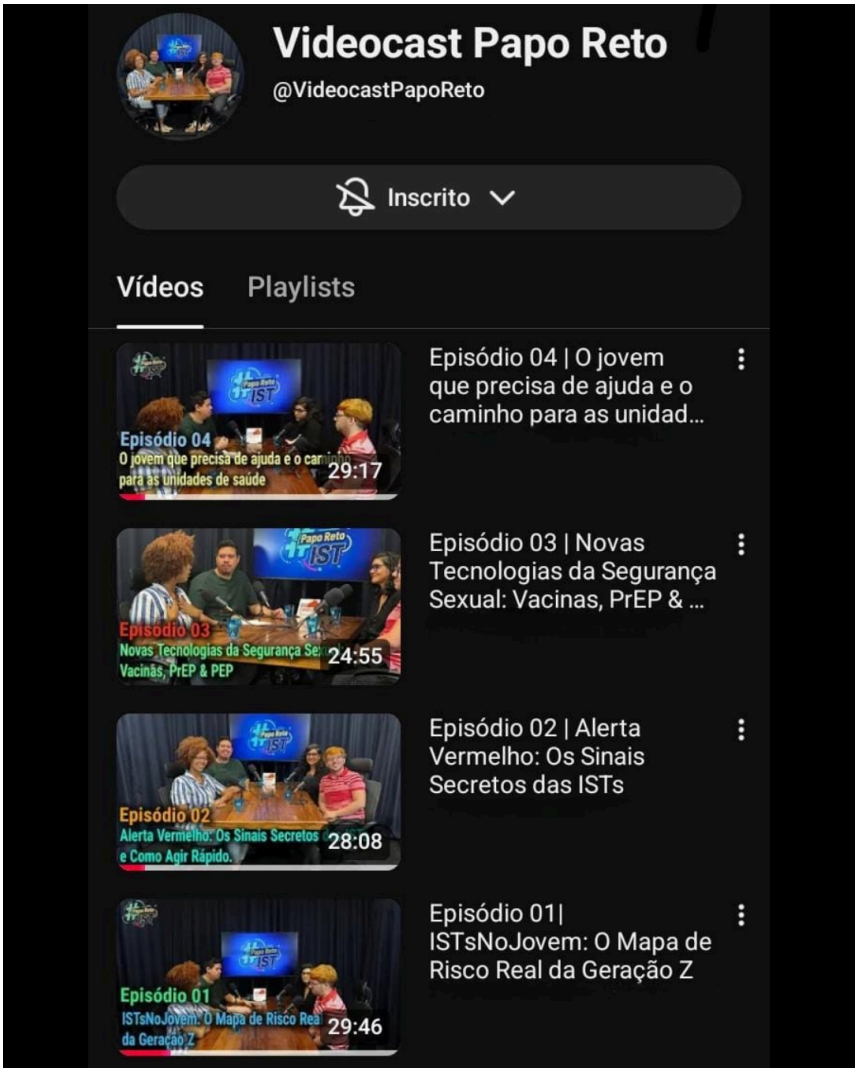


Fonte: Próprio Autor (2026)

Na quinta etapa de publicação optou-se em publicar na plataforma YouTube, por se tratar de um ambiente amplamente acessado pelo público jovem e com grande potencial de alcance e compartilhamento. Essa escolha visou ampliar a visibilidade do conteúdo e facilitar o acesso às discussões propostas. Todos os episódios já estão disponíveis: https://www.youtube.com/@VideocastPapoReto

Como estratégia complementar, realizou-se também a produção de cortes dos episódios para divulgação em outras redes sociais. Esse processo encontra-se em fase de desenvolvimento, com o objetivo de expandir ainda mais o engajamento do público. Na figura 9, apresentamos a página do Videocast no Youtube com todos os episódios disponíveis.

Figura 9 - *Videocast em processo de edição no Adobe premiere*



Fonte: Próprio Autor (2026)

A última etapa do videocast corresponde à fase de divulgação, atualmente em desenvolvimento, com foco na ampliação do alcance e da aplicabilidade do produto. O material já vem sendo apresentado em congressos educacionais e utilizado por participantes do videocast em palestras e atividades formativas. Foi selecionado e participou da exposição InovaEdu e apresentado no VII Colóquio da Unicarioca. Além disso, o conteúdo também será ofertado para uso nas redes de educação do estado do Rio de Janeiro, bem como em unidades de saúde e serviços de acolhimento voltados à prevenção e ao cuidado das Infecções Sexualmente Transmissíveis, fortalecendo sua função educativa e social. Na figura 10 e 11 fotos da apresentação do Videocast no VII Colóquio UniCarioca concorrendo ao dez melhores produtos técnicos do prêmio InovaEdu.

Figura 10 - Videocast #PapoRetoIST no evento acadêmico VII Colóquio UniCarioca 2025	*Figura 11 - Apresentação do Videocast #PapoRetoIST no evento acadêmico VII Colóquio UniCarioca 2025.*
	
Fonte: Próprio Autor (2026)	Fonte: Próprio Autor (2026)

Dessa forma, o videocast produzido configura-se como um recurso digital pedagógico potente por possibilitar aos profissionais da educação acesso qualificado, dinâmico e contextualizado à educação sexual com foco nas Infecções Sexualmente Transmissíveis, integrando informação científica, linguagem acessível à temática.

5.3. Realização da Oficina Pedagógica

A oficina pedagógica teve como objetivo principal promover uma atividade sobre a temática educação sexual, com ênfase na prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e no autocuidado. A iniciativa buscou fornecer uma abordagem mais segura, crítica e embasada do tema em seus contextos educacionais, contribuindo para a consolidação de práticas pedagógicas alinhadas à promoção da saúde sexual com foco na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis.

A atividade proposta, visou estimular a reflexão dos educadores sobre a importância da saúde com o recorte para conhecimento e prevenção de ISTs. Na figura 12, o convite foi disponibilizado para profissionais da educação de todos os segmentos. Essa atividade de formação foi realizada de forma online e gratuita com certificado e organização via plataforma digital Even3[7].

A oficina foi realizada dia 09 de Dezembro de 2025, de forma remota, contando com a participação de 23 pessoas de diferentes segmentos da educação básica, superior e profissional entre docentes, gestores educacionais e equipe pedagógica.

Figura 12 - Convite Oficina Pedagógica Educação Sexual para Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis .



Fonte:Próprio Autor (2026)

[7] A **Even3** é uma plataforma digital que simplifica a organização de eventos e cursos, reunindo inscrições e certificados em um único ambiente online, de fácil acesso para organizadores e participantes.

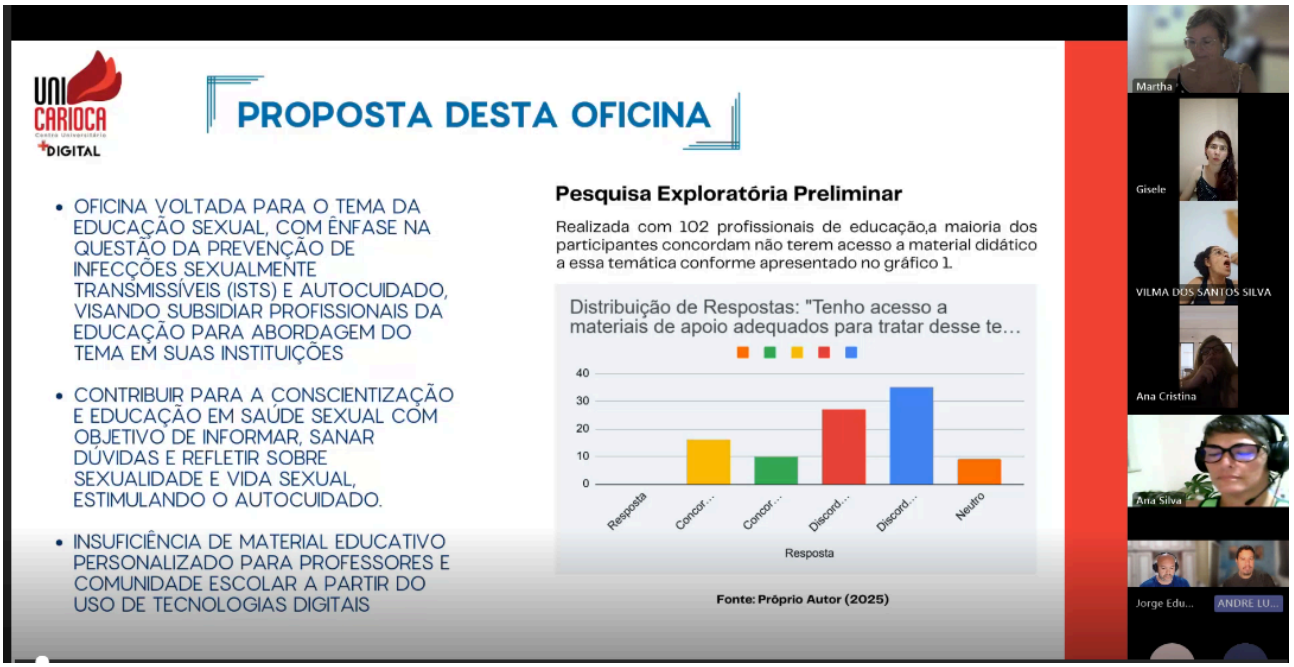
Inspirada no ensino dialógico[8], proposto por Freire (1996), essa atividade compreendeu-se como uma prática fundamentada na troca constante entre educador e educando, em que o diálogo, a escuta recíproca e a participação ativa de ambos favorecem a produção compartilhada do conhecimento. Nesse processo, o saber não é transmitido de forma unilateral, mas construído coletivamente, considerando as experiências, vivências e o contexto social em que o estudante está inserido, tornando a aprendizagem mais significativa e crítica.

Na etapa inicial da oficina, realizou-se a apresentação da proposta, a contextualização do tema a ser abordado e a exposição do percurso profissional do mediador, bem como das inquietações que motivaram o desenvolvimento do trabalho enquanto pesquisador. A atividade teve como foco a educação sexual, com ênfase na prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e nas práticas de autocuidado, buscando oferecer subsídios teóricos e práticos aos profissionais da educação para a abordagem qualificada do tema em seus contextos institucionais.

A proposta também visou contribuir para a promoção da saúde sexual, por meio da informação, do esclarecimento de dúvidas e da reflexão crítica sobre sexualidade e vida sexual, destacando ainda a carência de materiais educativos personalizados voltados a professores e à comunidade escolar, especialmente aqueles que utilizam o uso de tecnologias digitais. Na figura 13, o pesquisador apresentou a proposta da oficina pedagógica para os 23 participantes da atividade.

[8] O ensino dialógico é uma abordagem pedagógica que entende a educação como um processo de construção do conhecimento por meio do diálogo entre educador e educando. Nessa perspectiva, ambos participam ativamente da aprendizagem, compartilhando saberes, experiências e reflexões, em uma relação baseada na escuta, no respeito e na problematização da realidade. O diálogo torna-se, assim, um elemento central para promover a aprendizagem crítica, significativa e contextualizada.

Figura 13 - Apresentação da proposta da Oficina Pedagógica Educação Sexual para Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis para os participantes.



Fonte: Próprio Autor (2026)

A segunda etapa da oficina trabalhou o conceito da aprendizagem colaborativa para realização do processo de conscientização dos participantes, por meio de estratégias interativas e debates que possibilitaram compreender o conhecimento prévio dos integrantes da atividade sobre a temática.

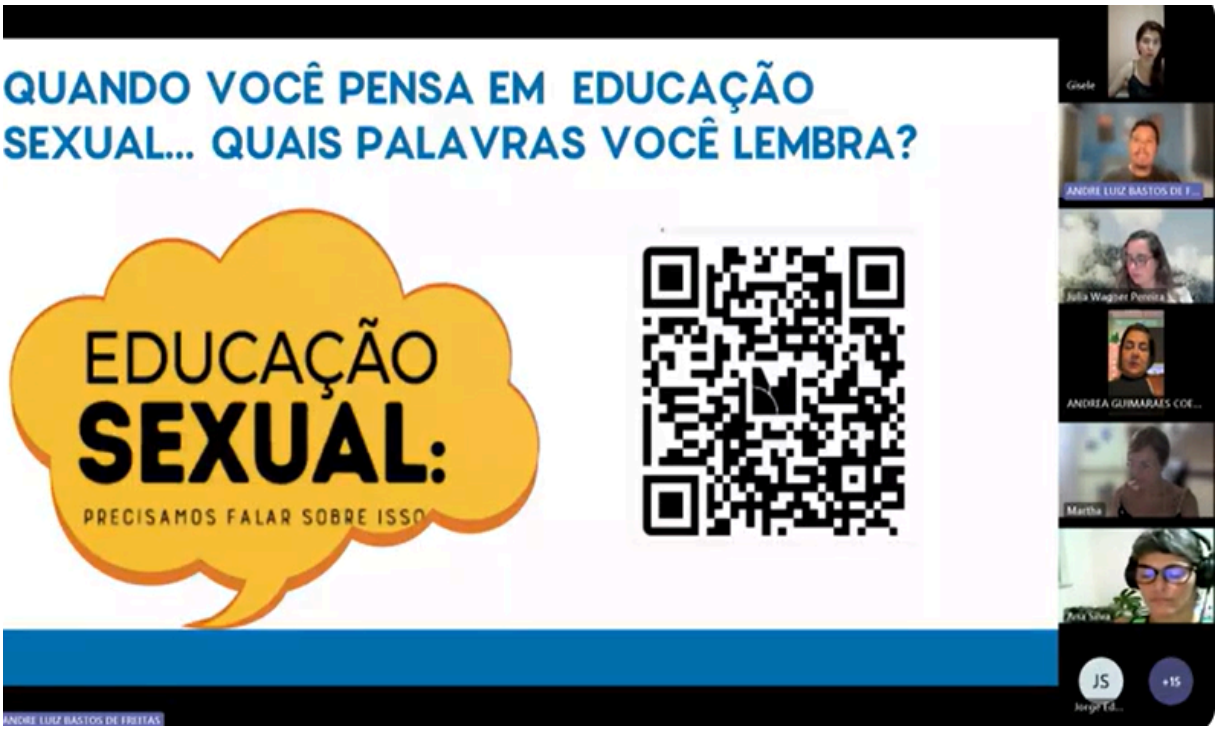
A aprendizagem colaborativa consiste em uma estratégia pedagógica em que os estudantes atuam de forma conjunta para atingir objetivos educacionais comuns, compartilhando ideias, vivências e saberes. Esse modelo valoriza a construção coletiva do conhecimento, a troca constante entre os participantes e a corresponsabilidade pelos resultados. Diferencia-se do simples trabalho em grupo por enfatizar a cooperação e a interdependência positiva, podendo ser aplicada em diferentes níveis de ensino e fortalecida pelo uso de tecnologias digitais, inclusive em contextos de aprendizagem a distância (Pereira e Silva, 2017).

Foram apresentados didaticamente os seguintes temas: Sexualidade como dimensão humana, os diversos perfis dos jovens e formas de trabalhar educação sexual de maneira efetiva para esse público e o entendimento da legislação vigente que embasa as atividades de saúde sexual nas instituições de ensino. Todas essas

propostas foram realizadas sempre com ações colaborativas de construção de conhecimento, a exemplo de rodas de conversa, uso de [9]Padlet na construção de nuvens de palavras e recursos digitais que favoreceram a troca de experiências entre os participantes.

Os objetivos pedagógicos desse terceiro momento foram compreender o conhecimento inicial dos participantes, aprofundar o debate mediante a apresentação de informações alicerçadas em fontes científicas e promover a reflexão sobre o papel da escola na mediação de temas relacionados à educação sexual com foco na prevenção de ISTs. Na figura 14, participantes da oficina em roda de conversa.

Figura 14 - Oficina Pedagógica Educação Sexual para Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis - Roda de Conversa e ações colaborativas com os participantes.



Fonte: Próprio Autor (2026)

De acordo com Freire (1996), a prática pautada no diálogo estimula o compartilhamento de conhecimentos e o reconhecimento recíproco, contribuindo para a construção de um espaço educativo mais participativo e democrático. Ao

[9] O Padlet é uma plataforma online de mural virtual colaborativo que permite criar e compartilhar quadros interativos de forma visual. Funciona como um "post-it" digital, onde usuários podem adicionar textos, imagens, vídeos, links e arquivos em tempo real, sendo muito utilizado para educação, brainstorming e organização de projetos.

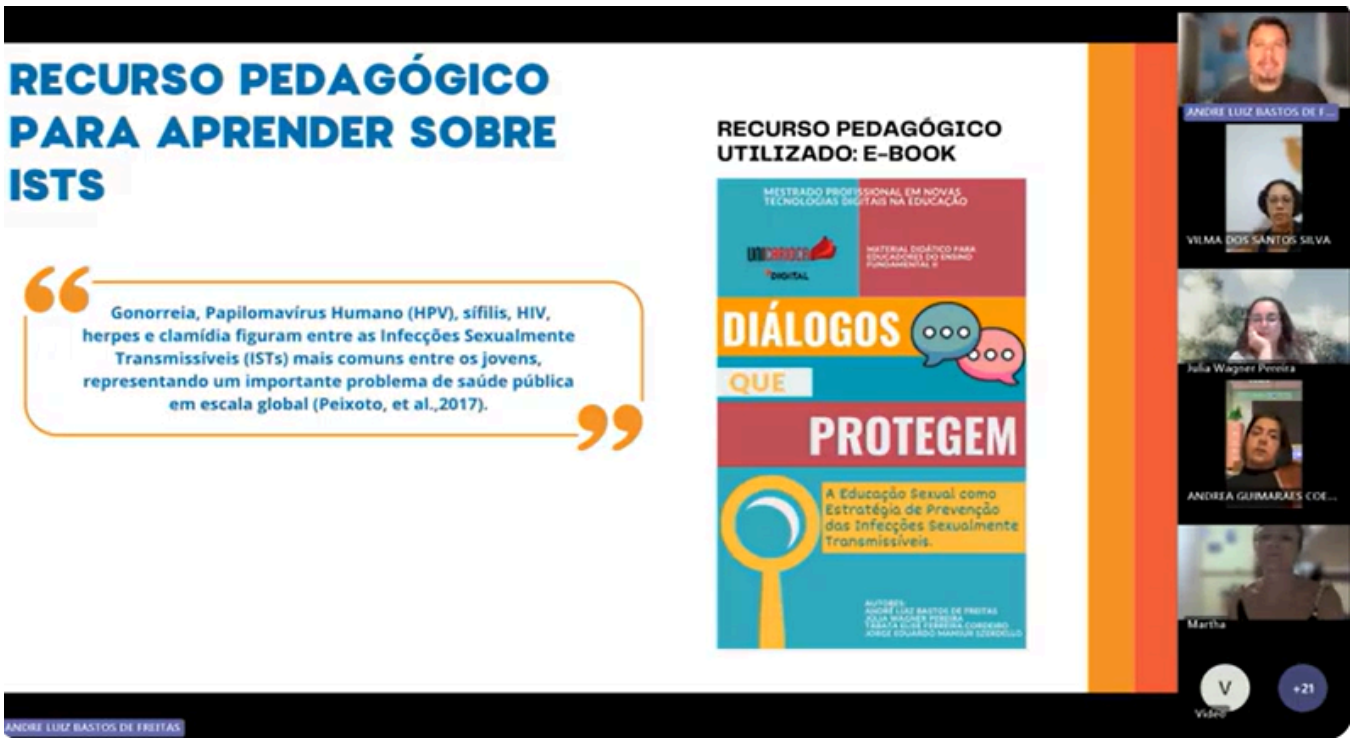
longo dos momentos de questionamento, observou-se que a maioria dos participantes da oficina se mostraram envolvidos e atuantes.

Posteriormente, foram apresentados conceitos fundamentais sobre educação sexual, ISTs, suas formas de transmissão e prevenção, além de dados epidemiológicos provenientes do Ministério da Saúde e de secretarias estaduais e municipais de saúde. A abordagem conceitual foi sustentada por autores e estudos técnicos que discutem a importância da educação sexual como estratégia de promoção da saúde e dos direitos humanos.

O uso do material didático elaborado para essa formação e personalizado para os profissionais da educação básica para o letramento em educação sexual, com ênfase nas Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), mostra-se fundamental por possibilitar o acesso a informações confiáveis, atualizadas e organizadas de forma didática, alinhadas às necessidades reais do contexto escolar.

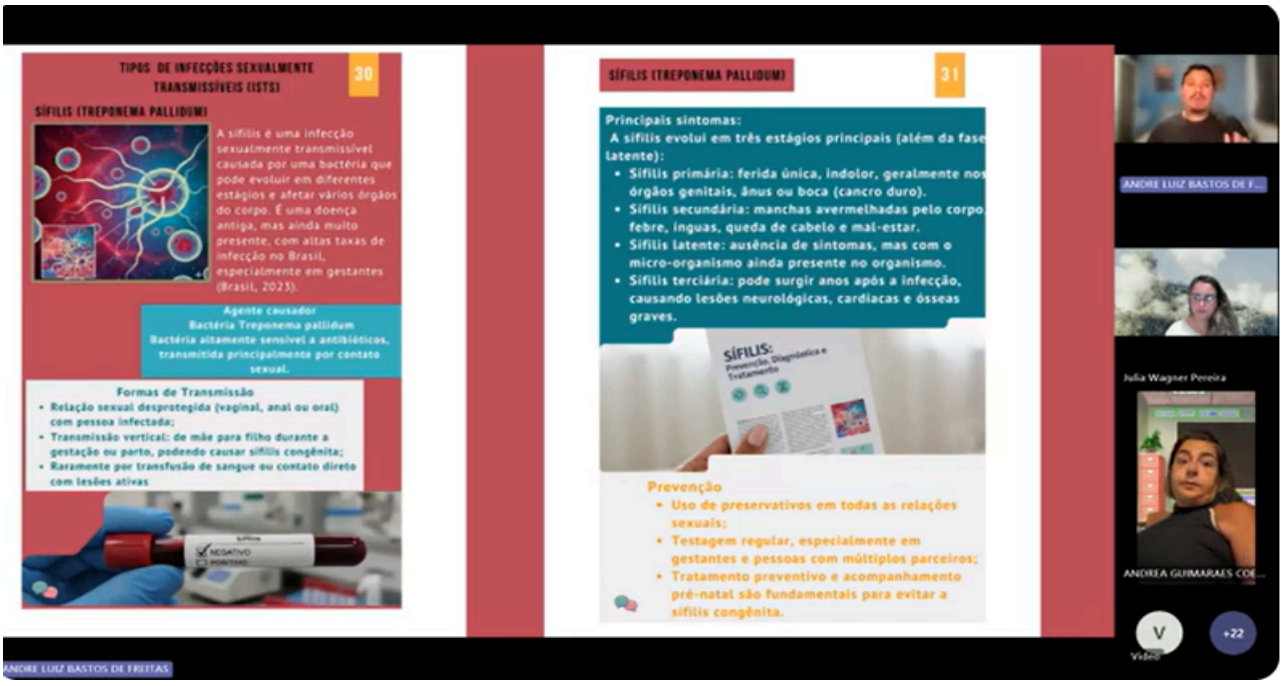
No contexto da atividade online ofertada , o e-book potencializa o processo formativo ao integrar linguagem acessível, recursos visuais e organização temática, facilitando a compreensão de conceitos sensíveis como prevenção, autocuidado e saúde sexual. Por isso, foi utilizado o material didático produzido, o e-book *“Diálogos que Protegem”*, conforme apresentado nas figuras 15 e 16, que contribuiu significativamente para a mediação das discussões, o esclarecimento de dúvidas e o aprofundamento das reflexões.

Figura 15 - Oficina Pedagógica Educação Sexual para Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis - Apresentação do Recurso Pedagógico a ser utilizado



Fonte: Próprio Autor (2026)

Figura 16 - Oficina Pedagógica Educação Sexual para Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis - Apresentando a IST Sífilis utilizando o e-book Diálogos que Protegem



Fonte: Próprio Autor (2026)

A exposição do videocast integrou a quarta etapa da oficina pedagógica, na qual a produção audiovisual foi apresentada como uma ferramenta tecnológica de apoio pedagógico, conforme figura 17. Foram discutidos os conceitos e características dessa mídia audiovisual, destacando o seu potencial como recurso popular para a educação em saúde e sua fácil aplicabilidade na transmissão de informação referente a prevenção das ISTs e outras ações de promoção da saúde sexual.

No decorrer desta fase, foram exibidas partes do videocast produzido, contextualizando o processo de escolha do tema, o roteiro elaborado, as decisões de produção de conteúdo de cada episódio e o processo dos ciclos de gravação e edição. O objetivo dessa discussão visou demonstrar, de forma prática, as potencialidades da linguagem audiovisual como estratégias pedagógicas de aproximação entre docentes, discentes e comunidade escolar.

Figura 17 - Oficina Pedagógica Educação Sexual para Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis - Apresentando Etapas de Produção do Videocast

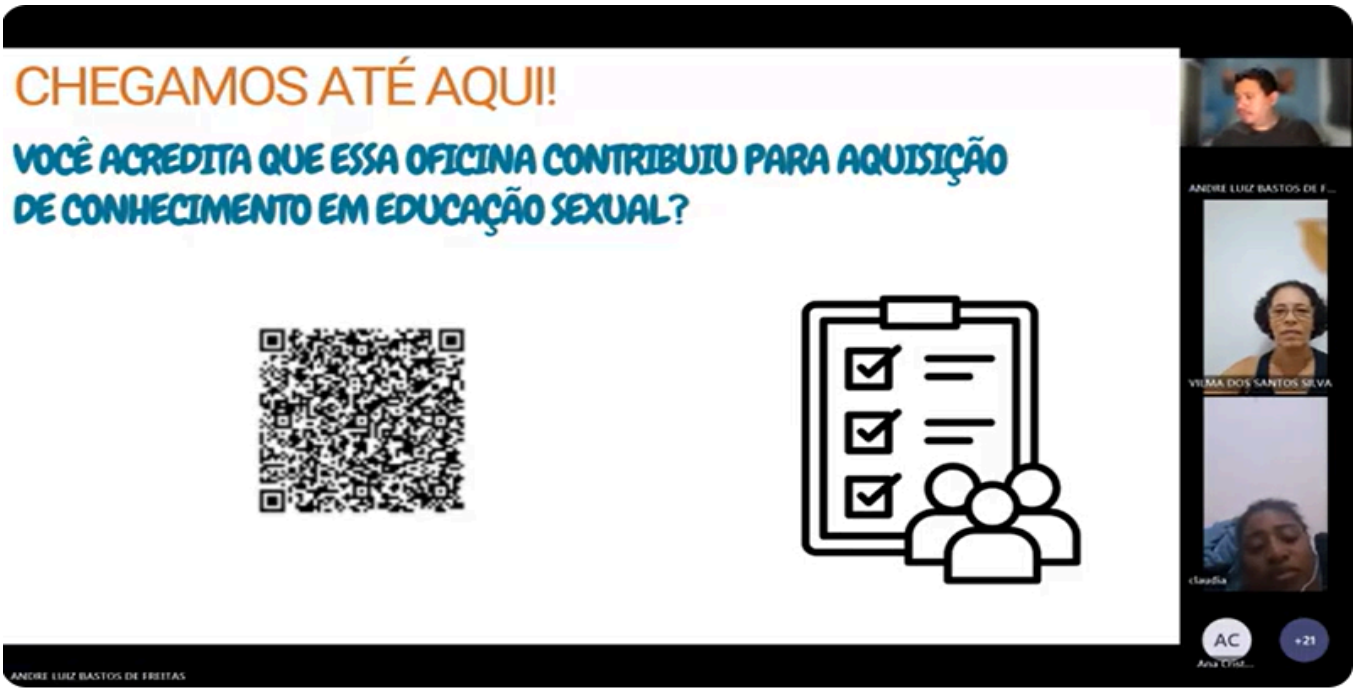


Fonte: Próprio Autor (2026)

A etapa final da oficina retomou os principais pontos abordados ao longo das atividades, convidamos os participantes a refletirem e avaliarem os conteúdos trabalhados. Os membros da oficina foram convidados a apresentarem como poderiam utilizar essa formação em seus contextos escolares, discutindo adaptações e estratégias para o seu uso no apoio à educação sexual em suas instituições de ensino.

Além disso, foi realizada uma revisão geral dos conteúdos e das metodologias trabalhadas, bem como a disponibilização de todas as fontes de pesquisa utilizadas. Para a avaliação final da oficina, foi aplicado um questionário via *Google Forms*, de modo que os participantes expressassem, de forma colaborativa, suas percepções sobre a experiência formativa, conforme apresentado na figura 18.

Figura 18 - Oficina Pedagógica Educação Sexual para Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis - Aplicação Questionário Avaliação da Oficina Pedagógica



Fonte: Próprio Autor (2026)

A oficina pedagógica demonstrou que a educação sexual, quando abordada com embasamento científico e pedagógico, pode se tornar um instrumento de capacitação importante para a equipe educacional. O uso de tecnologias digitais

como o *e-book* e *Videocast,* permitem um processo de aprendizagem mais dinâmico e criativo, fornecendo conhecimento sobre essa temática.

5.4. Avaliação da oficina pedagógica

A oficina pedagógica realizada foi avaliada por questionário digital de modo a analisar a efetividade da metodologia pedagógica adotada e dos recursos digitais usados na ampliação do conhecimento de profissionais da educação básica sobre educação sexual na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis.

O questionário “Avaliação da Oficina Pedagógica: Educação Sexual para a prevenção de ISTs”, elaborado na plataforma Google Forms, disponibilizado por qr-code, foi composto por 4 perguntas e aplicado em 09 de Dezembro de 2025, imediatamente após a realização da oficina pedagógica, sendo respondido em tempo real pelos participantes.

Embora 23 profissionais tenham participado da formação, obteve-se o retorno de 14 respondentes em tempo real, uma vez que alguns participantes, por estarem acompanhando a atividade por meio de dispositivos móveis, encontraram dificuldades para acessar o formulário via QR Code. Em função disso, o questionário ficou disponível por mais 07 dias e consegui coletar mais 06 respostas dos participantes, totalizando 20 respondentes faltando apenas 03 que não fizeram posteriormente.

Em resumo, a oficina contou com a participação de 23 profissionais da educação, atuantes tanto no ensino público quanto no privado, porém a avaliação final baseou-se nas respostas de 20 pessoas. O objetivo central das perguntas foi captar a percepção dos profissionais sobre a dinâmica e entender como a oficina ajudou a ampliar seus conhecimentos sobre a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis.

As questões foram elaboradas com o objetivo de identificar as percepções dos profissionais acerca da atividade formativa, bem como analisar de que maneira a oficina contribuiu para a ampliação de seus conhecimentos em educação sexual para prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis.

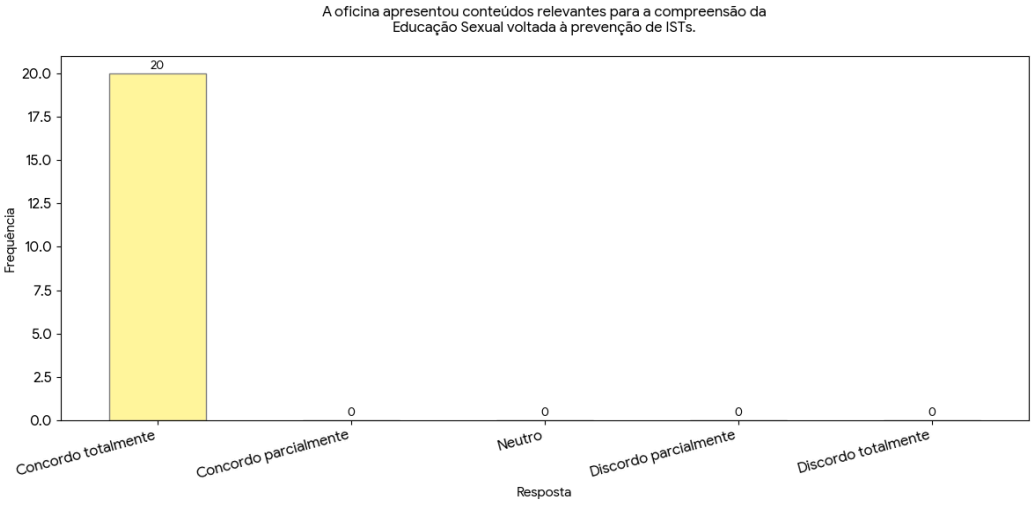
Para realizar a avaliação final da oficina pedagógica, foi aplicado um instrumento objetivo com o intuito de mensurar o impacto da atividade na percepção dos educadores. Brevemente, as perguntas realizadas abordaram se a oficina

apresentou conteúdos relevantes para a compreensão da Educação Sexual voltada à prevenção de ISTs, e se as informações fornecidas poderão ser aplicadas no ambiente educacional de cada participante. Também foi avaliado se a metodologia utilizada facilitou o entendimento sobre o tema e, por fim, se o profissional se sentia mais preparado(a) para abordar a Educação Sexual e a prevenção de ISTs em contextos pedagógicos após a realização da oficina. Cabe destacar que o formulário completo contendo todas as perguntas da avaliação final estará disponível para consulta no Apêndice deste trabalho.

As respostas do questionário foram analisadas conforme proposto por Bardin (2016), utilizando uma metodologia para organizar os elementos em categorias para uma melhor análise e compreensão dos resultados identificados. Dessa maneira, ao utilizar essa técnica é possível ter uma boa compreensão dos fatores apresentados podendo assim interpretar resultados de forma eficiente e com clareza.

De acordo com o Gráfico 24, a primeira pergunta do questionário buscou apreender dos participantes se a oficina apresentou conteúdos relevantes para a compreensão da Educação Sexual voltada à prevenção de ISTs.

Gráfico 24 - Avaliação Oficina Pedagógica: A oficina apresentou conteúdos relevantes para a compreensão da Educação Sexual voltada à prevenção de ISTs.



Fonte: Próprio Autor (2026)

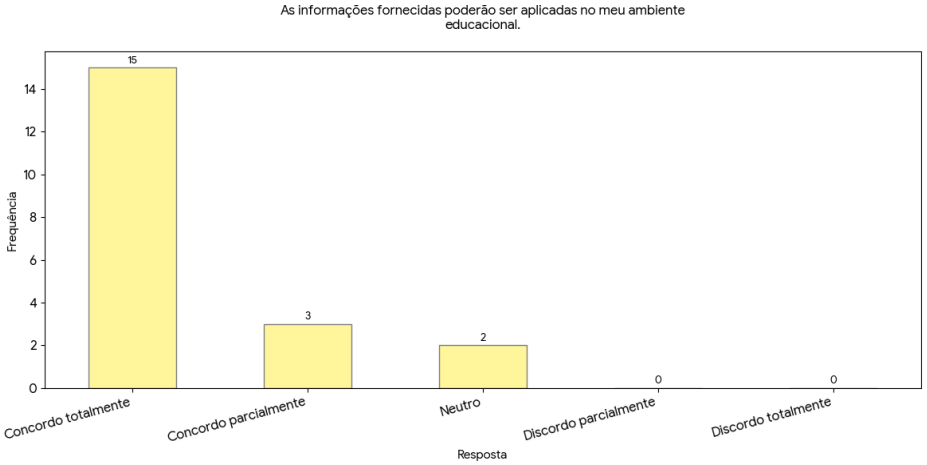
Os resultados obtidos indicam que os 20 participantes da pesquisa concordam totalmente que a oficina apresentou conteúdos relevantes para a compreensão da Educação Sexual voltada à prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), totalizando 100% de respostas positivas para esse questionamento. A análise do gráfico evidencia unanimidade na avaliação dos participantes, demonstrando a efetividade da oficina como estratégia formativa e seu forte potencial pedagógico para a abordagem qualificada da educação sexual para profissionais de ensino se letrarem e utilizarem esse conhecimento em suas instituições educacionais.

A oficina pedagógica para ter credibilidade e atingir o objetivo formativo precisa criar momentos que possibilitem reflexões, criações e compartilhamento de vivências entre os pares com o propósito de desenvolver competências e conhecimentos. Os instrumentos utilizados precisam criar práticas de obtenção de conhecimento e reflexão sobre o tema trabalho levando assim uma boa absorção dos conteúdos. As oficinas criam um espaço voltado à construção de saberes aliando práticas com fundamentos teóricos. (Vieira; Volquind, 2002).

Diante do exposto, percebe-se que a oficina pedagógica em educação sexual, focada no combate às infecções sexualmente transmissíveis, foi aprovada unanimemente pois foi criada com base nas demandas e lacunas indicadas por 102 profissionais da educação básica na pesquisa preliminar. A atividade inclui dois materiais didáticos desenvolvidos para facilitar a transmissão do conhecimento, combinados com momentos de apresentação dos temas de forma clara e acessível.

As respostas apresentadas no Gráfico 25 referem-se à pergunta se as informações fornecidas poderão ser aplicadas no meu ambiente educacional.

Gráfico 25 - Avaliação Oficina Pedagógica: Às informações fornecidas poderão ser aplicadas no meu ambiente educacional.



Fonte: Próprio Autor (2026)

Os dados obtidos indicam que 15 participantes concordam totalmente que as informações fornecidas poderão ser aplicadas no meu ambiente educacional, totalizando 75%, enquanto 02 concordam parcialmente, o que representa 15% da pesquisa. Além disso, 02 participantes mantiveram- se neutros representando 10% e nenhum participante discordaram parcialmente ou discordaram totalmente.

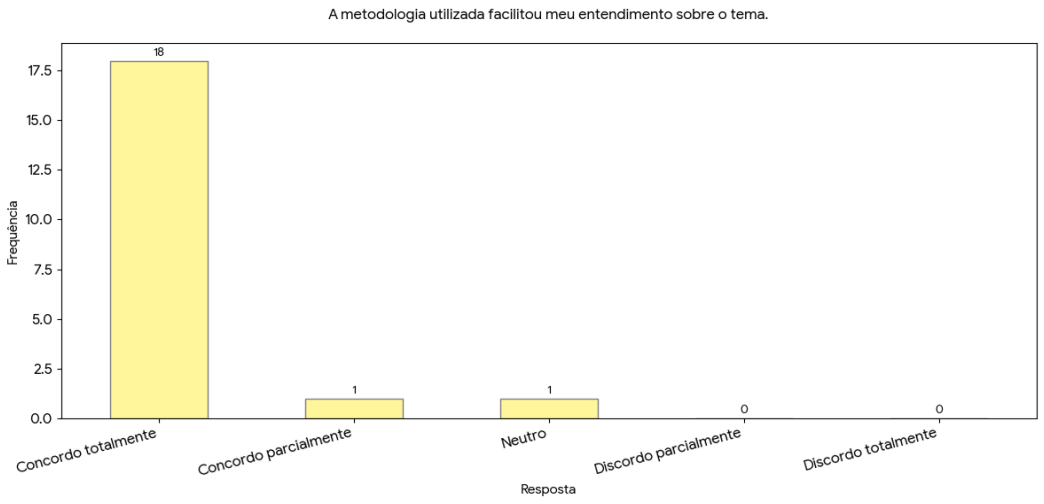
A análise dos resultados demonstra um alto nível de aceitação e utilidade prática do tema educação sexual com foco no combate a infecções sexualmente transmissíveis, confirmando sua relevância para o ambiente educacional. Além disso, a falta de respostas discordantes sugere que a proposta foi interpretada como apropriada e em sintonia com as necessidades dos participantes.

Nas pesquisas de Silva e Megid Neto (2006), os autores apontam que os próprios professores admitem as deficiências em sua formação em educação sexual desde o momento da graduação e reconhecem a importância desse preparo para a sua atuação dentro deste tema. Nesse contexto, enfatizam que a formação continuada, permite espaços de discussão, cria uma postura ética sobre tema e possibilita a reflexão e compreensão a respeito da sexualidade, que ao adquirir esses saberes o educador terá isso refletido positivamente em suas práticas pedagógicas.

A partir dessa análise, nota-se que os professores expressam essa afirmação porque entendem que os conteúdos abordados na oficina pedagógica estão diretamente relacionados à realidade de suas práticas de ensino e às necessidades do dia a dia escolar. A oficina visou fornecer instruções claras, embasamento teórico e exemplos práticos, facilitando a compreensão dos conteúdos e a viabilidade da aplicação do *e-book* e *Videocast* no contexto educacional desses profissionais da educação.

O Gráfico 26 refere-se à terceira pergunta do questionário, apresentando as respostas dos participantes ao questionamento se a metodologia utilizada facilitou meu entendimento sobre o tema.

Gráfico 26 - Avaliação Oficina Pedagógica: A metodologia utilizada facilitou meu entendimento sobre o tema.



Fonte: Próprio Autor (2026)

Evidenciou-se, de acordo com a coleta de dados apresentada no gráfico 26, que 18 profissionais participantes da oficina concordam totalmente que as metodologias utilizadas facilitaram o entendimento sobre o tema - totalizando assim 90% do questionário. Do mesmo grupo, 01 participante concordou parcialmente, totalizando 5% dos dados, e 01 se manteve neutro, o que representou 5% da parcela dos pesquisados. Nenhum participante discordou parcialmente ou totalmente.

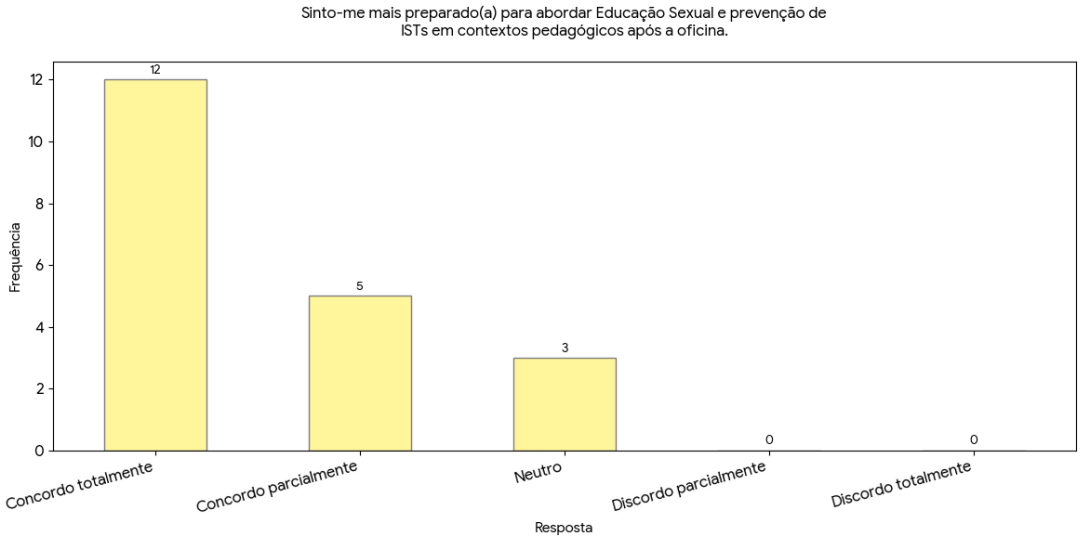
A análise do gráfico revela alto grau de eficácia das metodologias utilizadas, sugerindo que elas desempenharam um papel importante na compreensão do material abordado. A falta de respostas negativas confirma a adequação das estratégias pedagógicas utilizadas e sua compatibilidade com as demandas de formação dos profissionais envolvidos.

A implementação de metodologias que integram recursos digitais e diversas tecnologias em sala de aula expande as oportunidades de ensino além dos modelos convencionais, proporcionando maior suporte ao trabalho do professor durante as aulas e facilidade de transmitir conhecimento (Castoldi; Polinarski, 2009).

Ainda segundo os autores Castoldi e Polinarski (2029) a metodologia tradicional embora muito eficiente pode apresentar limitações no ensino e a utilização de recursos digitais oferecem novas possibilidades, aumentam o engajamento dos alunos, despertam o interesse do público e ajuda a superar as limitações dos métodos tradicionais criando possibilidades pedagógicas.

No Gráfico 27, encontram-se as respostas referentes à quarta e última pergunta do questionário, quando os participantes são chamados a refletir se se sentem mais preparado(a) para abordar Educação Sexual e prevenção de ISTs em contextos pedagógicos após a oficina.

Gráfico 27 - Avaliação Oficina Pedagógica: Sinto-me mais preparado(a) para abordar Educação Sexual e prevenção de ISTs em contextos pedagógicos após a oficina.



Fonte: Próprio Autor (2026)

Os resultados obtidos no gráfico acima indicam que os 12 participantes da pesquisa concordam totalmente que após a realização da oficina estão mais preparados para abordar Educação Sexual e prevenção de ISTs em contextos pedagógicos. Deste grupo pesquisado, 05 participantes concordam parcialmente e 03 participantes se mantiveram neutros; nenhum participante discorda parcialmente ou totalmente.

A análise dos dados indica que a maioria dos participantes tem uma visão positiva em relação à capacitação para tratar da Educação Sexual com foco na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis após a oficina, com 60% expressando total concordância e 25% concordando parcialmente com essa afirmação. O percentual de 15% de respostas neutras sugere que alguns participantes ainda acreditam que apenas uma atividade formativa é suficiente para fornecer segurança pedagógica sobre o assunto. A falta de respostas divergentes reforça a eficácia da oficina como atividade formativa, demonstrando seu efeito positivo para os profissionais da educação.

Segundo Freire (1996), o educador e o educando fazem parte do processo de formação continuada e devem se perceber como indivíduos que estão em constante ação e consequente transformação com a absorção e atualização de novos conteúdos constantemente buscando estarem mais preparados para os futuros desafios profissionais.

Silva (2024), sinaliza que o processo de formação continuada deve ser inserido num sistema que contemple a realidade educacional do educador para fornecer uma atividade personalizada de acordo com as demandas e carências de cada grupo de educadores por isso é fundamental o adotar a escuta desses profissionais antes de desenvolver essas atividades formativas. Ao realizar o processo de formação o educador se sente mais seguro, preparado refletindo assim na sua prática docente e como resultado a melhora da qualidade do ensino ofertado.

Considerando o que foi apresentado e o diálogo com a literatura especializada, apreende-se que a oficina pedagógica foi uma ferramenta adequada para fornecer preparo sobre educação sexual, de acordo com as percepções dos participantes. As atividades educativas ajudam a expandir tanto as habilidades quanto a confiança dos educadores, especialmente ao lidar com assuntos complexos e delicados. Ao disponibilizar recursos e criar ambientes para troca de experiências, a oficina promove a construção coletiva de conhecimentos.

5.5. Desenvolvimento Material Didático (E-book)

A etapa de produção do material educacional no formato de e-book, considerou o trabalho de pesquisa bibliográfica realizada para essa pesquisa e incorporou a análise dos dados obtidos com a realização do questionário exploratório preliminar, o impacto da produção e veiculação do Videocast com o objetivo de identificar os tópicos centrais que deveriam ser abordados na produção deste livro.

O material didático foi criado para aproximar educadores de informações claras, concisas e seguras sobre educação sexual, com foco na prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis para adolescentes dos anos finais do ensino fundamental. O material é um convite ao diálogo e ao aprendizado, se tornando mais que um material informativo.

A proposta é falar de forma aberta e acolhedora sobre temas que ainda geram dúvidas usando uma linguagem leve, com ilustrações digitais que tornam a leitura mais envolvente e assim proporcionar uma ferramenta pedagógica contemporânea, que contribui para formação em educação sexual do público adolescente.

Cabe destacar que as ilustrações digitais presentes no e-book foram geradas com o suporte da inteligência artificial *Gemini* (Google), sob acompanhamento e seleção ética do pesquisador. Essa opção metodológica justifica-se pela dificuldade prática e pelas restrições legais de produzir fotos reais envolvendo menores de idade , além da complexidade para registrar ambientes de saúde e outras situações específicas necessárias para o entendimento do conteúdo. Desse modo, o uso da ferramenta permitiu criar ilustrações pedagógicas que complementam o assunto, facilitam a compreensão do leitor e tornam a abordagem visualmente adequada, sem infringir direitos de privacidade ou de proteção à infância e à juventude.

De acordo com o mapeamento obtido por meio da pesquisa exploratória preliminar, verificou-se que, uma parcela significativa dos docentes (40%), demonstram insegurança ou posicionam-se de forma discordante em relação à sua abordagem sobre educação sexual no contexto escolar. Esse resultado evidencia a necessidade de maior investimento em formação continuada e em apoio pedagógico voltado especificamente para essa temática. A pesquisa indicou, ainda, um predomínio de percepções negativas, uma vez que mais de 50% dos profissionais

apontam fragilidades relacionadas ao acesso a materiais didáticos adequados, o que sinaliza demandas que requerem atenção no âmbito das instituições de ensino.

A implementação da educação sexual nas escolas pode ocorrer por meio de diferentes estratégias pedagógicas, entre as quais se destaca o uso de materiais didáticos como recurso de apoio ao trabalho docente. Entretanto, a escassez de materiais apropriados e contextualizados ainda limita a atuação dos professores, especialmente em temas sensíveis e complexos, como as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). A partir dessa problemática, foi possível articular os temas que necessitavam de maior aprofundamento, sobretudo aqueles relacionados às ISTs, visando fortalecer a segurança dos docentes para a abordagem do conteúdo em sala de aula e em outros espaços escolares.

A educação sexual configura-se como um instrumento fundamental para a formação de uma sociedade mais informada, equilibrada e comprometida com o exercício da cidadania. Tratar dessa temática ultrapassa a simples explicação de práticas sexuais, pois envolve a promoção de reflexões sobre o conhecimento do próprio corpo, o respeito às diferenças, a compreensão dos afetos, o reconhecimento de limites, a garantia de direitos e a adoção de atitudes responsáveis em relação à saúde (Fernandes, *et al.*,2019).

Diante deste cenário, optou-se pela produção de um e-book como material didático, considerando sua relevância para o letramento, a facilidade de distribuição e acesso, bem como a possibilidade de personalização dos conteúdos. O e-book, quando elaborado a partir de demandas identificadas em pesquisa, configura-se como uma ferramenta pedagógica mais eficiente, pois promove maior adequação às necessidades do público-alvo, favorece o alinhamento entre teoria e prática e contribui para a qualificação do processo educativo em educação sexual. Por reunir informações organizadas, atualizadas e baseadas em evidências científicas, esse material oferece suporte teórico e didático que amplia a segurança do professor ao abordar conteúdos sensíveis.

O material didático e-book *Diálogos que Protegem, conforme capa apresentada na figura 19,* foi desenvolvido com o objetivo de favorecer a construção do conhecimento sobre educação sexual de forma clara, contextualizada e acessível aos leitores. Esse material foi formatado para profissionais da educação que atuam no ensino fundamental II, porém é um material que pode ser adaptado a todas as etapas da educação básica.

Figura 19 - Capa do E-book Diálogos que Protegem



Fonte: Próprio Autor (2026)

A obra está organizada por capítulos e referência bibliográfica. O capítulo “A Sexualidade como Construção Histórica" apresenta um panorama sobre a educação sexual ao longo da história, possibilitando compreender como a sexualidade foi sendo construída socialmente e de que maneira ela influencia a vida das pessoas na atualidade.

O capítulo Educação Sexual no Contexto Escolar, conforme apresentado na figura 20, aborda a importância desse tema no ambiente educacional, destacando o papel social da escola na formação de cidadãos conscientes, críticos e capazes de gerenciar sua própria vida de forma responsável. Esse capítulo reforça a educação sexual como um direito e como parte fundamental do processo formativo integral dos estudantes.

Figura 20 - E-book Diálogos que Protegem - Capítulo Educação no contexto escolar



Fonte: Próprio Autor (2026)

O e-book também dedica um espaço especial ao capítulo Diálogos que Protegem: Educação Sexual e a Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), ressaltando a relevância do diálogo aberto entre educadores, estudantes e profissionais da saúde. A proposta é incentivar a troca de informações confiáveis, promovendo a prevenção, o autocuidado e o desenvolvimento de uma sexualidade segura e saudável.

A inclusão de um capítulo específico que aborda o que são as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), seus principais tipos, formas de contágio, estratégias de prevenção, vacinas disponíveis e possibilidades de tratamento confere ao e-book um caráter didático diferenciado e altamente relevante para o contexto educacional. Ao apresentar essas informações de maneira organizada, clara e baseada em conhecimentos científicos, o material contribui para a

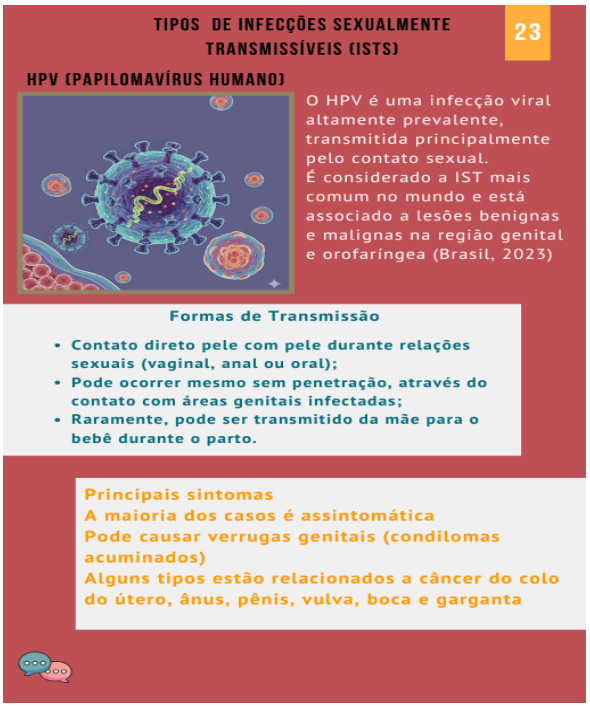
desmistificação do tema e para o enfrentamento de tabus e desinformações que ainda permeiam a educação sexual.

Esse conteúdo estruturado possibilita que educadores tenham acesso a informações confiáveis em um único material, facilitando o letramento dentro dessa temática e oferecendo maior segurança no momento que esses educadores terão que lidar com assuntos sensíveis. Além disso, ao explicar de forma objetiva como ocorre a transmissão das IST, o e-book favorece a compreensão dos riscos reais envolvidos e estimula que os profissionais da educação possam oferecer informações precisas para os estudantes, indo além de abordagens superficiais ou alarmistas.

Outro aspecto que diferencia o material é o destaque dado às estratégias de prevenção e às vacinas, reforçando a educação sexual como ferramenta de promoção da saúde e de cuidado integral. Ao compreender as formas de proteção e a importância da imunização, os leitores passam a reconhecer seu papel ativo na promoção da saúde e a consequente redução da disseminação das infecções. Estimulando assim que os mesmos se tornem disseminadores de conhecimento e possam junto a equipes de saúde promover debates e campanhas de vacinação em suas instituições de ensino. A abordagem dos tratamentos disponíveis também contribui para a diminuição do estigma associado às IST, promovendo uma visão mais humanizada e informativa.

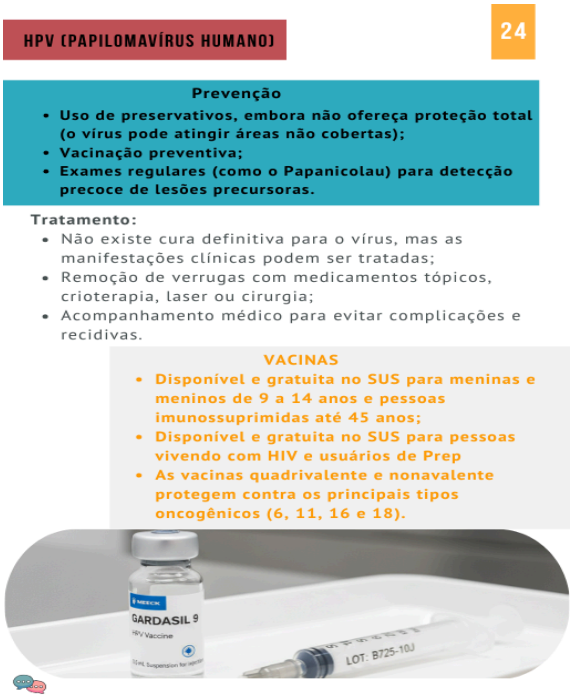
Dessa forma, o capítulo Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs): “Tipos, Tratamento e a Importância da Prevenção”, destaca-se por unir informação, acessibilidade e contextualização, tornando-se um recurso pedagógico potente para apoiar ações educativas contínuas, fortalecer o protagonismo do profissional da educação e ampliar o impacto das práticas de educação sexual no ambiente escolar. Nas figuras 21 e 22 apresentamos o material desenvolvido para explicar o HPV (Papilomavírus Humano).

Figura 21 - E-book Diálogos que Protegem - Tipos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs): HPV (Papilomavírus Humano) - Parte I.



Fonte: Próprio Autor (2026)

Figura 22 - E-book Diálogos que Protegem - Tipos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs): HPV (Papilomavírus Humano) - Parte II.

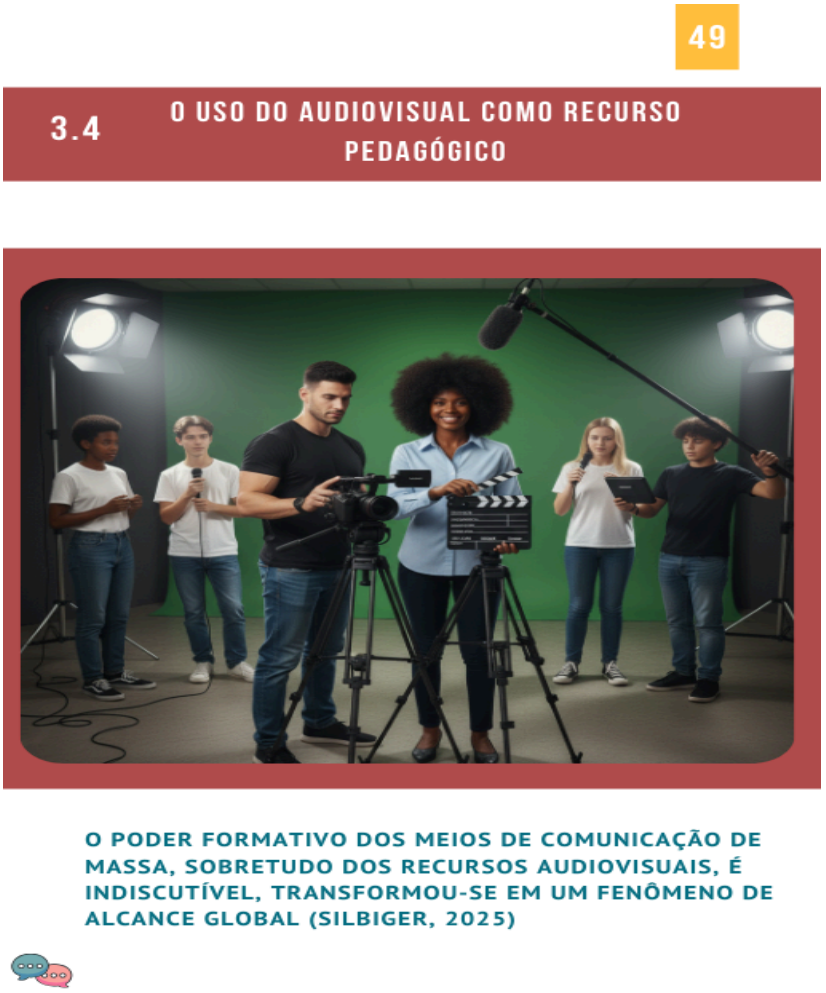


Fonte: Próprio Autor (2026)

O material contempla ainda o capítulo Direitos Sexuais e Saúde Pública, que traz um breve olhar sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a legislação vigente, evidenciando as leis que asseguram e protegem o direito à educação sexual no contexto escolar.

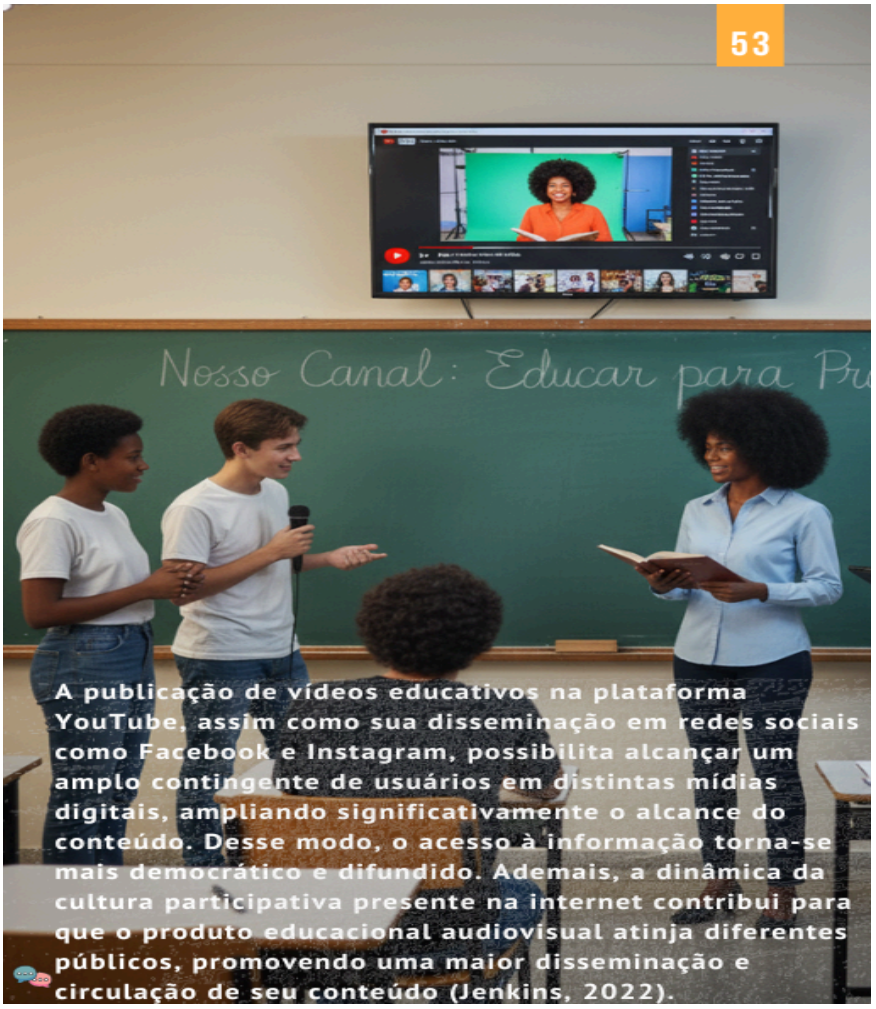
Por fim, alinhado com a pesquisa desenvolvida e pensando nos profissionais da educação que desejam ampliar suas práticas pedagógicas, o e-book apresenta um guia prático de produção de material audiovisual, com orientações e dicas para a criação de um videocast educativo. Esse capítulo estimula a produção de conteúdos próprios e a disseminação do conhecimento na comunidade escolar, tornando o educador protagonista no processo de ensino e aprendizagem. Nas figuras 23 e 24, apresentamos duas páginas desse material desenvolvido.

Figura 23 - E-book Diálogos que Protegem - O uso do Audiovisual como recurso pedagógico



Fonte: Próprio Autor (2026)

Figura 24 - E-book Diálogos que Protegem - O uso do Audiovisual como recurso pedagógico



Fonte: Próprio Autor (2026)

Dessa forma, a construção do *e-book Diálogos que Protegem* configura-se como um material que alia fundamentação teórica, orientação prática e recursos digitais, apoiando profissionais da educação que desejam aprender, criar conteúdos educativos e multiplicar conhecimento em seus espaços de atuação.

6. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

A compreensão dos desafios e das possibilidades que envolvem a abordagem da educação sexual na Educação Básica exige uma articulação direta entre os dados empíricos de campo e os referenciais teóricos da área. Esta seção propõe uma discussão entre os resultados obtidos por meio do questionário exploratório preliminar, composto por 102 participantes, e as evidências colhidas durante a oficina pedagógica que contemplou profissionais atuantes da educação básica, buscando fundamentar o uso de recursos digitais como o videocast e o e-book no suporte ao trabalho pedagógico.

No que tange ao mapeamento inicial dos respondentes, revelou-se um grupo caracterizado pela sólida experiência profissional e pela forte inserção na realidade da escola pública. Diante do levantamento sobre a etapa de atuação, ficou evidenciado que a maior concentração de participantes está no Ensino Fundamental (distribuídos entre anos iniciais e anos finais), seguidos por profissionais do Ensino Médio e da Educação Infantil. Essa expressiva participação no Ensino Fundamental está alinhada às reflexões de Guimarães e Coutinho (2025), que apontam esta etapa como um espaço importante para introduzir noções fundamentadas sobre o corpo, a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e a gravidez na adolescência. Essa perspectiva acompanha as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, que orienta o desenvolvimento transversal do tema de forma integrada, com ênfase no conhecimento sobre o corpo e o cuidado integral à saúde.

A experiência do corpo docente e técnico reflete-se no tempo de atuação profissional. De acordo com a coleta da pesquisa exploratória, metade dos profissionais possui ampla experiência em sala de aula, enquanto os dados indicam que uma parte significativa da equipe de gestão e apoio, como coordenadores e orientadores, compartilha desse mesmo patamar de tempo no contexto educacional. Como explicam Ribeiro, Da Costa Junior e Paulini (2023), o interesse de profissionais com longa trajetória por essa temática sinaliza que, ao longo dos anos de atuação, eles identificaram demandas recorrentes e dúvidas persistentes nos alunos que exigem abordagens qualificadas. A busca por formação por parte desse público reafirma que a educação sexual não se apresenta como um tema

temporário, mas como uma necessidade pedagógica construída a partir da prática cotidiana nas escolas.

Do ponto de vista institucional e geográfico, os dados revelam as características do cenário educacional pesquisado. Constatou-se que a maior parte dos respondentes da pesquisa exploratória atua na rede pública de ensino, enquanto a outra parcela integra a rede privada. Essa distribuição é relevante para a pesquisa, uma vez que, conforme apontam Fialho *et al.* (2025), as escolas públicas frequentemente enfrentam limitações estruturais e orçamentárias que contrastam com a infraestrutura da rede privada, demandando mídias educativas acessíveis e de fácil aplicação. Além disso, a análise territorial demonstra a diversidade da amostragem no Estado do Rio de Janeiro, com profissionais distribuídos pela Zona Norte, Zona Oeste, Zona Sul, Centro e Baixada Fluminense. O fato de uma parcela expressiva dos participantes atuarem também em outros municípios e estados fornece evidências de que as demandas por orientações em saúde e sexualidade ultrapassam as fronteiras regionais (Ribeiro, 2023).

Ao analisar as percepções sobre a prática da educação sexual no ambiente escolar, os dados revelam uma contradição importante. Embora a relevância social do tema seja um consenso amplo, a sua execução no cotidiano esbarra em dificuldades. O reconhecimento do papel preventivo da temática fica nítido quando a grande maioria dos educadores afirma que a educação sexual contribui para a prevenção de violências e desigualdades. Conforme indicam os autores Moraes *et al.* (2024), a inserção planejada do tema protege a saúde mental e física dos estudantes e colabora para o desenvolvimento de relações seguras e harmoniosas, ajudando também no combate às desigualdades e no fortalecimento do respeito à diferença (Azevedo, 2023). Da mesma forma, há um amplo consenso de que a transversalidade curricular é o caminho mais adequado, o que se aproxima do pensamento de Silva *et al.* (2016) sobre a necessidade de que o corpo docente esteja preparado para tratar o tema sob diferentes perspectivas.

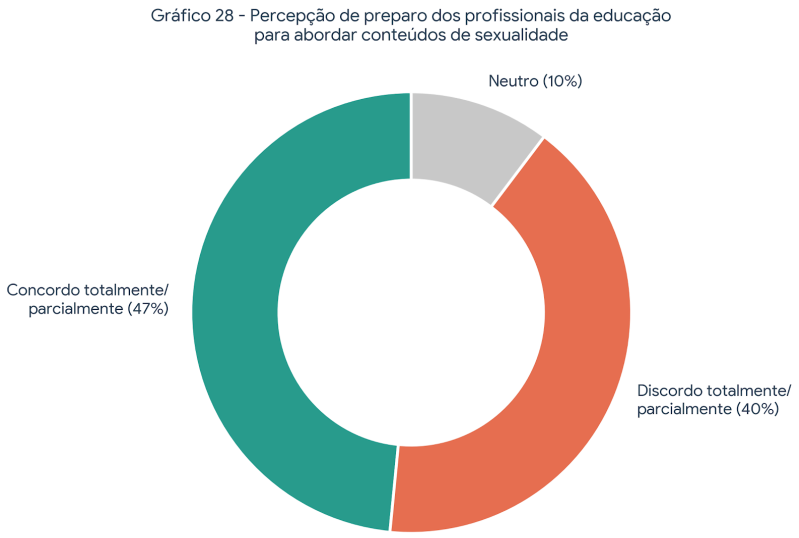
Contudo, ao verificar a realidade prática, nota-se que o tratamento do assunto ainda é considerado um tabu por grande parte dos respondentes, e a maioria manifestou receio de reações negativas por parte das famílias e da comunidade escolar. Como explicam Silva e Guimarães (2023), os professores relatam que fatores ligados ao contexto social e familiar constituem entraves significativos, pois a temática com frequência entra em conflito com crenças religiosas e valores

individuais. Devido a esse receio de sofrer resistências externas, muitas instituições adotam uma postura mais contida ou restringem o debate a aspectos estritamente biológicos nas disciplinas de Ciências, deixando de lado as dimensões sociais e emocionais (Choé, 2022).

Esse cenário de insegurança interfere diretamente na atuação pedagógica e aponta para a necessidade de suporte formativo. Os dados mostram que uma parcela expressiva dos profissionais admite não se sentir preparada para abordar conteúdos relacionados à sexualidade com os alunos, confirmando as observações de Oliveira, Rezende e Gonçalves (2018) sobre a persistência de tabus que dificultam a qualificação docente nessa área. Ademais, quase metade dos participantes indica não possuir clareza sobre os documentos oficiais que orientam a educação sexual. De acordo com Soares e Soares (2022), as mudanças nos documentos oficiais, ao longo dos anos, geraram lacunas informativas e insegurança nos professores para nortear o ensino dentro da temática.

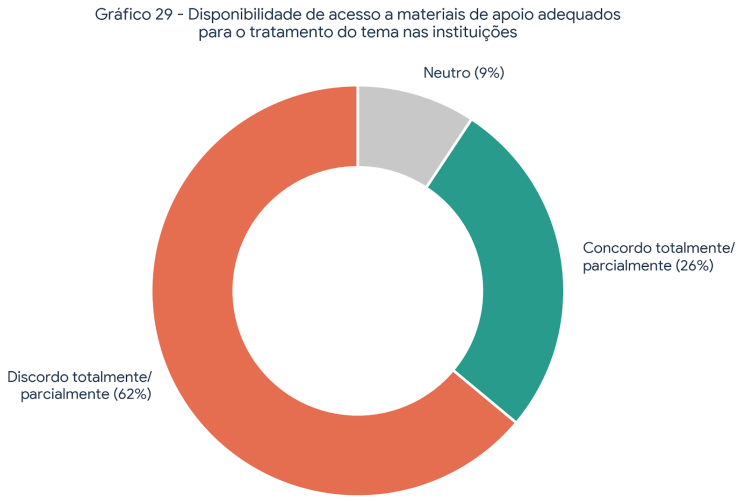
Para compreender o impacto dessas fragilidades no cotidiano dos educadores, os dados obtidos na pesquisa exploratória preliminar, coletada com 102 profissionais de ensino, foram organizados na forma de gráficos de setores. No Gráfico 28, encontram-se as respostas dessa etapa inicial referentes ao nível de preparo que os profissionais da educação sentem para abordar os conteúdos relacionados à sexualidade com os alunos. Já no Gráfico 29, apresenta-se o levantamento sobre o acesso real a materiais de apoio adequados para tratar dessa temática no ambiente escolar, situando a origem dessas informações e evidenciando as principais demandas da categoria:

Gráfico 28 - Percepção de preparo dos profissionais da educação para abordar conteúdos de sexualidade.



Fonte: Próprio Autor (2026)

Gráfico 29 -Disponibilidade de acesso a materiais de apoio adequados para o tratamento do tema nas instituições.



Fonte: Próprio Autor (2026)

O resultado apresentado no Gráfico 29 destaca um dos pontos centrais que justificam o desenvolvimento do produto educacional deste estudo: a maioria dos educadores declarou não ter acesso a materiais de apoio apropriados para tratar do tema. Nogueira *et al.* (2016) alertam que a escassez de recursos adequados limita de forma significativa a atuação docente. Desse modo, percebe-se que o impasse pedagógico está associado à falta de ferramentas didáticas personalizadas que ofereçam segurança aos profissionais (Franco-Assis; Souza; Barbosa, 2021). Essa necessidade torna-se ainda mais evidente quando se observa que o apoio da gestão escolar é percebido de forma limitada por uma parcela significativa dos respondentes, indicando que o suporte institucional ainda ocorre de maneira desigual (Paro, 2000; Petry, 2023).

Diante da falta de materiais e de cursos específicos, a pesquisa buscou identificar a visão dos educadores sobre o potencial das Tecnologias Digitais na Educação. Os dados revelaram um posicionamento favorável à inovação pedagógica, visto que a grande maioria dos participantes concorda que o uso de recursos digitais pode aumentar o interesse dos estudantes pela educação sexual. Como apontam Costa *et al.* (2023), as ferramentas digitais dialogam diretamente com as formas de comunicação dos jovens, favorecendo o protagonismo e a autonomia no cuidado com a saúde.

Além disso, a maior parte afirma que os recursos tecnológicos propiciam uma abordagem mais inclusiva, atendendo a aspectos de acessibilidade e diversidade cultural. Na visão de Pinto, Braga e Drumont (2021) e Santos *et al.* (2024), a oferta de conteúdos em múltiplos formatos e em ambientes virtuais dinâmicos quebra as barreiras dos modelos tradicionais e garante igualdade de aprendizado e sentimento de pertencimento para os alunos.

A segurança e a privacidade também foram associadas ao uso dos meios tecnológicos, com a maior parte dos respondentes reconhecendo que as atividades digitais podem facilitar a abordagem de temas sensíveis de forma ética e segura. Costa *et al.* (2023) ponderam que muitos jovens sentem constrangimento em esclarecer dúvidas em público, e os canais digitais podem oferecer alternativas que preservam a privacidade dos estudantes. Contudo, para que esses recursos cumpram seu papel mediador, os professores apontam a necessidade de qualificação: a maioria afirma que precisa de maior formação para utilizar os recursos digitais em atividades de educação sexual, evidenciando uma lacuna antiga

na integração das tecnologias nos cursos de licenciatura (Mantoan, 2015; Dantas; Santos; Silva, 2026). Essa demanda acentua-se diante do dado de que uma parcela expressiva dos educadores considera a infraestrutura tecnológica de suas escolas inadequada, o que expõe as dificuldades estruturais enfrentadas principalmente por instituições públicas e alunos em situação de vulnerabilidade social (Cazeli *et al.*, 2024).

Nesse contexto, o formato videocast surge como uma opção estratégica reconhecida pelos participantes da pesquisa. Os resultados apontam que a grande maioria dos profissionais considera o uso de videocasts uma estratégia eficaz para tratar da educação sexual com os estudantes. Miranda (2021) destaca o videocast como uma ferramenta relevante devido à sua capacidade de interação, facilidade de compartilhamento e recursos de acessibilidade, como o uso de legendas. Na sequência, a maior parte dos respondentes afirma que a mídia pode estimular a reflexão crítica e a participação ativa dos discentes. Ao associar informações corretas a uma linguagem acessível e próxima da realidade juvenil, o videocast contribui para reduzir os constrangimentos e resistências comuns ao tema, facilitando a compreensão e estimulando o pensamento crítico sobre a prevenção de ISTs.

O fechamento da análise deu-se ao cruzar as percepções obtidas no questionário com os dados qualitativos registrados durante a realização da oficina pedagógica. No início das atividades da oficina, os registros síncronos dos profissionais da educação demonstraram preocupações que refletem o panorama estatístico observado. Expressões como o receio de cometer erros técnicos sobre as ISTs, a busca por materiais didáticos prontos que dessem respaldo ao trabalho e a ansiedade na mediação dos debates expressaram de forma prática o peso do tabu e o déficit formativo apontado nas respostas quantitativas anteriores.

Nesse sentido, a realização de oficinas formativas se destaca por permitir que os educadores compartilhem práticas pedagógicas contextualizadas à sua própria realidade, ao mesmo tempo em que têm acesso a uma diversidade de experiências vivenciadas por seus pares. Conforme apontam Vieira e Volquind (2002), esse formato possibilita uma troca eficiente de saberes entre professores com diferentes bagagens, valorizando a interação profissional para estimular o diálogo, enriquecer o repertório individual e incentivar a construção coletiva no ambiente escolar.

As metodologias digitais utilizadas na oficina pedagógica tornam a construção do conhecimento mais fácil, pois apresentam as informações de maneira dinâmica, acessível e adaptada aos diversos estilos de aprendizagem dos professores. Recursos que foram utilizados como Videocast e E-book permitem que os conceitos sejam apresentados de forma clara e contextualizada, facilitando a compreensão de assuntos complexos. Há também um processo de inclusão digital que perpassou a oficina, apresentando ferramentas digitais aos participantes, de modo que possam utilizar em outras abordagens e temas.

Sob essa ótica, a formação continuada assume papel central ao garantir que os educadores tenham acesso à recursos voltados ao seu desenvolvimento profissional, preparando-os para os desafios cotidianos da escola. De acordo com Silva (2024), por meio de atividades como palestras, oficinas e cursos, os professores aprimoram suas competências e encontram novas forças de didática que podem vir a reforçar sua segurança para a atuação em sala de aula.

Assim, a formação continuada na forma de oficinas se revela uma abordagem eficaz para fortalecer o conhecimento na temática da educação sexual, com ênfase nas infecções sexualmente transmissíveis, tema que ainda é pouco abordado nas escolas. O uso das ferramentas e mídias produzidas, portanto, quando amparado por uma intencionalidade educativa clara, deixa de figurar como um mero recurso técnico de entretenimento e passa a atuar como um instrumento potente de emancipação docente, promoção da saúde e garantia de direitos no contexto da comunidade escolar.

7. CONCLUSÃO

Conclui-se que esta pesquisa atingiu o seu objetivo geral ao analisar como uma formação continuada permeada por recursos digitais pode contribuir de forma significativa para a formação de profissionais da educação quanto à abordagem da educação sexual e à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) no contexto da Educação Básica com ênfase para os profissionais que atuam no ensino fundamental II. A investigação evidenciou que o uso de ferramentas tecnológicas, quando planejado de maneira pedagógica, é um caminho viável para apoiar o trabalho de todos os educadores, aproximando um tema de grande relevância social da realidade prática das escolas e das necessidades dos estudantes.

No que diz respeito aos objetivos específicos, o percurso iniciou-se com a identificação das principais dificuldades relacionadas à abordagem sobre educação sexual enfrentadas pelos profissionais da educação e pela comunidade escolar. Os dados obtidos na pesquisa diagnóstica revelaram que esses educadores convivem com sentimentos de insegurança para mediar o assunto, forte receio de sofrerem reações negativas por parte das famílias devido a tabus culturais, além de uma evidente escassez de materiais pedagógicos adequados para dar suporte às suas atividades. Essa etapa inicial confirmou a urgência de propor caminhos práticos e formativos que pudessem acolher e instrumentalizar esses profissionais em suas rotinas de trabalho.

Para responder a essas demandas práticas, o estudo deu especial ênfase ao desenvolvimento de mídias didáticas personalizadas. Nesse processo, cumpriu-se o objetivo de produzir o videocast *#PapoRetoIST*, voltado para os profissionais da educação e comunidade escolar como um recurso de apoio à promoção da educação sexual. Essa ferramenta audiovisual foi projetada para aproximar o público da cultura digital por meio de uma linguagem leve, reduzindo o constrangimento natural associado ao tema e facilitando o entendimento sobre a prevenção de ISTs. Paralelamente, cumpriu-se o objetivo de elaborar o e-book *Diálogos que Protegem*, material didático estruturado para organizar conceitos de forma clara e direta, servindo como uma ferramenta de apoio para o planejamento desses educadores. Juntos, o videocast e o e-book oferecem a retaguarda técnica e teórica necessária para dar segurança à atuação de todos os profissionais da educação no ambiente escolar.

A viabilidade e a aplicação prática dessas ferramentas foram trabalhadas por meio do desenvolvimento de uma oficina pedagógica para a formação de profissionais da educação e comunidade escolar, contando com o suporte direto das tecnologias digitais. A realização dessa oficina em formato online demonstrou o potencial da tecnologia para romper barreiras de espaço, geográficas e promover a formação continuada de forma flexível e interativa. Posteriormente, ao avaliar a oficina pedagógica aplicada, as respostas dos participantes comprovaram o sucesso da intervenção. Os educadores indicaram que a atividade contribuiu diretamente para elevar o nível de preparo e segurança pessoal para abordar o tema, validando o videocast e o e-book como recursos eficientes de apoio pedagógico e de disseminação de informações seguras sobre saúde.

Além de informar, a educação sexual desempenha um importante papel social na promoção da saúde integral ao atuar preventivamente para evitar experiências precoces ou realizadas sem o devido conhecimento, como é o caso de se expor às infecções sexualmente transmissíveis. Essa abordagem reduz diversas situações de vulnerabilidades e oferece recursos importantes para prevenção de ISTs e gravidez indesejada. O conhecimento também funciona como uma camada essencial de proteção social, pois permite que o jovem compreenda seu corpo e seus limites, tornando-o capaz de identificar e prevenir situações de abuso e violência sexual. Assim, a escola reafirma seu papel como um espaço de cidadania e acolhimento, onde a informação correta protege a vida.

Portanto, esta pesquisa reafirma que ações pedagógicas sobre educação sexual se tornam eficazes quando sensíveis às realidades locais, levando em consideração o contexto social e educacional de um território, sendo um desafio para os educadores desenvolverem ações e pesquisas para essas realidades. A educação sexual com uma visão pautada por uma educação inclusiva, não preconceituosa, ética, humana e sensível é capaz de integrar saúde, tecnologia digital e cuidado, expandindo seus benefícios para toda comunidade escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Camila Aparecida Pinheiro Landim; MACIEL, Maylla Pereira Rodrigues; COSTA, Lílian Maria Almeida; SOUSA, Kayo Henrique Jardel Feitosa; OLIVEIRA, Adélia Dalva da Silva; AMORIM, Fernanda Cláudia Miranda; MOURA, Luana Kelle Batista; ZEITOUNE, Regina Célia Gollner. Construction and validation of a serious game about human papillomavirus infection. **Acta Paul Enferm**, v. 35, eAPE03012, fev. 2022. Disponível em: https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO03012. Acesso em: 17 abr. 2025.

ALMEIDA, R. A. A. S. et al. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 70, n. 5, p. 1033-1039, 2017.

-ASSIS, G. A. F.; SOUZA, E. E. F. de; BARBOSA, A. G. Sexualidade na escola: desafios e possibilidades para além dos PCNS e da BNCC / Sexuality in school: challenges and possibilities beyond PCNS and BNCC. Brazilian Journal of Development, *[S. l.]*, v. 7, n. 2, p. 13662–13680, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n2-130. Disponível em:

https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/24374. Acesso em: 5 feb. 2026.

ARAÚJO, Marielli Monte; SOUSA, Alexia Jade Machado; SOUSA, Alessandra Jaira Machado; ARAÚJO, Paula Monte; FIGUEIREDO, Eugênia Bridget Gadelha. Educação sexual nas escolas: um desafio possível. **Psicologia e Saúde em Debate**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 15–26, 2021. DOI: 10.22289/2446-922X.V7N1A2. Disponível em: http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/720. Acesso em: 19 abr. 2025.

AZEVEDO , Crislane Barbosa. AS DIFERENÇAS NÃO DEVEM SER TOLERADAS: REFLEXÕES SOBRE ESCOLA INCLUSIVA E EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE. **Linguagens, Educação e Sociedade**, *[S. l.]*, v. 27, n. 53, p. 273–299, 2023. DOI: 10.26694/rles.v27i53.2915. Disponível em: https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/2915. Acesso em: 8 fev. 2026.

BARCELOS, Nora-Ney Santos; ZAIAD, André George; SANTOS, Claudine. Educação sexual: relato de uma experiência . **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, *[S. l.]*, v. 7, 1996. DOI: 10.35919/rbsh.v7i2.743. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/743. Acesso em: 2 fev. 2026.

BARDIN, I. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições Setenta,1994. 226 p.

BERALDI, Mariana Lectícia; PRATES, Lisie Alende; WILHELM, Laís Antunes; DIAS, Hélia Maria da Silva; SEHNEM, Graciela Dutra; FERNANDES, Vanessa Martinhago Borges; GARCIA, Olga Regina Zigelli; HORTA, Ana Lucia de Moraes. A OFERTA DA SEXUALIDADE EM CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS . **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, *[S. l.]*, v. 36, p. 1237 , 2025. DOI: 10.35919/rbsh.v36.1237. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1237. Acesso em: 16 jan. 2026.

BONA, Rafael José. Educação transmídia em produção de vídeo no Ensino Médio: propostas para o desenvolvimento do Projeto de Vida. **Redes: Revista Eletrônica do Programa de Educação em Rede**, Itajaí, v. 11, n. 1, p. 118-132, jan./jun. 2023. Disponível em: https://periodicos.univali.br/index.php/rbts/article/view/20773. Acesso em: 19 fev. 2026.

BRASIL. Lei nº 9.394, de20 de dezembro de 1996.Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 01 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Saúde sexual e saúde reprodutiva*. 1. ed., 1. reimpr. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. (Cadernos de Atenção Básica, n. 26). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdfAcesso em: 7 nov. 2025

CASSIAVILLANI, Talita Pires; ALBRECHT, Márcia Pereira Siqueira. Educação sexual: uma análise sobre legislação e documentos oficiais brasileiros em diferentes contextos políticos. **Educação em Revista**, v. 39, p. e39794, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/39794. Acesso em: 17 abr. 2025.

CARVALHO, G. D. *et al.* **Dicionário de Educação Sexual, sexualidade, gênero e interseccionalidade**s .Florianópolis: Editora da UDESC, 2019.

CASTRO, Lucélia da Cunha; MOURA, Helen Lúcia Soares de; COSTA, Daniel Antônio Ferreira; SANTOS, Maria das Graças Braga; FIGUEIREDO, Vanessa Damasceno de; PEREIRA, Carlos Henrique Alves. Prevalência e fatores associados à iniciação sexual em adolescentes escolares do Piauí, 2015. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 32, p. e2022612, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/S2237-96222023000100020. Disponível em: https://ress.iec.gov.br/p/artigo/1507. Acesso em: 19 abr. 2025.

CASTRO, Darlene Teixeira; PÔRTO JÚNIOR, Francisco Gilson Rebouças; NUNES, Gleydsson Circuncisão. Uma invenção e três revoluções: uma breve história do audiovisual. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 5, n. 7, p. 212-222, 2018. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/811. Acesso em: 4 nov. 2025.

CASTOLDI, Rafael; POLINARSKI, Celso Aparecido. A utilização de recursos didático-pedagógicos na motivação da aprendizagem. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 1., 2009, Ponta Grossa. **Anais [...]**. Ponta Grossa: UTFPR, 2009. Disponível em: https://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/09/recursos-didatico-pedag%C3%B3gicos.pdf. Acesso em: 20 fev. 2026.

CAZELI, Guilherme Gabler; MOURA, Cleberson Cordeiro de; PORTES, Cristiani Soeiro Vieira; LIRA, Dynéa Reis Valle; MARTIN, Giuliano de; FERNANDES, Marcelle Dutra França. TECNOLOGIAS E PRÁTICAS AVALIATIVAS: POTENCIALIDADES E DESAFIOS NA EDUCAÇÃO PÚBLICA. Revista Ibero-Americana de Humanidades,

Ciências e Educação, *[S. l.]*, v. 10, n. 11, p. 5795–5809, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i11.17162. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/17162. Acesso em: 8 fev. 2026.

COSTA, Aniarly Bezerra Silva et al. *The use of educational technologies in sexual health education with adolescents*. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. e29812240300, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i2.40300. Disponível em: https://rsdjournal.org/rsd/article/view/40300. Acesso em: 8 fev. 2026.

CHOÉ, Joao Francisco de Carvalho. Educação sexual escolar: percepção dos alunos e professores. **Horizontes**, *[S. l.]*, v. 40, n. 1, p. e022034, 2022. DOI: 10.24933/horizontes.v40i1.1340. Disponível em: https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1340. Acesso em: 5 fev. 2026.

DANTAS, Lilian Maria; SANTOS, Adson Francisco Silva; SILVA , Jonathan Francieverton da. Educação inclusiva e tecnologias digitais: desafios e possibilidades na atualidade. Rebena - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem, *[S. l.]*, v. 14, p. 406–420, 2026. DOI: 10.5281/zenodo.18483599. Disponível em: https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/567. Acesso em: 8 fev. 2026.

DE SOUZA, Andréia; GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. A construção histórica da sexualidade: porque ela ainda é um tabu?. **Educere – Revista da Educação da UNIPAR**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 547–559, 2023. DOI: 10.25110/educere.v23i2.2023-002. Disponível em: https://www.revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/10164. Acesso em: 17 abr. 2025.

DUARTE, Fernando Hiago da Silva; ARAÚJO, Naryllenne Maciel de; SILVA, Silmara de Oliveira; LEAL, Nahadja Tahaynara Barros; COSTA, Thatiane Monick de Souza; ALENCAR, Isabele Gouveia Muniz de; DANTAS, Rodrigo Assis Neves; DANTAS, Daniele Vieira. Validação do conteúdo de um recurso audiovisual para pessoas vivendo com HIV. **Acta Paul Enferm**, v. 37, eAPE01361, jan. 2024. Disponível em: https://doi.org/10.37689/acta-ape/2024AO0001361. Acesso em: 17 abr. 2025.

DUTRA, A.; SANTOS, G. J. F.; BELL'AVER, J. E. M. Podcast e videocast: uma possibilidade de trabalho nas aulas de língua inglesa. **Revista Tecnologias na Educação**, [*S. l.*], ano 6, n. 11, p. 1-11, dez. 2014. Disponível em: https://tecnologiasnaeducacao.pro.br/wp-content/uploads/2015/07/Art9.pdf. Acesso em: 20 fev. 2026.

FANTIN, M. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos** Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FARIAS, Mariana de Oliveira. Famílias homoparentais e escola: reflexões e possibilidades. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 10, n. esp. 2, p. 1477-1488, 2015. DOI: https://doi.org/10.21723/riaee.v10i6.8332. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8332. Acesso em: 19 fev. 2026.

FERNANDES, Marcelle de Carvalho et al. Educação em saúde para adolescentes: construção e validação de tecnologia educativa sobre sexualidade. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 40, e20180221, 2019. DOI: 10.1590/1983-1447.2019.20180221.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Roberta Araújo de; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. Condições educativas na escola pública e privada de Fortaleza-CE. **Educação Por Escrito**, *[S. l.]*, v. 13, n. 1, p. e38079, 2022. DOI: 10.15448/2179-8435.2022.1.38079. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/porescrito/article/view/38079. Acesso em: 4 fev. 2026.

FIRME, Luciana Silva; REZENDE, Marcela Estelita de Faria; VILLELA, Paulo André da Silva; NEVES, Rafaela Teixeira da Silva; QUINTÃO, Cláudia Simone Rodrigues. Revisão de literatura: os benefícios da educação sexual nas escolas. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 6, n. 6, p. 31877–31883, 2023. DOI: 10.34119/bjhrv6n6-409. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/65640. Acesso em: 19 abr. 2025.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Educação sexual: em busca de mudança*. Londrina: **UEL**, 2009. Disponível em: Acesso em: 29 jul. 2025.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual: professores não podem doutrinar. Pais e mães podem? In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual**: saberes essenciais para quem educa. Curitiba: CRV, 2018. p. 243-258. Disponível em: https://loja.editoracrv.com.br/produtos/educacao-sexual. Acesso em: 18 fev. 2026.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. **In**: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 66-81.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GALLO, S. A.; BARROS, A. M. R.; CARVALHO, I. E. de; LAET, L. E. F.; SILVA, T. P. A. da. METODOLOGIAS ATIVAS E TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO. **Revista Ilustração**, *[S. l.]*, v. 5, n. 1, p. 27–36, 2024. DOI: 10.46550/ilustracao.v5i1.245. Disponível em:

https://journal.editorailustracao.com.br/index.php/ilustracao/article/view/245. Acesso em: 16 jan. 2026.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A educação sexual na escola e a pedagogia da infância: Matrizes Institucionais, Disposições culturais, potencialidades e Perspectivas Emancipatórias**. Jundia. Paco editorial: 2014

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A educação sexual na escola e a pedagogia da infância: Matrizes Institucionais,** Disposições culturais, Potencialidades e Perspectivas Emancipatórias.Campinas/SP. 2009.

GAGLIOTTO,G.M.; LEMBECK, T. “Sexualidade e Adolescência: educação sexual numa perspectiva emancipatória”.Revista de Educação, vol.6. n.11, 2011.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro.**Sexualidade, educação sexual, pedagogia e formação de professores: aspectos filosóficos, culturais, históricos e institucionais**.1.ed Curitiba: Brasil Publishing,2020.

GOMES, A. L. O PAPEL DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI: UMA PERSPECTIVA ABRANGENTE. Epitaya E-books, *[S. l.]*, v. 1, n. 61, p. 29-36, 2024. DOI: 10.47879/ed.ep.2024288p29. Disponível em: https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/1033. Acesso em: 16 jan. 2026.

GOMES, Enoque Estevão; LUCENA, Amanda Micheline Amador de; OLIVEIRA, Carla Maria Dantas; GUIMARÃES, Márcia Maria Bezerra. O TRABALHO EM EQUIPE E OS DASAFIOS VIVENCIADOS POR ATORES EDUCACIONAIS QUE ATUAM EM ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DE PERNAMBUCO. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, *[S. l.]*, v. 11, n. 4, p. 2357–2372, 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i4.18817. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18817. Acesso em: 4 fev. 2026.

GUIMARÃES, Mateus Henrique Dias; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. Educação sexual no ensino fundamental: ações de saúde como forma educadora e caminho para o diálogo. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 18, n. 37, p. e23293, 2025. DOI: 10.20952/revtee.v18i37.23293. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/23293. Acesso em: 4 fev. 2026.

JENKINS**, Henry. Cultura da Convergência**. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2022.

LANES, Thaynara Cordeiro; ALMEIDA, Ana Carolina Costa; COSTA, Amanda Kelly Vieira da; BÜHRING, Jéssica Mayara Kretschmer; FIGUEIREDO, Mariana de Almeida; LIMA, Patrícia Alves de; VILLAGRAN, Carlos Alberto. Uso de tecnologias educativas no programa de saúde na escola: relato de experiência. **Revista Recien – Revista Científica de Enfermagem**, [S. l.], v. 13, n. 41, p. 668–680, 2023. DOI: 10.24276/rrecien2023.13.41.668-680. Disponível em: https://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/776. Acesso em: 17 abr. 2025.

LANDINI, T.S. O professor diante da violência sexual. São Paulo:EditoraCortez; 2011

LEITE, Priscila Lopes; TORRES, Fernanda Alves Fernandes; PEREIRA, Letícia Milene; BEZERRA, Andréa Magalhães; MACHADO, Luciana Dias de Souza; SILVA, Maria Renata Ferreira. Construction and validation of podcast for teen sexual and reproductive health education. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 30, spe, p. e3705, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/1518-8345.6263.3705. Acesso em: 17 abr. 2025.

LIMA, Luciana Vieira; PAVINATI, Geovana; MARCON, Sonia Silva; BALDISSERA, Valéria Dalbello Amaral; MAGNABOSCO, Guilherme Tavares. Educação sexual com adolescentes no contexto familiar à luz da (anti)dialogicidade freireana. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação (Botucatu)**, v. 27, e220651, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/interface.220651. Acesso em: 17 abr. 2025.

LIMA DE OLIVEIRA, Edicleia; MARTINS REZENDE, Jaqueline; PERES GONÇALVES, Josiane. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. Revista Ártemis, *[S. l.]*, v. 26, n. 1, p. 303–314, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2018v26n1.37320. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/37320. Acesso em: 5 fev. 2026.

LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

MACIEL, Maylla Pereira Rodrigues; COSTA, Lílian Maria Almeida; SOUSA, Kayo Henrique Jardel Feitosa; OLIVEIRA, Adélia Dalva da Silva; AMORIM, Fernanda Cláudia Miranda; MOURA, Luana Kelle Batista; ZEITOUNE, Regina Célia Gollner; ALMEIDA, Camila Aparecida Pinheiro Landim. Construction and validation of a serious game about human papillomavirus infection. **Acta Paul Enferm**, v. 35, eAPE03012, fev. 2022. https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO03012. Acesso em: 17 abr. 2025.

MIRANDA, Jean Carlos; DO COUTO CAMPOS, Isabela. Educação sexual nas escolas: uma necessidade urgente. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 12, n. 34, p. 108–126, 2022. DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.7151234. Disponível em: https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/732/513. Acesso em: 19 abr. 2025.

MIRANDA, Ana Emília et al. Políticas públicas em infecções sexualmente transmissíveis no Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 30, n. 1, e2020611, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ress/a/4PN8LTxznTgSGZwnvVrvYFH/. Acesso em: 5 nov. 2025.

MORAES, Francisco Railan Alves de; OLIVEIRA, Antonia Marina de Jesus; LUZ, Michael Junior de Oliveira; MARQUES FILHO, Elvis Gomes. EDUCAÇÃO SEXUAL COMO UM INSTRUMENTO DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA AFETIVA . **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, *[S. l.]*, v. 10, n. 3, p. 1050–1066, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i3.12958. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/12958. Acesso em: 5 fev. 2026.

MORAN, José Manuel. Como utilizar as tecnologias na escola. In: MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá. São Paulo: Papirus, 2007. p. 101-111.

MOTA, Janine da Silva. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 6, n. 12, p. 301-307, set. 2019. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106. Acesso em: 20 fev. 2026.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O desafio das diferenças nas escolas**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 112 p.

NASCIMENTO, Maria Lívia do; CHIARADIA, Cristiana de França. A retirada da orientação sexual do currículo escolar: regulações da vida. Sisyphus – Journal of Education, Lisboa, v. 5, n. 1, p. 101-116, 2017. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/29526 . Acesso em: 02 out. 2025.

NEIRA, Marcos Garcia; ALVIANO JÚNIOR, Wilson; ALMEIDA, Déberson Ferreira. A primeira e segunda versões da BNCC: Construção, intenções e condicionantes.Ecco –Rev. Cient., São Paulo, n. 41, p. 31-44,set./dez. 2016

NOGUEIRA, Natália Souza; ZOCCA, Adriana Rodrigues; MUZZETI, Luci Regina; RIBEIRO, Paulo Rennes. EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR: AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS EM SALA DE AULA PELOS EDUCADORES. **HOLOS**, *[S. l.]*, v. 3, p. 319–327, 2016. DOI: 10.15628/holos.2016.2302. Disponível em: https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2302. Acesso em: 5 fev. 2026.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a Sexualidade**. 7. ed. Campinas: Papirus, 1987

OLIVEIRA, Enoque Fôro. ENSINO DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO 4.0: CAMINHOS E DESAFIOS NA ERA DA INOVAÇÃO. **Revista Amazônica sobre Ensino de Geografia**, *[S. l.]*, v. 1, n. 01, 2019. Disponível em: https://raseng.com/index.php/raseng/article/view/19. Acesso em: 16 jan. 2026.

OLIVEIRA, K. da S.; NÓBREGA, P. R. da C. "Resistir para existir": conservadorismo, gênero e sexualidade no contexto educacional. **Educ. Form., *[S. l.]*,** v. 10, p. e14015, 2025. DOI: 10.25053/redufor.v10.e14015. Disponível em:

https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/14015. Acesso em: 18 fev. 2026.

OECHSLER, Vanessa; FONTES, Bárbara Cunha; BORBA, Marcelo de Carvalho. *Etapas da produção de vídeos por alunos da educação básica: uma experiência na aula de matemática*. **Revista Brasileira de Educação Básica – RBEB**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 80-89, jan./mar. 2017. Disponível em: https://rbeducacaobasica.com.br/wp-content/uploads/2017/02/10-COMO-PRODUZIR-VI_DEOS-COM-ALUNOS-DA-EDUCAC_A_O-B.pdf. Acesso em: 08 fev. 2026.

Parâmetros Curriculares Nacionais:pluralidade cultural, orientação sexual. 1997

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar para a transformação social**. In: PARO, Vitor Henrique. Administração Escolar. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. Cap. 3. p. 226-255.

PEIXOTO, Hugo de Andrade; Spindola, Thelma; Melo, Laércio Deleon de; Fonte, Vinícius Rodrigues Fernandes da; Barros, Leonardo Michel Corrêa de; Arreguy-Sena, Cristina. JOVENS UNIVERSITÁRIOS E A VULNERABILIDADE MASCULINA ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS. Enferm Foco, v. 15, e-202432, set. 2024.

PEREIRA, A. A.; SILVA, D. L. *Aprendizagem colaborativa: teoria e prática no contexto educacional*. [S.l.]: Editora Acadêmica, 2017. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/download/18629/10824/47356. Acesso em: 08 fev. 2026.

PINTO, Francisca Veronice Ferreira; BRAGA, Kauanne Kátila Moreira; DRUMONT, Kátia Maria Arruda. **Tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs): os desafios da docência em tempos de pandemia**. In: **EDUCAÇÃO em foco: tecnologias digitais e inovação em práticas de ensino**. [S. l.]: Editora e-Publicar, 2021. p. 371-387. Disponível em: https://doi.org/10.47402/ed.ep.c20229812793601. Acesso em: 5 fev. 2026.

QUADRADO, Susana Isabel Gonçalves**. Podcasting no ensino da Física: Estudo piloto (quase experimental) sobre reforço de aprendizagem de conteúdos**. 2009. 115 f. Dissertação (Mestrado em Multimédia) – Faculdade de Ciências, Universidade do Porto, Porto, 2009. Disponível em: http://hdl.handle.net/10216/61616. Acesso em: 4 nov. 2025.

QUEIROZ, V. R.; ALMEIDA, J. M. “Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba”. Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba, vol. 19, n. 4, 2017

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal.Entrevista educação para a sexualidade.Revista Diversidade e Educação, v. 5, n. 2, p. 07-15, 2017

RIBEIRO, Rayane Brandão; DA COSTA JUNIOR, Valdir Machado; PAULINI, Fernanda. A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES EM EDUCAÇÃO SEXUAL PARA ATENDER A DEMANDA DO NOVO ENSINO MÉDIO. **Revista Docência e Cibercultura**, *[S. l.]*, v. 7, n. 1, p. 01–22, 2023. DOI: 10.12957/redoc.2023.68406. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/68406. Acesso em: 4 fev. 2026.

RIBEIRO, Eduardo. Vizinhança, violência urbana e educação no Rio de Janeiro: Efeitos territoriais e resultados escolares. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, *[S. l.]*, n. 75, p. 41–87, 2013. Disponível em: https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/378. Acesso em: 5 fev. 2026.

ROTONDANO, Érica Vidal. “Trabalho de formiguinha”: formação continuada de docentes em sexualidade na rede municipal de educação de Manaus. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 39, e20723, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-469820723. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982023000100108. Acesso em: 17 abr. 2025.

SAIZ, Ignacio. Bracketing Sexuality: Human Rights and Sexual Orientation:A Decade of Development and Denial at the UN. Health and Human Rights, v. 7, n. 2, p. 49-80, 2004.

SANTOS, Silvana Maria Aparecida Viana; FRANQUEIRA, Alberto da Silva; LÔBO, Ítalo Martins. **Educação, gestão, inclusão e tecnologias digitais: transformações e perspectivas**. São Paulo: EBPCA – Editora Brasileira de Publicação Científica Aluz, 2024. Disponível em: http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/869365. Acesso em: 05 fev. 2026.

SEIXAS, M. S.; CARDOSO, J. N.; CAMPOS, F. L. Utilizações de ferramentas tecnológicas no ensino remoto pelos discentes do estágio IV do curso de licenciatura em ciências biológicas da UFDPAR / Uses of technological tools in remote teaching by students of internship IV of the bachelor’s degree course in biological sciences at UFDPAR. **Brazilian Journal of Development**, *[S. l.]*, v. 8, n. 2, p. 13229–13240, 2022. DOI: 10.34117/bjdv8n2-317. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/44335. Acesso em: 9 feb. 2026.

SEABRA, Carlos. *Pequeno guia de microvídeos: dicas e orientações para a produção de vídeos de curtíssima metragem*. 2. ed. [S.l.]: Oficina Digital, 2016. Disponível em: https://livrariapublica.com.br/livros/pequeno-guia-de-microvideos-dicas-e-orientacoes

-para-a-producao-de-videos-de-curtissima-metragem-carlos-seabra/. Acesso em: 08 fev. 2026.

SOUSA, Catarina Praciano de; MOURA, Ana Débora Assis; CHAVES, Cristianne Soares; LIMA, Guldemar Gomes de; FEITOZA, Aline Rodrigues; ROUBERTE, Emília Soares Chaves. **Adolescentes: maior vulnerabilidade às IST/AIDS?** *Revista Tendências da Enfermagem Profissional*, Fortaleza, v. 9, n. 4, p. 2289-2295, 2017

SILBIGER, Lara Nogueira. O potencial educativo do audiovisual na educação formal. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO (LUSOCOM), 6.; CONGRESSO DE COMUNICAÇÃO (SOPCOM), 3.; ENCONTRO IBÉRICO (IBÉRICO), 2., 2005, Covilhã. **Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO: Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã**. [Covilhã]: Universidade da Beira Interior, 2005. v. 4, p. 375-381. Disponível em: https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/silbiger-lara-potencial-educativo-audiovisual-educacao-formal.pdf. Acesso em: 4 nov. 2025.

SILVA, Tayse Souto; NARO GUIMARÃES, Kalina. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE A PARTIR DOS DISCURSOS DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM JOÃO PESSOA-PB. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 8, n. 4, p. 163–192, 2022. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11567. Acesso em: 5 fev. 2026.

SILVA, Susanne Pinheiro Costa e; BARBOSA, Andressa Pereira Peixoto; ARAÚJO, Carla Santos; SILVA, Tuanny Italla Marques da; SANTANA, Rebeca Nunes. Discutindo sexualidade/ist no contexto escolar: práticas de professores de escolas públicas. Revista de Enfermagem UFPE on line, Recife, v. 10, n. 5, p. 4295–4303, 2016. DOI: 10.5205/1981-8963-v10i5a11176p4295-4303-2016. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11176. Acesso em: 5 fev. 2026.

SILVA, Regina Célia Pinheiro da; MEGID NETO, Jorge. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 2, p. 185-197, ago. 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1516-73132006000200006. Acesso em: 20 fev. 2026.

SILVA, L. F. A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL: REALIDADES E NECESSIDADES. **Revista OWL (OWL Journal) - REVISTA INTERDISCIPLINAR DE ENSINO E EDUCAÇÃO**, *[S. l.]*, v. 2, n. 1, p. 212–224, 2024. DOI: 10.5281/zenodo.10602413. Disponível em: https://www.revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/142. Acesso em: 22 fev. 2026.

SOARES, Lizandra Martins; SOARES, Nandra Martins. Educação sexual no contexto escolar: vozes de professores. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. e17411124671, 2022. Disponível em: https://rsdjournal.org/rsd/article/view/24671. Acesso em: 7 fev. 2026.

STUMPF, Glauce; SOUZA, Marcos Rogério dos Santos; SILVA, Denise Regina Quaresma da. Educação sexual nas escolas: quando o mais fácil é o silêncio. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, [S. l.], v. 5, n. 7, p. 31–45, 2024. DOI: 10.56579/rei.v5i7.877. Disponível em: https://revistas.ceeinter.com.br/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/877. Acesso em: 17 abr. 2025.

TAMASHIRO, Lilian Marçal da Costa; FONSECA, Lívia Maria de Melo. Development of a serious game for learning about safe sex and contraception in adolescence. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 32, e4182, 2024. DOI: 10.1590/1518-8345.7036.4183. Disponível em: https://revistas.usp.br/rlae/article/view/226333. Acesso em: 17 abr. 2025.

VALÉRIO, Ângela Maria Clemente Parro. **Podcasting e vodcasting na disciplina de Química do 9º ano de escolaridade**. 2012. 396 f. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/entities/publication/bb525e7c-56ea-4739-9b2f-d77be1bd8f22>. Acesso em: 4 nov. 2025.

VARGAS, A. Z.; ROCHA, H. V.; FREIRE, F. M. P. A produção de vídeos digitais no contexto educacional. **RENOTE: revista novas tecnologias na educação**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, jul. 2006. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/14199. Acesso em: 20 fev. 2026.

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 69, p. 453-474, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/LVjDxGRKtkZTwX4kSNzmQ8v/. Acesso em: 19 fev. 2026.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de ensino**: o quê, por quê, como? 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=yLVJEYJngz0C. Acesso em: 20 fev. 2026.

VICENTE, Luciana da Silva. A educação sexual nas diferentes versões da Base Nacional Comum Curricular: da abertura ao silenciamento em torno da temática. **SciELO Preprints**, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5559. Acesso em: 17 abr. 2025.

VILLELA, Wilza Vieira; ARILHA, Margareth. Sexualidade, gênero e direitos sexuais e reprodutivos. In: BERQUÓ, Elza (org.). **Sexo & vida**: panorama da saúde reprodutiva no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 95-150.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZERBINATI, João Paulo; BRUNS, Maria Alves de Toledo. A sexualidade feminina contextualizada no filme “The Witch”. **Leitura Flutuante**: Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 77-81, jun. 2016. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/28521. Acesso em: 19 fev. 2026.

8. APÊNDICES E ANEXOS

9. APÊNDICE A – Perguntas e respostas do Questionário Exploratório

Instrumento de pesquisa aplicado aos profissionais da educação sobre a abordagem da educação sexual no contexto escolar.

Bloco I – Perfil do Participante

1. Qual o segmento de ensino em que você atua?
2. Em caso de atuar como docente: Qual o seu tempo de docência?
3. Em caso de compor a equipe educacional (coordenador, orientador, secretário de educação, etc.): Qual o seu tempo de atuação em instituição de ensino?
4. Qual a rede de atuação da sua instituição de ensino? ( ) Pública ( ) Privada
5. Sua instituição de ensino se localiza em qual região/município?

Bloco II – Educação Sexual nas Escolas

6. Sinto-me preparado(a) para abordar conteúdos relacionados à sexualidade com os alunos.

7. Tenho acesso a materiais de apoio adequados para tratar desse tema.

8. Considero que a educação sexual contribui para a prevenção de violências e desigualdades.

9. Falar de sexualidade em sala de aula ainda é um tabu na escola em que atuo.

10. Receio reações negativas da comunidade escolar/famílias ao trabalhar o tema.

11. Acredito que a educação sexual deve ser trabalhada de forma transversal, em diferentes disciplinas.

12. A gestão escolar apoia professores que abordam essa temática em sala de aula.

13. Tenho clareza sobre as diretrizes oficiais que orientam a educação sexual.

14. A educação sexual contribui para o desenvolvimento da cidadania e do respeito à diversidade.

Bloco III – Potencial e Desafios do Uso de Tecnologias Digitais

15. O uso de tecnologias digitais pode aumentar o interesse dos estudantes pela educação sexual.

16. Recursos digitais favorecem uma abordagem mais inclusiva (acessibilidade, diversidade, cultural).

17. A infraestrutura tecnológica disponível na escola é adequada?

18. Preciso de maior formação para utilizar recursos digitais em atividades de educação sexual.

19. Atividades digitais podem facilitar a abordagem de temas sensíveis de forma ética e segura.

20. O uso de videocasts pode ser uma estratégia eficaz para tratar da educação sexual com estudantes.

21. Acredito que o videocast pode estimular a reflexão crítica e a participação ativa dos alunos sobre sexualidade.

Respostas Extraídas do Google Forms

Questionário – Educação Sexual e Tecnologias Digitais

102 respostas

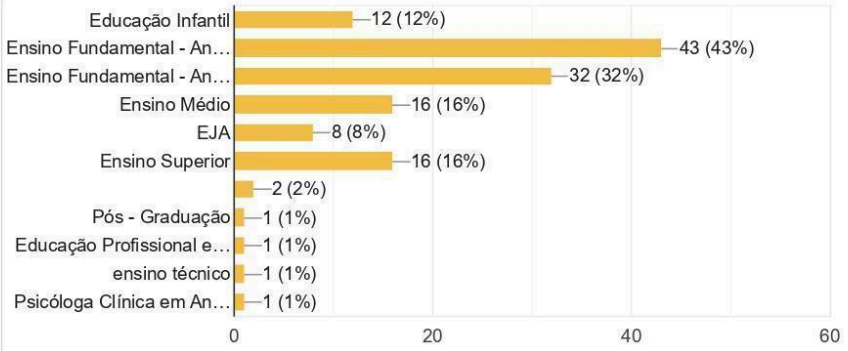
Publicar análise

Bloco A – Perfil do participante

Etapa de ensino em que atua?

Copiar gráfico

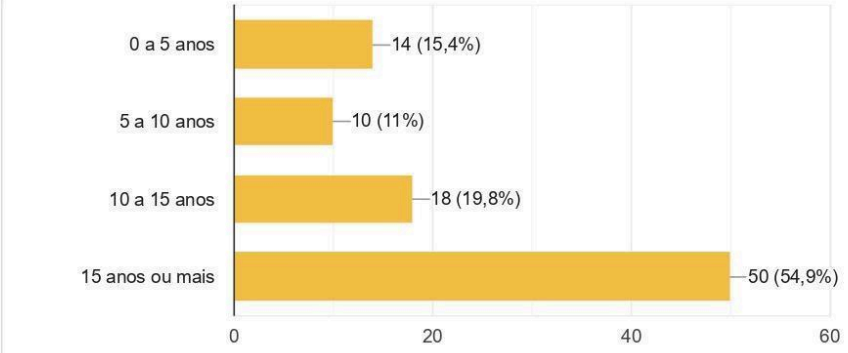
100 respostas



Em caso de ser docente : Qual seu tempo de docência?

Copiar gráfico

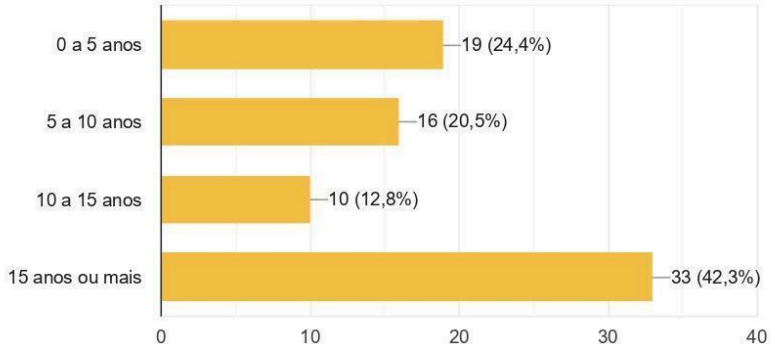
91 respostas



Em caso de compor equipe educacional (coordenador, orientador, secretário de educação, etc): Qual o seu tempo de atuação em instituição de ensino?

Copiar gráfico

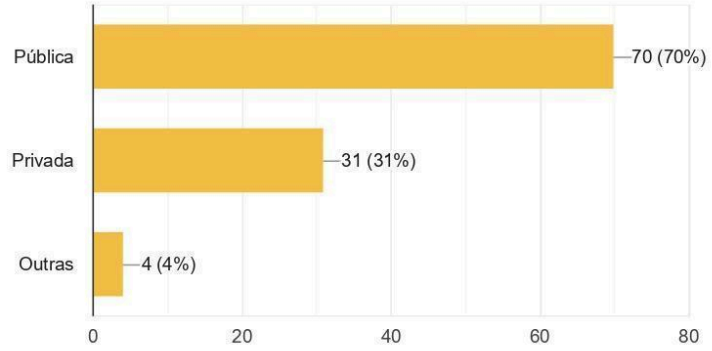
78 respostas



Você atua em uma instituição de ensino?

Copiar gráfico

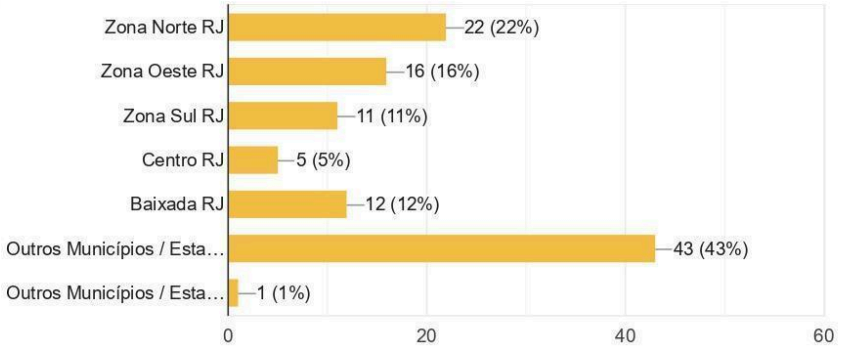
100 respostas



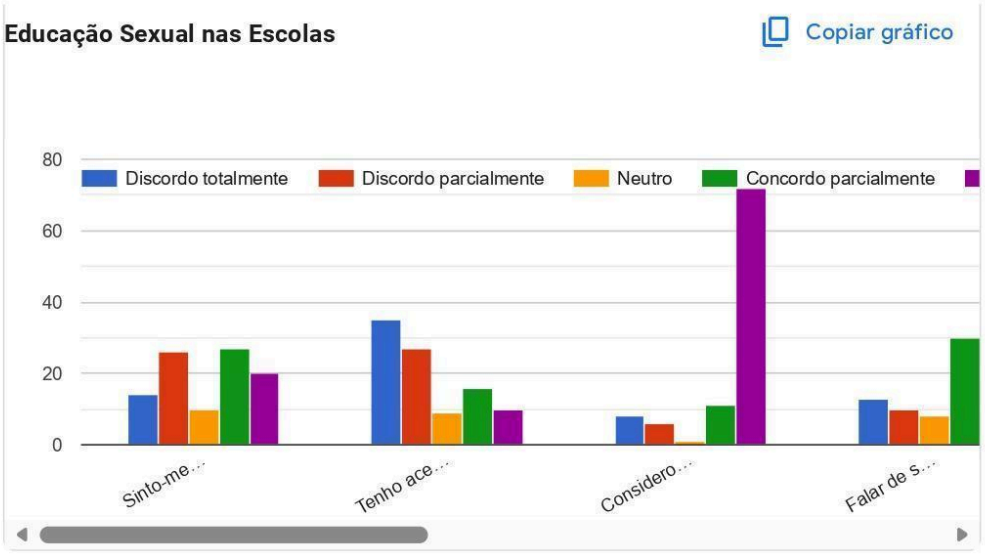
Sua instituição de ensino se localiza em?

Copiar gráfico

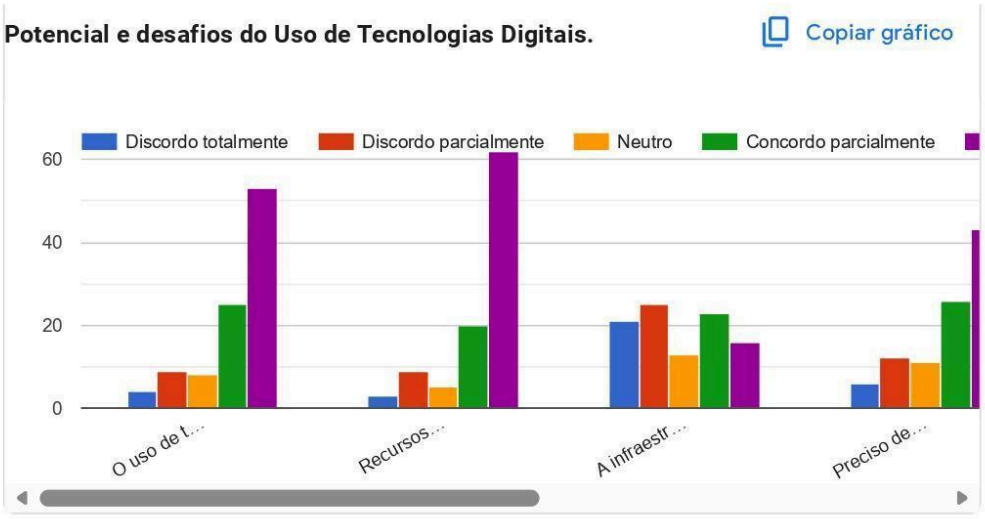
100 respostas



Educação Sexual



Uso de Tecnologias Digitais



Com base em sua experiência, quais são os principais desafios ou barreiras que dificultam a implementação de práticas de educação sexual no contexto escolar? (ex.: aspectos culturais, institucionais, pedagógicos ou relacionados à formação docente).

93 respostas

Aspectos culturais

Pedagógicas

Aspectos relacionados a falta de informação de como usos funciona, além de uma percepção ainda de que falar sobre isso com crianças e adolescentes é algo errado ou que vai estimular a prática sexual.

O maior problema que enfrentamos na rede pública é em relação a políticagem por tras da educação que não quer enfrentamentos.

Aspectos culturais, instruções e formações aos professores e gestores em em relação ao assunto.

Tempo de aula e falta de preparo pra abordar o assunto da minha parte.

O medo dos docentes diante das ameaças feitas por parte da sociedade quando professores abordaram práticas de educação sexual em suas salas de aula.

Utilização de tecnologias que possam fazer a apresentação do tema uma aula dinâmica. Em quanto diretora gostaria de poder oferecer uma oficina de formação aos meus professores.

Ainda tem muita tabu em casa falar sobre isso aí escola fala e criticada está mostrando questão cada algumas famílias induzindo

A aceitação da introdução do assunto por parte das famílias e até mesmo pelos profissionais atuantes.

Acredito que alguns desafios estão relacionados a questões religiosas, culturais, políticas, receio de conflitos com famílias e/ou gestão.

1. Famílias com diferentes visões sobre a temática; 2. Barreira quanto a percepção dos meus gestores sobre o papel da escola na abordagem da temática com nossos alunos; 3. Falta de diretrizes claras e materiais adequados sobre a temática; 4. Informações e formações para a equipe docente.

Em partes, acredito que aspectos culturais da região pode inibir o desenvolvimento desse tema nas escolas de um modo geral, mas no local onde atuo, a Professora de Biologia aborta o tema já no 1ºano dos cursos regulares e a escola já fez a oferta de cursos de formação inicial e continuada sobre o tema.

Muitos responsáveis acreditam que a escola não deve tratar do assunto, temendo que incentive comportamentos “inadequados”.

Falta de infraestrutura tecnológica e apoio dos pais e gestores escolares.

Acredito que a religiosidade e questões familiares

O aspecto cultural é o principal.

Cultura conservadora e religião cristã (seja católica ou evangélica)

Acredito que no meu caso seja o desconhecido sobre a temática e possível constrangimento dos alunos e até mesmo meu em tocar em pontos mais sensíveis.

Aspectos Culturais

A própria formação e equipe pedagógica nao aborda o tema, então acaba não acontecendo.

Vencer o preconceito

Trabalhando muitos anos com o ensino fundamental II e médio, observei que os desafios estão diretamente ligados aos tabus e às crenças limitantes que atravessam tanto a comunidade escolar quanto a família. Muitos pais, responsáveis e até mesmo alguns educadores ainda associam a educação sexual à ideia equivocada de incentivo à prática precoce da sexualidade.

A falta de formação continuada sobre o tema.

Aspectos culturais, pedagógicos e muito relacionado a formação do docente

Aspectos culturais, políticos, religiosos e relativos à própria formação docente.

Medo, desconhecimento, vergonha e falta de apoio.

Aspectos culturais,

Barreiras como o perfil familiar e religioso dos estudantes

O principal acredito q seja o aspecto cultural, o tabu sobre o tema por parte principalmente dos responsáveis dos alunos, e também essa barreira partindo da instituição ou refletindo nela.

Formação do docente

O principal desafio ainda são os pais dos alunos. Pois temos pais que não aceitam falar sobre sexualidade!

Aspectos culturais ou sociais (crenças, valores, preconceitos)

Aspectos institucionais (falta de políticas, apoio da gestão escolar)

Aspectos pedagógicos (ausência de materiais didáticos, estratégias de ensino)

Formação docente insuficiente ou falta de preparo dos professores

Não sou professor.

Acredito que questões culturais, a dificuldade em buscar informações/parcerias para tratar do tema e, uma vez tratado, a continuidade de ações sobre a temática.

É necessário coordenar as ações de diferentes professores, a falta de pessoal pedagogico fora de sala de aula na rede publica dificulta ou inviabilizar este tipo de ação. Os profs devem ter tempo conjunto na escola fora de sala de aula, para poder coordenar suas ações.

Uma prática institucionalizada dentro das escolas , formação de professores e matérias pedagógicos adequados .

Aspectos culturais, principalmente no contexto de algumas escolas.

Todos relacionados acima. Todosss

O preconceito na abordagem do tema.

Falta de aporte pedagógico oferecido aos professores para abordar tais assuntos, a própria formação docente não nos dá um suporte conteúdista e social até para esse momento.

Como falar com os alunos sobre esse tema. Saber abordar de forma clara e objetiva.

Não encontro barreiras no ensino superior

Falta de orientação

Interferência da família no ambiente escolar

Uma formação adequada

Material pedagógico adequado à faixa etária da educação infantil

Institucionais

O assunto ainda é tratado como tabu no contexto familiar, então ao mesmo tempo que a escola tem esse papel pedagógico informativo, também lida com resistência da própria instituição, então fica muito à critério do professor enquanto indivíduo abordar ou não o tema e a escola acaba não assumindo essa responsabilidade. Também acho que fica limitado a

conhecimentos básicos de funcionamento do corpo humano, restritos à aulas de ciências, sem aprofundar as complexidades do tema.

Acredito que seja um desafio que abrange a todos, sendo que não pensam nos reais atores que necessitam se manterem bem informados de forma educativa por pessoas qualificadas, com mediações sobre o assunto, pois além de muitos não terem tal comunicação e liberdade de diálogo por ser um assunto ainda evitado nas casas, com isso tende a levar os adolescentes e jovens a tirarem suas dúvidas e a sanar suas curiosidades em ambientes virtuais inapropriados e sem um acompanhamento responsável.

Abordar de forma que a família aceite

Preconceito Estrutural/particular dos próprios professores

O tema ainda é tabu perante a sociedade, principalmente se trabalhado no ensino fundamental anos finais

A falta de conversa com as famílias.

Cidades do interior Paulista são bem conservadoras e as famílias não são muito arredias quanto ao tema.

Um dos principais desafios é a má interpretação que alguns responsáveis possam apresentar quando tiverem conhecimento que esse conteúdo é ensinado aos alunos.

Falta de oferecimento de formação adequada e continuada dos professores, crenças religiosas limitantes dos responsáveis de alunos, falta de tempo de planejamento adequado e falta de serviço internet de qualidade para acessar materiais on-line.

Formação e Aspectos Institucionais

A limitação e o interesse por parte de muitos acadêmicos

Onde atuo no fundamental 1 me parece que no geral se aguarda o segundo ciclo, ou até o quinto ano propriamente, que é o último ano dos alunos na escola, onde incluso no curriculo de biologia ao lado da anatomia humana, pode vir a ser abordado a critério do regente, e de forma mais passiva no sentido de "se assunto surgir" sera abordado superficialmente em outras dissiplinas (como ed. Fisica, arte ou ingles).

As famílias e a formação.

O preconceito que as famílias e determinadas escolas ainda possuem. A ignorância sobreno assunto.

Aspecto cultural, ambiente familiar

A falta de investimento nos professores. As escolas não capacitam seus professores para um trabalho de excelência.

Aspectos culturais e religiosos.

Aspecto institucional

A própria sociedade preconceituosa, que prefere omissão ao em vez de prevenção

Religião e cultura local..

Sou professora de ciências e sempre fiz projetos nas escolas municipais onde atuei. As barreiras são fundamentalmente fundamentais formativas. Professores, Gestores e coordenadores que desconhecem o tema tendem a hierarquiza-lo (somente para certos segmentos) ou renegar o debate.

Creio que passam por muitos aspectos como classe social e até mesmo religião.

Preconceito por parte tanto das instituições de ensino, quanto das famílias e sociedade em geral.

Material desenvolvido focado no ensino da educação sexual para cada idade

Políticas públicas que dêem mais ênfase ao tema, a partir dessas políticas a elaboração do PP da escola com discussões dos professores, coordenadores, responsáveis e comunidade em geral.Essa

Aspectos culturais e a educação familiar

Aspectos culturais,institucionais ,pedagogicos entre outros.Acesss

Aspectos culturais e institucionais criam barreiras.

Aspectos relacionados a formação do professor, aspectos culturais, aceitação das famílias.

Dificuldade com a comunidade escolar externa, os responsáveis ainda tem preconceito sobre material que fale de sexualidade ou até de órgãos genitais.

O assunto é um tabu. Pode trazer conflitos com famílias e conceitos da cultura familiar.

Aspectos culturais

Aspectos institucionais e familiares.

Gestão escolar e a comunidade

Em todos os aspectos, considero que ainda prevaleça necessidade de maior informação, como principalmente à formação como um todo e não somente dos professores. Como os pais e toda a estrutura que envolva o corpo discente.

Falta de preparo do corpo docente

Formação docente

Polarização política. Assunto delicado que pode ser mal interpretar pela comunidade. Didática e recursos devem ser adequados e bem revisados por equipe multidisciplinar.

São muitos os desafios, mas, pela minha vivência, percebo que há muita desinformação entre os estudantes e receio por parte dos professores em abordar o tema, especialmente em uma escola marcada por estereótipos, preconceitos e uma visão tradicional.

Acredito que a família seja o maior impecilio

Aspectos culturais, o papel da escola é orientação quanto ao cuidado, prevenção.

Na sua visão, que benefícios o uso pedagógico de tecnologias digitais, especialmente do videocast, pode trazer para o trabalho com a educação sexual nas escolas (ex.: maior engajamento, acessibilidade, diálogo com os estudantes)?

93 respostas

Acessibilidade

Acessibilidade

Diálogo

Dialogo com estudantes

Acredito que a possibilidade de uma abordagem clara, objetiva, espontânea e na linguagem dos estudantes!

A utilização de novas tecnologias traz uma visão mais ampla e diversificada.

O processo se torna mais didático e realista sobre as questões abordadas

Talvez rapidez, mais exemplos, acessibilidade.

Diálogo com estudantes

Maior engajamento e interesse por parte dos estudantes.

Por serem meios usuais de comunicação na atualidade vejo que torna o acesso mais democrático e fácil

total

Acredito mais diálogo para se debater na sala novas ideias da turma

Oportunizar a escuta ativa por parte dos estudantes e trocar conhecimentos

O videocast pode ser mais uma ferramenta tecnológica favorável a alcançar a linguagem dos alunos, além de ser um facilitador da aprendizagem por apresentar áudio e imagem, além de tornar as aulas mais dinâmicas.

O videocast é uma prática relativamente barata, possibilitando o acesso de alunos de diferentes níveis sociais, econômicos e culturais. Sendo assim, na minha visão, é uma prática democrática.

Maior proximidade com a vida cotidiana dos estudantes, os quais estão rodeados de canais imageticos de comunicação.

O formato audiovisual facilita a atenção e desperta interesse, tornando a aprendizagem mais dinâmica.

Facilita o aprendizado e o diálogo com os estudantes e sua família.

Conscientização e responsabilidade com relação à vida sexual do adolescente

Acessibilidade que proporcionará maior engajamento.

Nada especificamente por ser digital.

Acredito que os educandos poderão se envolver na temática com mais entusiasmo.

Maior interesse por parte dos estudantes

Todas as alternativas.

Uma linguagem apropriada para cada público

O uso do videocast na educação sexual favorece o engajamento dos estudantes, amplia a acessibilidade aos conteúdos, aproxima a escola de sua linguagem digital cotidiana e cria um espaço seguro de diálogo, quebrando tabus e promovendo aprendizagens mais significativas.

Uma ferramenta que facilitará a abordagem do assunto despertando o interesse dos alunos sobre o assunto abordado.

Maior informação e esclarecimento

Eu acredito que a tecnologia pode aproximar os alunos da prática pedagógica, por ser uma linguagem mais presente na rotina dos alunos. Gera identificação e pertencimento.

Sinceramente, não sei dizer. A impressão que eu tenho é que está cada vez mais difícil ter qualquer diálogo mais profundo com os estudantes.

Maior acessibilidade, dialogo

Maior diálogo com os alunos

Acredito que maior engajamento, despertando esse primeiro interesse na temática por estar relacionado a uma tecnologia

Abordagem mais dinâmica

Maior engajamento dos estudantes

Acessibilidade e inclusão de diferentes perfis de estudantes

Facilitação do diálogo sobre temas delicados ou complexos

Estímulo à autonomia e à reflexão crítica dos alunos

Sim.

Maior engajamento, atratividade e proximidade dos estudantes jovens.

O meio, em si mesmo, não ajuda ou atrapalha. O importante é o conteudo e a forma como este será incorporado ao planejamento do ano ou semestre. Não ha a ferramenta videocast em si, mas sim esta em uso.

Vídeos , filmes, palestras , oficinas

Maior acessibilidade, visto que o jovem hoje está na internet.

Todos relacionados acima.

Um ponta pé para iniciar o diálogo com os estudantes.

Melhor diálogo e discussão com os estudantes!

Talvez uma maior proximidade com os alunos por ser um recurso audiovisual, gerando assim, maior engajamento.

Acredito que sim. Principalmente para os adolescentes.

Maior engajamento e motivação

Esclarecimento, conhece,salvar

Pode gerar um atrativo e abertura para um diálogo aberto

engajamento

Maior engajamento

Engajamento

O diálogo com os estudantes.

Com certeza haveria um maior interesse por parte dos alunos, principalmente se a linguagem abordada também for adaptada ao meio deles, sendo uma espécie de transposição didática que o professor já faz, mas que com o Videocast, seria ainda mais ampla.

Com certeza por ser um trabalho que terá uma melhor acessibilidade e através do diálogo atrativo a esse público poderá aumentar o primordial objetivo a ser alcançado, que é mantê-los bem informados para que possam de fato fazerem boas escolhas de forma crítica e segura.

Diálogo com os alunos. Esclarecer possíveis dúvidas. Alertar sobre atitudes inadequadas de uma pessoa.

maior alcance no processo educacional, por fim, na conscientização

Poderia facilitar muito a discussão em sala de aula, uma vez que a temática estaria sendo abordada fora do espaço escolar

Esclarecimentos.

Sou bem "analógico", mas, como os estudantes são "bem digitais", acho que se interessariam em aprender mais, se fossem mediados por telas.

Esses videocasts podem apresentar esse conteúdo de uma forma mais voltada para os jovens, desde que sejam apresentados por pessoas que entendam do assunto em questão.

Uma maior atenção e escuta dos estudantes que já nascem “nativos digitais “.

Acessibilidade principalmente e dinamicidade.

Proporciona um formato mais atual, interativo e dinâmico para expor o conteúdo e seus possíveis diálogos

Diálogo com os alunos

Acredito que o audiovisual é uma forma muito eficiente de transmissão e apresentaçao de conteúdo, e se sua produção for feita levando em consideração (entre diversas coisas) as diferentes formas de abordagem para diferentes faixas etárias, poderia ser de enorme valia para melhor elaboração do tema na comunidade escolar.

Na faixa etária que trabalho não vejo contribuições

Esclarecimentos que evitam gravidez insedejadas e IST

Daria apoio, suporte para um trabalho eficiente.

Acessibilidade.

O diálogo

Sim

Maturidade e prevenções de ists

Claro! Precisamos de um material mais estruturado e que gere um debate saudável e enriquecedor em sala

Eu creio que promove um espaço de diálogo aberto e próximo da realidade juvenil. Além disso, possibilita revisitar os temas em diferentes momentos, fortalecendo a aprendizagem crítica e inclusiva.

Maior alcance no público alvo, tendo em vista que os jovens são impactados fortemente pelas novas tecnologias e possibilidade de estender o assunto para além das salas de aula.

Todo conteúdo seja visual, tecnológico acredito poder ajudar no desenvolvimento e debates

Vai funcionar para estimular os alunos ao tema.

Maior interatividade e diálogos coletivos

Acessibilidade.

Maior engajamento devido ao uso constante dessas tecnologias pela sociedade em geral.

O maior benefício seria o diálogo com os estudantes.

Disponibilizado material pela equipe diretiva, junto com a formação para orientação de como utilizar esse material com linguagem visual para crianças menores de 5 anos, ajuda aos responsáveis e aos docentes.

É uma ferramenta que pode ajudar. Mas o principal é mesmo o conteúdo trazido e a intenção e mediação do professor qualificado.

Possibilidade de diálogo e conscientização, a partir de uma metodologia atrativa.

Visibilidade as necessidades urgentes de entrarmos neste assunto

Mediante ainda ao despreparo dos estudantes é viável que haja um engajamento mais firme, pois muitos ainda não aceitam o diálogo que os tornem mais adequados a proposta docente.

Maior engajamento e acessibilidade na participação.

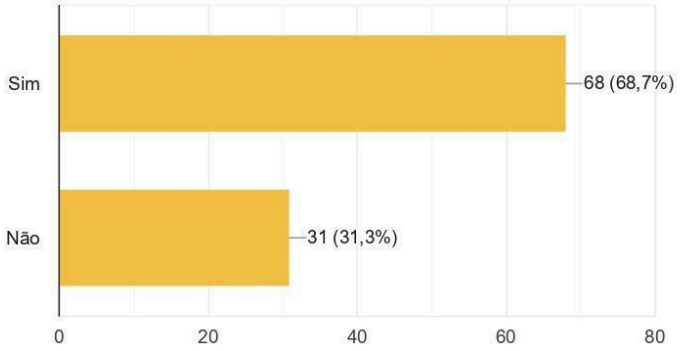
O videocast é uma das inovações proporcionadas pelas novas tecnologias digitais. Ao incorporá-lo às práticas pedagógicas, é possível democratizar o acesso ao conhecimento sobre educação sexual, promovendo a ampliação do saber, a quebra de tabus e o enfrentamento de preconceitos relacionados ao tema.

Diálogos com estudantes.

Você gostaria de participar de uma formação pedagógica com o intuito de construir conhecimento sobre a temática educação sexual?

Copiar gráfico

99 respostas



Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. - Entre em contato com o proprietário do formulário - Termos de Serviço - Política de Privacidade

Este formulário parece suspeito? Denunciar

Google Formulários

10. APÊNDICE B – Tabela das Respostas extraídas da pesquisa preliminar para montagem do quadro de Bardin.

Respostas ao questionamento: “Com base em sua experiência, quais são os principais desafios ou barreiras que dificultam a implementação de práticas de educação sexual no contexto escolar?”

Participantes	**Resposta discursiva do Entrevistado no Questionário:** Com base em sua experiência, quais são os principais desafios ou barreiras que dificultam a implementação de práticas de educação sexual no contexto escolar? (Exemplos: aspectos culturais, institucionais, pedagógicos ou relacionados à formação docente).
P05	Aspectos culturais, instruções e formações aos professores e gestores em relação ao assunto.
P07	O medo dos docentes diante das ameaças feitas por parte da sociedade quando professores abordaram práticas de educação sexual em suas salas de aula.
P12	Famílias com visões divergentes; barreira na percepção dos gestores; falta de diretrizes claras e materiais adequados; necessidade de formação.
P18	Cultura conservadora e religião cristã (seja católica ou evangélica).
P19	Desconhecimento sobre a temática e possível constrangimento dos alunos e do próprio docente.
P23	Desafios ligados aos tabus e crenças limitantes da família. Associação equivocada com incentivo à prática precoce.

P26	Aspectos culturais, políticos, religiosos e relativos à própria formação docente.
P30	Aspecto cultural, tabu por parte dos responsáveis e barreiras institucionais.
P31	Formação do docente.
P33	Aspectos culturais/sociais, institucionais, pedagógicos e formação docente insuficiente.
P41	Falta de aporte pedagógico e suporte conteudista/social na formação docente.
P49	Tabu familiar, resistência institucional e limitação do tema a aulas de ciências/corpo humano.
P57	Falta de formação continuada, crenças religiosas, falta de tempo e internet de má qualidade.
P62	Preconceito das famílias/escolas e ignorância sobre o assunto.
P69	Barreiras formativas de gestores e coordenadores que desconhecem o tema.

P73	Necessidade de políticas públicas e elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) com a comunidade.
P78	Dificuldade com a comunidade externa e preconceito com termos biológicos/genitais.
P85	Formação docente.
P86	Polarização política e risco de má interpretação pela comunidade.
P87	Desinformação dos estudantes e receio docente devido a estereótipos e visão tradicional.
P88	Aspecto cultural e formação docente
P89	Formação docente.

Respostas ao questionamento: Na sua visão, que benefícios o uso pedagógico de tecnologias digitais, especialmente do videocast, pode trazer para o trabalho com a educação sexual nas escolas (exemplos:maior engajamento, acessibilidade, diálogo com os estudantes)?

Participantes (89 respondentes)	**Resposta discursiva do Entrevistado no Questionário:** Na sua visão, que benefícios o uso pedagógico de tecnologias digitais, especialmente do videocast, pode trazer para o trabalho com a educação sexual nas escolas (exemplos:maior engajamento, acessibilidade, diálogo com os estudantes)?
P01	Acessibilidade.
P02	Acessibilidade.
P05	Abordagem clara, objetiva, espontânea e na linguagem dos estudantes.
P11	Torna o acesso mais democrático e fácil por serem meios usuais de comunicação.
P14	Oportunizar a escuta ativa por parte dos estudantes e trocar conhecimentos.
P15	Ferramenta tecnológica favorável a alcançar a linguagem dos alunos; facilitador da aprendizagem.
P18	Formato audiovisual facilita a atenção e desperta interesse.

P27	Favorece o engajamento, amplia a acessibilidade e cria um espaço seguro de diálogo.
P30	Tecnologia aproxima os alunos da prática pedagógica; gera identificação e pertencimento.
P32	Maior acessibilidade, diálogo.
P34	Maior engajamento, despertando interesse por estar relacionado a uma tecnologia.
P38	Maior engajamento, atratividade e proximidade dos estudantes jovens.
P44	Melhor diálogo e discussão com os estudantes!
P54	Maior interesse dos alunos; linguagem adaptada ao meio deles (transposição didática).
P58	Facilitar a discussão em sala de aula; temática abordada fora do espaço escolar.
P62	Maior atenção e escuta dos estudantes que já nascem “nativos digitais”.
P63	Acessibilidade principalmente e dinamicidade.

P70	Acessibilidade.
P80	Acessibilidade.
P84	Ferramenta que ajuda, mas depende da intenção e mediação do professor qualificado.
P84	diálogo
P85	Acessibilidade.
P86	diálogo e engajamento
P87	acessibilidade, diálogo e interesse.
P88	engajamento
P89	Acessibilidade.

11. APÊNDICE C – Ficha de Material Didático (E-BOOK)

Título

Material didático Diálogos que protegem: A educação sexual como estratégia de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis.

Título em Inglês

Dialogues that Protect: Sex education as a prevention strategy for sexually transmitted infections.

Ano Produto: 2025

Descrição do Material Didático e de sua finalidade

Material didático em formato de *e-book* para realização de letramento dos profissionais da educação oferecendo informações claras e seguras sobre educação sexual e prevenção de ISTs, servindo como recurso pedagógico para mediar diálogos abertos e contextualizados. O material visa qualificar a atuação dos educadores, unindo teoria e prática no ambiente escolar.

Cadastrar Produção Intelectual

Natureza: Digital (E-book Online)

Finalidade: Fornecer instrumentos para profissionais da educação com informações sobre educação sexual com foco na prevenção de IST. O material visa promover o letramento sobre a temática, facilitando diálogos nas comunidades escolares suprindo a carência de recursos didáticos personalizados que unem teoria e prática na educação sexual escolar.

Instituição Promotora: Centro Universitário UniCarioca

Demanda:

(X) Externa

( ) Edital

( ) Interna

URL:

Avanços tecnológicos/grau de novidade:

( )Produção com alto teor inovativo: desenvolvimento com base em conhecimento inédito;

(x) Produção com médio teor inovativo: combinação de conhecimentos pré-estabelecidos;

( ) Produção com baixo teor inovativo: adaptação de conhecimento existente;

( ) Produção sem inovação aparente: produção técnica.

O material combina conhecimentos consolidados sobre saúde pública e pedagogia para criar uma ferramenta educacional em saúde sexual para profissionais da educação. A inovação reside na sistematização e tradução de conhecimentos científicos sobre ISTs em uma linguagem acessível e acolhedora, criando um recurso didático autoral que preenche a lacuna da ausência de material didático em educação sexual com foco em Ists.

Indicar produção resultante do trabalho realizado no Programa de Pós-graduação, informando:

Docentes Autores:

Nome:Júlia Pereira Wagner CPF: 081.xxxxxx

(X) Permanente; ( ) Colaborador

Nome: Tábata Elise Ferreira Cordeiro CPF:033.xxxxxxx

(X) Permanente; ( ) Colaborador

Nome: Jorge Eduardo Mansur Serzedello CPF: 089.xxxxxxx

Organização:Centro Universitário Carioca

Discentes Autores:

Nome: André Luiz Bastos de Freitas CPF: 059.xxxx ( ) Mest Acad; (X) Mest Prof; ( )Doutorado

Demais Autores:

Conexão com a Pesquisa

Projeto de Pesquisa vinculado à produção: Ações Educacionais de Promoção da Saúde na Atenção Primária no Município do Rio de Janeiro apoiado por Recursos Digitais

Linha de Pesquisa vinculada à produção: Desenvolvimento, Estratégias de Uso e Avaliação de Tecnologias Digitais na Educação Não Formal

( ) Projeto isolado, sem vínculo com o Programa de Pós-graduação

Conexão com a Produção Científica

Relacionar artigos publicados, apenas, em periódicos que estão correlacionados a esta produção:

a) Título: _____

Periódico: _____

Outros dados: ano_____; vol. _____; páginas _____- _____; DOI _____.

Recursos e vínculos da Produção Tecnológica

Data início: ___/___/____ Data término: ___/___/____

Total investido: R$_____

Fonte do Financiamento: _____

Aplicabilidade da Produção Tecnológica:

Descrição da Abrangência realizada:

O material foi aplicado a 23 profissionais da educação contemplando educação básica e superior, validando sua eficácia no letramento e na mediação de diálogos sobre ISTs.

Descrição da Abrangência potencial:

Sua abrangência potencial é ampla, com escala para as redes de ensino além de ser indicado seu uso em projetos sociais e Ongs, devido ao formato digital que facilita o acesso gratuito e nacional. Como recurso fácil de implementação e uso, o e-book funciona como um guia autônomo, suprindo a carência de materiais contextualizados e permitindo que a estratégia pedagógica seja reproduzida em diversas realidades escolares, unindo teoria e prática na educação sexual.

Descrição da Reaplicabilidade:

O material possui replicabilidade, estrutura didática e a linguagem simples e permite que a metodologia seja adotada por diferentes disciplinas, utilizadas em projetos educacionais e rodas de conversas.

A produção necessita estar no repositório? Sim

Documentos Anexados (em PDF):

(X) Material didático

12. APÊNDICE D – Videocast (Material de Apoio Pedagógico em Audiovisual)

Material didático

Título

Videocast #PapoRetoIST

Título em Inglês

#NocapSTI

Ano Produto

2025

Descrição do Material Didático e de sua finalidade

Videocast desenvolvido como recurso educacional na promoção da saúde sexual e voltado à prevenção de ISTs direcionado para profissionais da educação adquirem conhecimento para trabalhar com jovens em suas instituições educacionais. Através de uma linguagem acessível e dinâmica, sua finalidade é desmistificar tabus e promover a educação sexual, servindo como ferramenta pedagógica prática para ser utilizada digitalmente no ambiente escolar.

Cadastrar Produção Intelectual

Natureza:

Digital (Videocast)

Finalidade:

Produto audiovisual pedagógico para mediar o diálogo e transmitir conhecimento em educação sexual com ênfase nas infecções sexualmente transmissíveis.

Instituição Promotora:

Centro Universitário UniCarioca

Demanda:

(X) Externa

( ) Edital

( ) Interna

URL: https://www.youtube.com/@VideocastPapoReto

Avanços tecnológicos/grau de novidade:

( )Produção com alto teor inovativo: desenvolvimento com base em conhecimento inédito;

(x) Produção com médio teor inovativo: combinação de conhecimentos pré-estabelecidos;

( ) Produção com baixo teor inovativo: adaptação de conhecimento existente;

( ) Produção sem inovação aparente: produção técnica.

Indicar produção resultante do trabalho realizado no Programa de Pós-graduação, informando:

Docentes Autores:

Nome:Júlia Pereira Wagner CPF: 081.xxxxx

(X) Permanente; ( ) Colaborador

Nome: Tábata Elise Ferreira Cordeiro CPF:033.xxxxxx

(X) Permanente; ( ) Colaborador

Nome: Jorge Eduardo Mansur Serzedello CPF: 089.xxxxx

Organização:Centro Universitário Carioca

Discentes Autores:

Nome: André Luiz Bastos de Freitas CPF: 059.xxxxxx ( ) Mest Acad; (X) Mest Prof; ( )Doutorado

Demais Autores:

Conexão com a Pesquisa

Projeto de Pesquisa vinculado à produção: Ações Educacionais de Promoção da Saúde na Atenção Primária no Município do Rio de Janeiro apoiado por Recursos Digitais

Linha de Pesquisa vinculada à produção: Desenvolvimento, Estratégias de Uso e Avaliação de Tecnologias Digitais na Educação Não Formal

Conexão com a Produção Científica

Relacionar artigos publicados, apenas, em periódicos que estão correlacionados a esta produção:

a) Título: _____

Periódico: _____

Outros dados: ano_____; vol. _____; páginas _____- _____; DOI _____.

Recursos e vínculos da Produção Tecnológica

Data início: ___/___/____ Data término: ___/___/____

Total investido: R$_____

Fonte do Financiamento: _____

Aplicabilidade da Produção Tecnológica:

Descrição da Abrangência realizada:

O uso do Videocast consolidou-se como recurso didático em escolas e projetos sociais. A ferramenta permitiu que educadores acessassem conhecimentos técnicos e preventivos sobre infecções sexualmente transmissíveis, fortalecendo a disseminação de informações de saúde de forma prática em ambientes educativos e comunitários.

Descrição da Abrangência potencial:

A proposta possui elevada capacidade de expansão para a rede básica de ensino via plataformas digitais. Com linguagem acessível e embasamento de especialistas, o recurso pode alcançar diversos contextos pedagógicos, adaptando-se a diferentes realidades institucionais e geográficas para capacitar educadores continuamente.

Descrição da Reaplicabilidade:

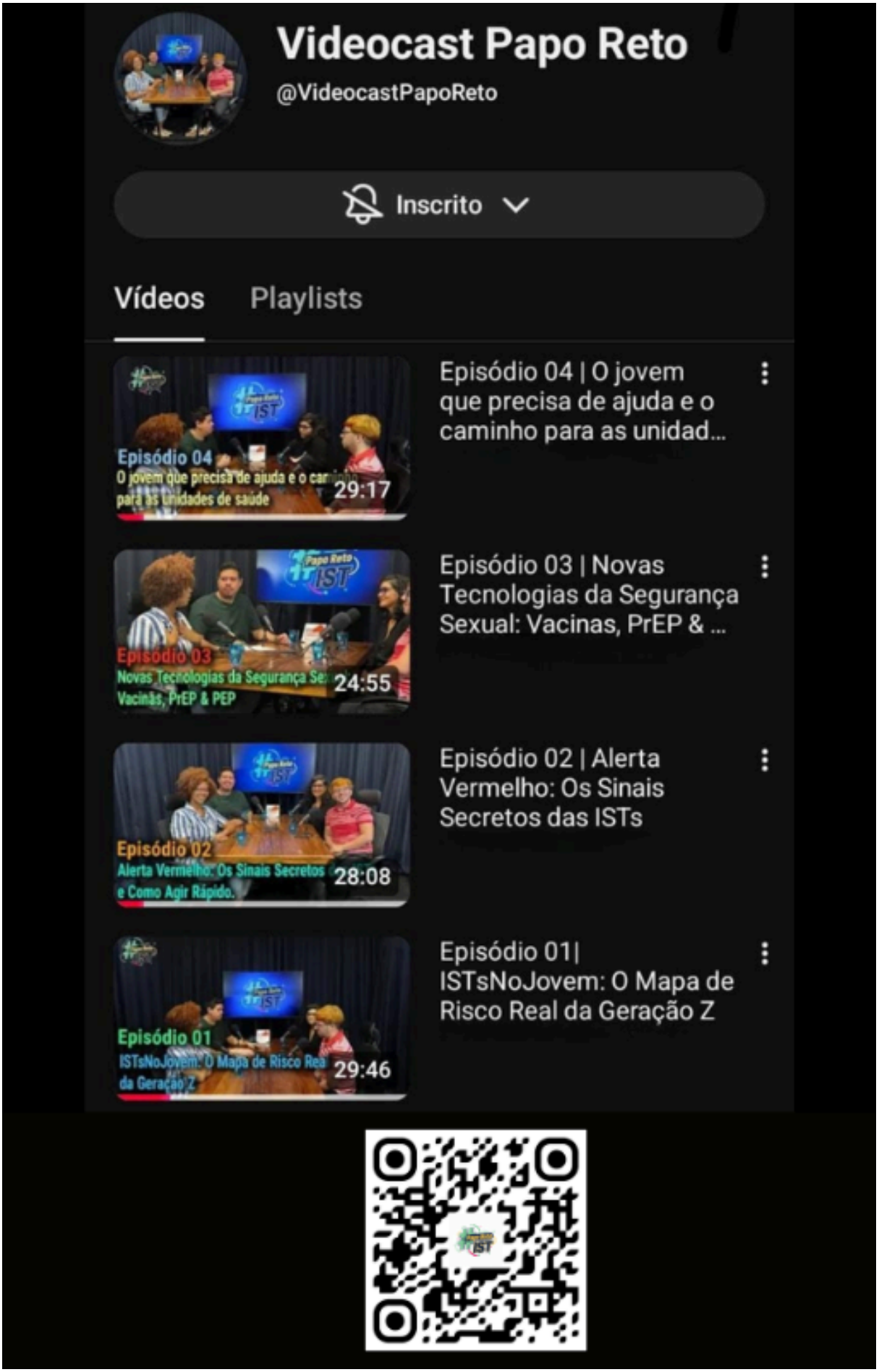
Garantida pela hospedagem em repositórios online e metodologia documentada, permitindo o uso por mobilizadores em variados cenários. O formato audiovisual facilita o acesso, supera barreiras físicas e funciona como material de apoio flexível, perfeitamente adaptável às demandas locais de saúde e prevenção.

A produção necessita estar no repositório? Sim

Documentos Anexados (em PDF):

() Material didático

(X) Disponível no Youtube em: https://www.youtube.com/@VideocastPapoReto


Videocast Papo Reto
@VideocastPapoReto
Inscrito
Vídeos
Playlists
Episódio 04
O jovem que precisa de ajuda e o car
para as unidades de saúde
29:17
Episódio 04 | O jovem que precisa de ajuda e o caminho para as unidad...
Episódio 03
Novas Tecnologias da Segurança Se
Vacinas, PrEP & PEP
24:55
Episódio 03 | Novas Tecnologias da Segurança Sexual: Vacinas, PrEP & ...
Episódio 02
Alerta Vermelho: Os Sinais Secretos
e Como Agir Rápido.
28:08
Episódio 02 | Alerta Vermelho: Os Sinais Secretos das ISTs
Episódio 01
ISTsNoJovem: O Mapa de Risco Rea
da Geração Z
29:46
Episódio 01| ISTsNoJovem: O Mapa de Risco Real da Geração Z

13.APÊNDICE E – Roteiros #PapoRetoIST

	PGM	Tempo	Gravação
	#PAPORETOIST	20 min	19/11/2025
	EXIBIÇÃO INTERNET		

VÍDEO	ÁUDIO
EPISÓDIO 01: #ISTsNoJovem: O Mapa de Risco Real da Geração Z	
André Bastos / Apresentação	Boas vindas / Explicar o Videocast
Apresentação dos convidados	
Convidado 1 - Médico / bio	Bio Convidado 1 - Médico
Convidado 2 - Enfermagem / bio	Bio Convidado 2 - Enfermagem
Convidado 3 - Professora Biologia / bio	Bio Convidado 3 - Professora Biologia
Apresentador:	
Introdução da Pauta	
	Apresentação dos dados reais e a vulnerabilidade da faixa etária (9 a 14 anos), que é quando o risco de iniciação sexual começa e o conhecimento ainda é frágil.
Perguntas	
Qual é o principal mito sobre ISTs e como devemos conduzir esse conteúdo?	
Como a postura de "acolhimento e informação" se torna a primeira e mais eficaz ferramenta de prevenção?	
Como explicar de forma simples a diferença entre ISTs e a importância da prevenção?	CONVIDADOS RESPONDEM
"Existe cura para todas as ISTs?" Como explicar de forma simples a diferença entre ISTs curáveis e tratáveis?	

	PGM	Tempo	Gravação
	#PAPORETOIST	20 min	19/11/2025
	EXIBIÇÃO INTERNET		

EPISÓDIO 02: Alerta Vermelho: Os Sinais Secretos das ISTs (E Como Agir Rápido)	
André Bastos / Apresentação	
Apresentação dos convidados Convidado 1 - Médico / bio Convidado 2 - Enfermagem / bio Convidado 3 - Professora Biologia / bio	Bio Convidado 1 - Médico Bio Convidado 2 - Enfermagem Bio Convidado 3 - Professora Biologia
Apresentador: Introdução da Pauta	Contextualização das ISTs e seus impactos na vida dos jovens do Brasil.
Perguntas Além das verrugas e feridas, quais são os sinais mais silenciosos de ISTs (Clamídia, Gonorreia, HPV)?	CONVIDADOS RESPONDEM
Qual é a importância da vacina contra ISTS (HPV, Mpox, Hepatites)? O que é prevenção combinada? Como incentivar para que adolescentes busquem imunização?	
Se a IST pode ser assintomática, qual é o papel da testagem regular e como devemos orientar o jovem a realizar os testes com frequência?	

	PGM	Tempo	Gravação
	#PAPORETOIST	20 min	19/11/2025
	EXIBIÇÃO INTERNET		

EPISÓDIO 03: Novas Tecnologias da Segurança Sexual : Vacinas, PREP & PEP.	
André Bastos / Apresentação	
Apresentação dos convidados	Bio Convidado 1 - Médico
Convidado 1 - Médico / bio	Bio Convidado 2 - Enfermagem
Convidado 2 - Enfermagem / bio	Bio Convidado 3 - Professora Biologia
Convidado 3 - Professora Biologia / bio	
Apresentador /Introdução da Pauta	Contextualização das ISTs e seus impactos na vida dos jovens do Brasil.
Perguntas	
Qual é importância do uso da camisinha (masculina e feminina) na prevenção?	CONVIDADOS RESPONDEM
Qual o papel da prevenção combinada e gerenciamento de riscos na vida sexual?	
Muitos escutam sobre PrEP e PEP nas redes. Qual a diferença crucial entre a PrEP (Profilaxia Pré-Exposição) e a PEP (Profilaxia Pós-Exposição) e quem pode (e deve) procurar por elas no SUS?	
Por que o uso de camisinha continua sendo insubstituível mesmo quando o aluno usa PrEP ou PEP?	
Como podemos integrar a discussão sobre todas estas ferramentas (camisinha, PrEP, PEP) evitando o pânico e o julgamento?	

	PGM	Tempo	Gravação
	#PAPORETOIST	20 min	19/11/2025
	EXIBIÇÃO INTERNET		

EPISÓDIO 04: O jovem que precisa de ajuda e o caminho para as unidades de saúde.	
André Bastos / Apresentação	
Apresentação dos convidados	
Convidado 1 - Médico / bio	Bio Convidado 1 - Médico
Convidado 2 - Enfermagem / bio	Bio Convidado 2 - Enfermagem
Convidado 3 - Professora Biologia / bio	Bio Convidado 3 - Professora Biologia
Apresentador /Introdução da Pauta	Contextualização das ISTs e seus impactos na vida dos jovens do Brasil.
Perguntas	
Um jovem me confidencia uma suspeita ou diagnóstico de IST. Qual é o protocolo de confidencialidade e sigilo que devemos seguir?	CONVIDADOS RESPONDEM
Qual é o fluxo ideal de encaminhamento? Qual a diferença entre a UBS (Unidade Básica de Saúde) e o CTA (Centro de Testagem e Aconselhamento) e onde o jovem será melhor atendido?	
Como envolver a família e os pais neste processo, e quando o profissional da educação deve ou não comunicar a informação aos responsáveis pelo aluno?	
Se o aluno está em tratamento, qual é o papel social da escola para garantir a continuidade dos estudos e a proteção contra o *bullying*?	

14. APÊNDICE F – Oficina Pedagógica para capacitação profissional

Título: Oficina Pedagógica - Educação Sexual para prevenção de infecções sexualmente transmissíveis.

Descrição do Curso de Formação e de sua finalidade:

Curso de formação online e gratuita para educadores sobre educação sexual com foco na prevenção de ISTs e autocuidado. A finalidade dessa formação profissional é fornecer ferramentas teóricas e práticas para uma abordagem crítica e segura no ambiente escolar, promovendo a saúde sexual por meio de reflexões embasadas pelo uso de tecnologias digitais personalizadas.

Avanços tecnológicos/grau de novidade:

( ) Produção com alto teor inovativo: Desenvolvimento com base em conhecimento inédito;

(x) Produção com médio teor inovativo: Combinação de conhecimentos pré-estabelecidos;

( ) Produção com baixo teor inovativo: Adaptação de conhecimento existente;

( ) Produção sem inovação aparente: Produção técnica.

Indicar produção resultante do trabalho realizado no Programa de Pós-graduação, informando:

Docentes Autores:

Nome:Júlia Pereira Wagner CPF: 081.xxxxx

(X) Permanente; ( ) Colaborador

Nome: Tábata Elise Ferreira Cordeiro CPF:033.xxxxxx

(X) Permanente; ( ) Colaborador

Nome: Jorge Eduardo Mansur Serzedello CPF: 089.xxxxx

Organização:Centro Universitário Carioca

Discentes Autores:

Nome: André Luiz Bastos de Freitas CPF: 059.xxxxxxxxxx ( ) Mest Acad; (X) Mest Prof; ( )Doutorado

Demais Autores:

Conexão com a Pesquisa

Projeto de Pesquisa vinculado à produção: Ações Educacionais de Promoção da Saúde na Atenção Primária no Município do Rio de Janeiro apoiado por Recursos Digitais

Linha de Pesquisa vinculada à produção: Desenvolvimento, Estratégias de Uso e Avaliação de Tecnologias Digitais na Educação Não Formal

( ) Projeto isolado, sem vínculo com o Programa de Pós-graduação

Conexão com a Produção Científica

Relacionar artigos publicados, apenas, em periódicos que estão correlacionados a esta produção:

a) Título: _____

Periódico: _____

Outros dados: ano_____; vol. _____; páginas _____- _____; DOI _____.

Campos descritivos opcionais*

Situação atual da Produção:

( ) Anteprojeto

(X) Em curso

Recursos e vínculos da Produção Tecnológica

Data início: ___/___/____ Data término: ___/___/____

Total investido: R$_____

Fonte do Financiamento: _____

Aplicabilidade da Produção Tecnológica:

Descrição da Abrangência realizada:

O e-book foi distribuído digitalmente para educadores e gestores vinculados ao projeto. O material serviu como guia teórico-prático sobre proteção e saúde sexual, fundamentando discussões em sala de aula e oferecendo subsídios técnicos para que profissionais pudessem abordar temas sensíveis com segurança pedagógica.

Descrição da Abrangência potencial:

A obra possui escala ilimitada por meio de portais educacionais e repositórios institucionais. Pode alcançar redes municipais e estaduais de ensino, capacitando milhares de professores em diversas regiões, fortalecendo a rede de proteção escolar e a disseminação de informações científicas sobre prevenção.

Descrição da Replicabilidade:

A replicabilidade é assegurada pelo formato digital de livre circulação e estrutura modular. O conteúdo permite que diferentes instituições adaptem os temas conforme suas demandas locais, utilizando os roteiros e referências para fundamentar novos projetos pedagógicos e ações de educação em saúde.

Complexidade da Produção Tecnológica: Complexidade pode ser entendida como uma propriedade na qual há interação de múltiplos agentes (laboratórios, empresas, etc.), relações e multiplicidade de conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento de produtos técnico-tecnológicos:

( ) Produção com alta complexidade: envolve diferentes parceiros – IES, capital privado, capital público

(x) Produção com média complexidade: envolve diferentes atores – docentes, discentes, gestores

( ) Produção com baixa complexidade: envolve atores da IES promotora

A produção necessita estar no repositório? Não Documentos Anexados (em PDF)

(x) Projeto de Curso ( ) Declaração de Parcerias entre Instituições

15. APÊNDICE G- Material utilizado na Oficina Pedagógica

OFICINA PEDAGÓGICA

EDUCAÇÃO SEXUAL PARA PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS



POR: ANDRÉ BASTOS
MESTRANDO EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

PROPOSTA DESTA OFICINA

- OFICINA VOLTADA PARA O TEMA DA EDUCAÇÃO SEXUAL, COM ÊNFASE NA QUESTÃO DA PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (ISTS) E AUTOCUIDADO, VISANDO SUBSIDIAR PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO PARA ABORDAGEM DO TEMA EM SUAS INSTITUIÇÕES
- CONTRIBUIR PARA A CONSCIENTIZAÇÃO E EDUCAÇÃO EM SAÚDE SEXUAL COM OBJETIVO DE INFORMAR, SANAR DÚVIDAS E REFLETIR SOBRE SEXUALIDADE E VIDA SEXUAL, ESTIMULANDO O AUTOCUIDADO.
- INSUFICIÊNCIA DE MATERIAL EDUCATIVO PERSONALIZADO PARA PROFESSORES E COMUNIDADE ESCOLAR A PARTIR DO USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

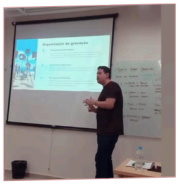
Pesquisa Exploratória Preliminar

Realizada com 102 profissionais de educação,a maioria dos participantes concordam não terem acesso a material didático a essa temática conforme apresentado no gráfico 1.



Fonte: Próprio Autor (2025)

APRESENTAÇÃO



ANDRÉ LUIZ BASTOS

MESTRANDO EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO PELA UNICARIOCA.

PRODUTOR AUDIOVISUAL, ATUOU NA TV GLOBO POR MAIS DE UMA DÉCADA EM PRODUÇÕES E PROJETOS INTERNACIONAIS, ALÉM DE DIRIGIR O DEPARTAMENTO DE PRODUÇÃO DA RIT TV RIO DE JANEIRO POR 6 ANOS .

POSSUI FORMAÇÃO TÉCNICA E SUPERIOR EM PRODUÇÃO AUDIOVISUAL, LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS E PÓS-GRADUAÇÃO EM MARKETING. ATUALMENTE É SERVIDOR DA UERJ, INTEGRANDO A EQUIPE DE AUDIOVISUAL DA TV UERJ NO CAMPUS MARACANÃ.

INQUIETAÇÃO

- EXPERIÊNICA EM REALIZAÇÃO DE VÍDEOS SOBRE TEMAS SOCIAIS DA COMUNIDADE ESCOLAR.
- DESAFIOS NA RECEPÇÃO DE TEMÁTICAS POLÊMICAS NO AMBIENTE EDUCATIVO.
- IDENTIFICAÇÃO DA FALTA DE ESPAÇOS DE APRENDIZADO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL.

ETAPAS DESTA OFICINA

1. APRESENTAÇÃO DA TEMÁTICA : “ SEXUALIDADE COMO DIMENSÃO HUMANA”
2. REFLEXÕES E RODA DE CONVERSA : “QUEM É O NOSSO JOVEM?
3. EDUCAÇÃO SEXUAL
4. REFLEXÕES E RODA DE CONVERSA : “INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS”
5. VIDEOCAST COMO RECURSO PEDAGÓGICO
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

SEXUALIDADE COMO DIMENSÃO HUMANA

A sexualidade está presente ao longo de toda a vida ela é relacionada a identidade, afeto, corpo e relações humanas.

Sexualidade como dimensão humana

- Vai muito além do ato sexual.
- Expressa afeto, identidade, emoções, corpo e relações.
- Presente ao longo de toda a vida.

Dimensões da sexualidade

- Biológica: corpo e puberdade
- Psicológica: emoções, autoestima, curiosidade.
- Social/Cultural: valores, normas, mídia, pares.
- Afetiva: vínculos, amizades, primeiros relacionamentos.
- Ética: respeito, consentimento, limites.

SEXUALIDADE COMO DIMENSÃO HUMANA (FOCO NOS JOVENS)

Na adolescência

- Fase de mudanças intensas.
- Curiosidade é natural e não significa estímulo.
- Necessidade de informação segura.

Influências externas

- Escola, família, internet, religião e mídia moldam percepções.
- Alunos chegam com dúvidas e mitos.

Por que abordar na escola?

- Promove saúde e prevenção de ISTs.
- Fortalece autoestima e relações respeitosas.
- Reduz vulnerabilidades, preconceitos e violência.

QUEM É O NOSSO JOVEM ?

Pré-Adolescência & Adolescência
Esta fase é marcada por intensas transformações físicas, psíquicas e sociais.

- **Busca por identidade e pertencimento ao grupo.**
- **Curiosidade natural sobre o corpo e relacionamentos.**
- **Vulnerabilidade à desinformação (internet/redes sociais).**
- **Necessidade de espaços seguros para diálogo, sem julgamentos morais.**

> **A sexualidade na adolescência e juventude representam fases centrais do desenvolvimento humano, marcadas por transformações físicas, emocionais e pela construção da vivência sexual, durante essa jornada é comum surgirem dúvidas sobre as melhores condutas de prevenção sexuais, possibilidades de autocuidado e formas de garantir uma vida sexual plena e segura (Brasil, 2013).**



A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

A BNCC não trata apenas de conteúdo acadêmico, mas da formação integral.

Competências Gerais 8 e 9

- Autocuidado: Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional.
- Empatia e Cooperação: O respeito ao outro e aos direitos humanos.
- Tema Transversal: Saúde e Educação Sexual como pilares da cidadania, não apenas biologia.
- Abordagem Científica: Combate a desinformação com dados e ciência.

QUANDO VOCÊ PENSA EM EDUCAÇÃO SEXUAL... QUAIS PALAVRAS VOCÊ LEMBRA?



EDUCAÇÃO SEXUAL

A Educação Sexual é um processo contínuo que ajuda as pessoas a entenderem melhor o corpo, as emoções, os relacionamentos e os direitos ligados à sexualidade. **Seu objetivo é apoiar o desenvolvimento integral, promovendo autonomia, saúde, bem-estar e relações respeitosas.**

> **A educação sexual, segundo Lima et al. (2023), promove uma conscientização de práticas sexuais seguras: prevenção de ISTs e métodos contraceptivos. Um bom conhecimento do indivíduo sobre sua sexualidade, pode evitar casos de violência e prevenir o abuso sexual, colaborando diretamente com a saúde pública e gerando a construção de saberes que perduram por toda a vida.**

- AUTOCONHECIMENTO
- AUTONOMIA CORPORAL
- CONSCIÊNCIA CRÍTICA
- DIREITOS SEXUAIS
- PREVENÇÃO SEGURA
- RESPONSABILIDADE AFETIVA
- SAÚDE INTEGRAL
- PROTEÇÃO SOCIAL

"O QUE VOCÊ SABE DE ISTS?



INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (ISTS)

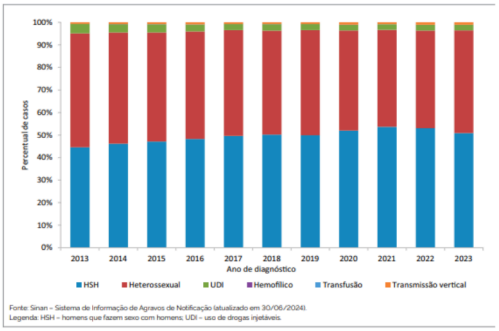
As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) são doenças causadas por fungos, bactérias, protozoários e vírus, em sua maioria transmitidas por via sexual, o que lhes confere alta relevância epidemiológica.

> **No contexto da saúde sexual, ainda segundo os autores Fernandes et al. (2019), a fragilidade do não conhecimento é traduzida em: práticas sexuais inseguras, uso inconsistente de preservativos e pouco domínio sobre as ISTs. Soma-se a isso, a dificuldade de acesso a serviços de saúde especializados que atendam adequadamente às demandas juvenis**

CENÁRIO EPIDEMIOLÓGICO

De acordo com o Ministério da Saúde (2023), em todas as regiões brasileiras a via sexual permaneceu como a principal forma de transmissão do HIV entre pessoas com 13 anos ou mais.

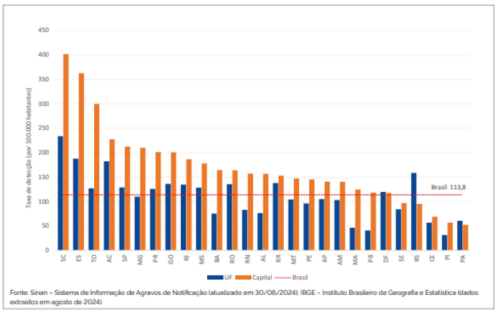
FIGURA 15 Distribuição percentual dos casos de aids em homens de 13 anos ou mais segundo categoria de exposição, por ano de diagnóstico. Brasil, 2013 a 2023



Fonte: Sinan – Sistema de Informação de Agravos de Notificação (atualizado em 30/06/2024).
Legenda: HSH – homens que fazem sexo com homens; UDI – uso de drogas injetáveis.

Segundo dados do Boletim Epidemiológico Sífilis 2024 (Ministério da Saúde), o número de casos de sífilis entre adolescentes do sexo feminino em 2023, foi superior ao registrado no sexo masculino.

FIGURA 6 Taxa de detecção de sífilis adquirida (por 100.000 habitantes) segundo Unidade Federativa (UF) de residência e capitais. Brasil, 2023



Fonte: Sinan – Sistema de Informação de Agravos de Notificação (atualizado em 30/06/2024). IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (dados extraídos em agosto de 2024).

ISTS E O JOVEM NA MÍDIA

FACULDADE DE MEDICINA · UFMG ·

ISTs avançam entre os jovens e mostram redução no uso de preservativos

Dados da PrEP 15-19 Minas, projeto desenvolvido pela Faculdade de Medicina da UFMG, aponta números alarmantes de sífilis, gonorreia e clamídia entre jovens em BH participantes do projeto

29 DE JUNHO DE 2021 · CLAMÍDIA, GONORREIA, HIV, INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS, IST, PESQUISA, PREP, PREVENÇÃO, SÍFILIS

g1 PROFISSÃO REPÓRTER

Como uma vida sexual sem cuidados pode facilitar a transmissão das infecções sexualmente transmissíveis

Nos últimos 10 anos, houve um aumento de 168% de casos de HIV entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil, segundo o Ministério da Saúde.

Por Profissão Repórter
27/03/2024 01h13 · Atualizado há um ano

ada criança

64% dos jovens que vivem com HIV aprovam o acolhimento que recebem nos serviços de saúde, mas estigma é principal barreira para aderir ao tratamento, diz UNICEF

Estudo mostra as condições de acesso, acolhimento, tratamento e retenção de adolescentes e jovens vivendo com HIV nas unidades de saúde

EDITORIAS · PROGRAMAS TV · PROGRAMAÇÃO TVT · TVT DADOS · ÚLTIMAS NOTÍCIAS

O Brasil do Futuro acontece aqui
Agora na parabólica digital no canal 555

13 de fevereiro é o Dia Internacional do Preservativo

Sífilis, HIV e outras IST's tem crescimento de casos, principalmente entre os mais jovens; causa pode estar ligado a queda no uso de camisinha

Emilly Gondim · 11 de fevereiro de 2025 · 17:59



Manaus
O trabalho não para

Política de Cookies | Acesso à informação | Transparência

PREFEITURA SECRETARIAS E FUNDAÇÕES TURISMO DIÁRIO OFICIAL

O que você procura?

Status da Cidade Atenção · 31° 23° · Nível do Rio Negro 19,40m · Transpor

Prefeitura alerta para aumento de casos de sífilis entre adolescentes e jovens adultos em Manaus

Por Prefeitura de Manaus
15/10/2025 10h22

Ouvir o texto



ISTS E O JOVEM NA MÍDIA









PORQUE ABORDAR ESSE ASSUNTO NAS ESCOLAS?



O "MP nas escolas", além de apresentar o trabalho desempenhado pelo MP, também levou conhecimento às crianças e adolescentes acerca de seus direitos

CONHECENDO AS PRINCIPAIS ISTS:



RECURSO PEDAGÓGICO PARA APRENDER SOBRE ISTS

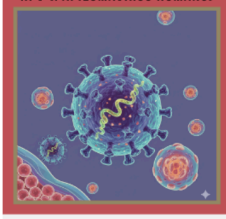
> Gonorreia, Papilomavírus Humano (HPV), sífilis, HIV, herpes e clamídia figuram entre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) mais comuns entre os jovens, representando um importante problema de saúde pública em escala global (Peixoto, et al.,2017).

RECURSO PEDAGÓGICO UTILIZADO: E-BOOK



TIPOS DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (ISTS) 23

HPV (PAPILOMAVÍRUS HUMANO)



O HPV é uma infecção viral altamente prevalente, transmitida principalmente pelo contato sexual.
É considerado a IST mais comum no mundo e está associado a lesões benignas e malignas na região genital e orofaríngea (Brasil, 2023)

Formas de Transmissão

- Contato direto pele com pele durante relações sexuais (vaginal, anal ou oral);
- Pode ocorrer mesmo sem penetração, através do contato com áreas genitais infectadas;
- Raramente, pode ser transmitido da mãe para o bebê durante o parto.

Principais sintomas
A maioria dos casos é assintomática
Pode causar verrugas genitais (condilomas acuminados)
Alguns tipos estão relacionados a câncer do colo do útero, ânus, pênis, vulva, boca e garganta

HPV (PAPILOMAVÍRUS HUMANO) 24

Prevenção

- Uso de preservativos, embora não ofereça proteção total (o vírus pode atingir áreas não cobertas);
- Vacinação preventiva;
- Exames regulares (como o Papanicolau) para detecção precoce de lesões precursoras.

Tratamento:

- Não existe cura definitiva para o vírus, mas as manifestações clínicas podem ser tratadas;
- Remoção de verrugas com medicamentos tópicos, crioterapia, laser ou cirurgia;
- Acompanhamento médico para evitar complicações e recidivas.

VACINAS

- Disponível e gratuita no SUS para meninas e meninos de 9 a 14 anos e pessoas imunossuprimidas até 45 anos;
- Disponível e gratuita no SUS para pessoas vivendo com HIV e usuários de Prep
- As vacinas quadrivalente e nonavalente protegem contra os principais tipos oncogênicos (6, 11, 16 e 18).



TIPOS DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (ISTS) 25

HERPES GENITAL (HSV-1 E HSV-2)



A herpes genital é uma infecção viral crônica e recorrente que afeta a pele e as mucosas da região genital e anal. É uma das ISTs mais comuns no mundo, podendo causar desconforto e impactar a qualidade de vida das pessoas infectadas (Brasil, 2023).

Agente causador
Vírus do Herpes simplex, tipos 1 e 2 (HSV-1 e HSV-2).

- O HSV-2 é o principal causador da herpes genital;
- O HSV-1 está mais associado à herpes labial, mas também pode atingir a região genital.

Formas de contágio| transmissão:

- Contato direto com lesões durante relações sexuais (vaginal, anal ou oral).
- Transmissão pode ocorrer mesmo sem feridas visíveis (eliminação viral assintomática).
- Também pode ocorrer de mãe para filho no parto.

HERPES GENITAL (HSV-1 E HSV-2) 26

Principais sintomas

- Vesículas e feridas dolorosas nos órgãos genitais, ânus ou boca;
- Coceira, ardência e febre podem anteceder as lesões;
- As feridas cicatrizam em 7 a 14 dias, mas o vírus permanece no corpo e pode reativar-se periodicamente.

Prevenção:

- Uso de preservativos em todas as relações sexuais;
- Evitar contato íntimo durante crises ativas ou sinais iniciais;
- Comunicação e acompanhamento entre parceiros.

Tratamento
Não há cura definitiva, mas antivirais (aciclovir, valaciclovir, fanciclovir) reduzem sintomas, tempo de lesões e frequência de surtos;
Cuidados locais e higiene íntima ajudam na recuperação.

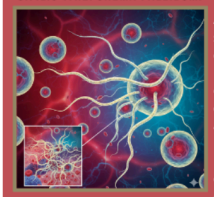
VACINAS
Ainda não existe vacina disponível, embora estudos estejam em andamento



TIPOS DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (ISTS)

30

SÍFILIS (TREPONEMA PALLIDUM)



A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível causada por uma bactéria que pode evoluir em diferentes estágios e afetar vários órgãos do corpo. É uma doença antiga, mas ainda muito presente, com altas taxas de infecção no Brasil, especialmente em gestantes (Brasil, 2023).

Agente causador
Bactéria Treponema pallidum
Bactéria altamente sensível a antibióticos, transmitida principalmente por contato sexual.

Formas de Transmissão

- Relação sexual desprotegida (vaginal, anal ou oral) com pessoa infectada;
- Transmissão vertical: de mãe para filho durante a gestação ou parto, podendo causar sífilis congênita;
- Raramente por transfusão de sangue ou contato direto com lesões ativas



SÍFILIS (TREPONEMA PALLIDUM)

31

Principais sintomas:
A sífilis evolui em três estágios principais (além da fase latente):

- **Sífilis primária: ferida única, indolor, geralmente nos órgãos genitais, ânus ou boca (cancro duro).**
- **Sífilis secundária: manchas avermelhadas pelo corpo, febre, inguas, queda de cabelo e mal-estar.**
- **Sífilis latente: ausência de sintomas, mas com o micro-organismo ainda presente no organismo.**
- **Sífilis terciária: pode surgir anos após a infecção, causando lesões neurológicas, cardíacas e ósseas graves.**



Prevenção

- **Uso de preservativos em todas as relações sexuais;**
- **Testagem regular, especialmente em gestantes e pessoas com múltiplos parceiros;**
- **Tratamento preventivo e acompanhamento pré-natal são fundamentais para evitar a sífilis congênita.**

SÍFILIS (TREPONEMA PALLIDUM)

32

Tratamento

- **Curável com penicilina benzatina (Benzetacil), tratamento simples e eficaz;**
- **O tipo e número de doses variam conforme o estágio da doença;**
- **É essencial o tratamento simultâneo dos parceiros e a realização de testes de controle após o término.**

VACINAS

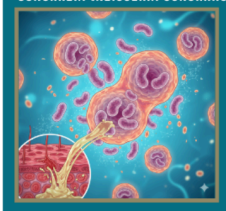
Não existe vacina contra a sífilis; a prevenção depende do uso de preservativos e da realização de testes periódicos.



TIPOS DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (ISTS)

28

GONORREIA (NEISSERIA GONORRHOEAE)



A gonorreia é uma infecção sexualmente transmissível causada por uma bactéria que afeta principalmente as mucosas do trato genital, retal e oral. É uma das ISTs mais antigas e ainda hoje representa um grande desafio de saúde pública devido à resistência a antibióticos (Brasil, 2023).

Agente causador
Bactéria Neisseria gonorrhoeae
Bactéria que infecta as mucosas da uretra, colo do útero, reto, garganta e olhos.

Formas de contágio| transmissão:

- **Transmitida por relação sexual desprotegida (vaginal, anal ou oral) com pessoa infectada;**
- **Pode ser transmitida da mãe para o bebê durante o parto, causando infecção ocular no recém-nascido;**
- **A probabilidade de transmissão é alta em contatos únicos sem uso de preservativo.**

O tratamento da gonorreia é feito com antibióticos e deve ser sempre prescrito por um médico, pois a escolha do medicamento e da dose correta é essencial, especialmente devido à crescente preocupação com a resistência bacteriana. A gonorréia é uma IST curável.

CLAMÍDIA (CHLAMYDIA TRACHOMATIS)

27

Principais sintomas

- **Geralmente assintomática (em até 70% das mulheres e 50% dos homens);**
- **Quando presentes, os sintomas incluem:**
  - **Corrimento uretral ou vaginal;**
  - **Dor ou ardor ao urinar;**
  - **Dor abdominal ou pélvica;**
  - **Sangramento fora do período menstrual;**
  - **No homem, pode causar inflamação nos testículos (epididimite).**

Prevenção:

- **Uso de preservativos em todas as relações sexuais;**
- **Testagem regular, especialmente em pessoas com vida sexual ativa;**
- **Tratamento simultâneo dos parceiros para evitar reinfecção.**

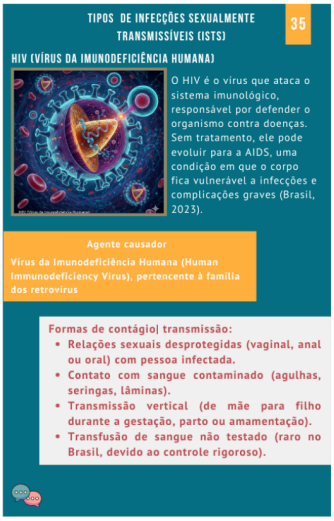
Tratamento:

- **Curável com antibióticos, como azitromicina (dose única) ou doxiciclina (uso por 7 dias);**
- **É essencial o tratamento de ambos os parceiros e abstinência sexual até a cura;**
- **O diagnóstico e tratamento precoce previnem complicações como doença inflamatória pélvica e infertilidade.**

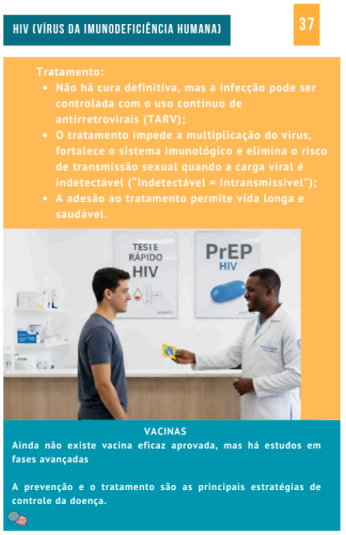
VACINAS

Ainda não existe vacina para clamídia, mas há estudos clínicos em andamento visando prevenção futura.

EXTRA – HIV







DICAS DE LEITURA

LIVRO: INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: ISTs

Autor (a): Ana Carolina da Silva Reis Isabella Macário Ferro Cavalcanti



Ano: 2021

Cartilha Infecções sexualmente transmissíveis – IST

Autor (a): Eduarda Pastana dos Santos, Rayssa Silva Lima, Mayara Nerina Fortes Arthur, Bárbara Letícia Corrêa Gomes, Adriana Maria Malato e Karla Tereza Silva Ribeiro



Ano: 2022

FERRAMENTA TECNOLÓGICA DE APOIO PEDAGÓGICO: VIDEOCAST

Um videocast é um formato de conteúdo em vídeo publicado em episódios, semelhante a um podcast, mas com registro audiovisual. Ele combina conversa, explicação e demonstrações visuais, o que facilita a compreensão de temas mais complexos.

Na educação, o videocast pode ser utilizado para transmitir conhecimento ao apresentar conteúdos de forma dinâmica, possibilitar entrevistas com especialistas, demonstrar práticas, promover discussões e ampliar o acesso dos estudantes a diferentes perspectivas — tudo isso de maneira atrativa e acessível.



VIDEOCAST : ETAPAS



PLANEJAMENTO | PRÉ- PRODUÇÃO



- Quem são os participantes que irão assistir?
- Qual é o objetivo do videocast?
- Vamos explorar livros, notícias e dados para elaborar o roteiro.
- Perfil dos convidados: precisamos de uma variedade de profissionais diversificados.
- Qual será o formato deste videocast?

ROTEIRO

- **ROTEIRO #PAPO RETO IST EPISÓDIO 01**

	#PAPORETOIST		
	EXIBIÇÃO INTERNET		
VIDEO		ÁUDIO	
EPISÓDIO 01: #ISTsNoJovem: O Mapa de Risco Real da Geração Z André Bastos / Apresentação		Boas vindas / Explicar o Videocast	
Apresentação dos convidados Convidado 1 - Médico / bio Convidado 2 - Enfermagem / bio Convidado 3 - Professora Biologia / bio		Bio Convidado 1 - Médico Bio Convidado 2 - Enfermagem Bio Convidado 3 - Professora Biologia	
Apresentador: **Introdução a Pauta**		Apresentação dos dados reais e a vulnerabilidade da faixa etária (9 a 14 anos), que é quando o risco de iniciação sexual começa e o conhecimento ainda é frágil.	
Perguntas Qual é o principal mito sobre ISTs e como devemos conduzir esse conteúdo?		CONVIDADOS RESPONDEM	
Como a postura de "acolhimento e informação" se torna a primeira e mais eficaz ferramenta de prevenção?			
Como explicar de forma simples a diferença entre ISTs e a importância da prevenção?			
"Existe cura para todas as ISTs?"			
Como explicar de forma simples a diferença entre ISTs curáveis e tratáveis?			

Nº do Episódio e Tema

PERFIL DOS CONVIDADOS

PERGUNTAS PRINCIPAIS

PRODUÇÃO DO ROTEIRO

1. CONVIDAR O PARTICIPANTE COM ANTECEDÊNCIA
2. FORNECER ORIENTAÇÕES DE VESTUÁRIO E MAQUIAGEM
3. ORGANIZAR TRANSPORTE PARA CHEGADA PONTUAL
4. PREPARAR CAMARIM PARA O CONVIDADO
5. OFERECER ALIMENTAÇÃO DURANTE O EVENTO
6. GARANTIR DOCUMENTOS DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM
7. FORNECER INSTRUÇÕES CLARAS SOBRE A GRAVAÇÃO
8. ORGANIZAR E PREPARAR O ESTÚDIO
9. CONFIRMAR COM TÉCNICO SOBRE EQUIPAMENTOS
10. DESPRODUZIR O ESTÚDIO E FAZER BACKUP DO MATERIAL GRAVADO



GRAVAÇÃO

Realização da conversa ou apresentação, seguindo o roteiro e garantindo boa captação de áudio e vídeo.









PÓS - PRODUÇÃO | EDIÇÃO

- Edição: seleção das melhores cenas, inserção de trilhas, cortes, legendas, imagens de apoio e ajustes de cor e som.
- Publicação: exportação do episódio, envio para plataformas (YouTube, Spotify, etc.) e criação de título, descrição e capa.



DIVULGAÇÃO

Compartilhamento em redes sociais, e-mails e ambientes virtuais de aprendizagem para ampliar o alcance.

Conheça a tecnologia audiovisual desenvolvida:

YouTube @VIDEOCASTPAPORETO



VIDEOCAST - ADAPTANDO PARA OUTRAS REALIDADES

Gravação



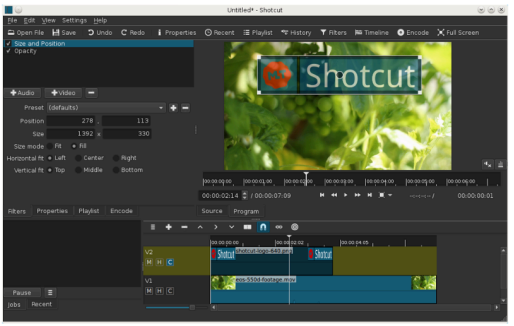


Captação de áudio





Edição



CHEGAMOS ATÉ AQUI!

VOCÊ ACREDITA QUE ESSA OFICINA CONTRIBUIU PARA AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO SEXUAL?





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agradeço imensamente a participação de todos!

A presença e o envolvimento de cada um enriqueceram as discussões e fortaleceram a construção coletiva de conhecimento. Espero que as reflexões e práticas compartilhadas possam apoiar suas ações educativas. Seguimos juntos na promoção de uma educação mais informada, acolhedora e consciente.

Muito obrigado por essa jornada!

Com carinho,

André Bastos

André Bastos



Tel. (021) 98358-3430
E-mail:
andrebastos.producao@gmail.com

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Saúde sexual e saúde reprodutiva. 1. ed., 1. reimpr. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. (Cadernos de Atenção Básica, n. 26)

FERNANDES, Fernanda; LORENZETTI, Leonir. A educação sexual nos anos iniciais: um estudo a partir de dissertações e teses. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, v. 12, n. 1, 2019. DOI: 10.3895/rbect.v12n1.9705.

LIMA, Luciana Vieira; PAVINATI, Geovana; MARCON, Sonia Silva; BALDISSERA, Valéria Dalbello Amaral; MAGNABOSCO, Guilherme Tavares. Educação sexual com adolescentes no contexto familiar à luz da (anti)dialogicidade freireana. Interface – Comunicação, Saúde, Educação (Botucatu), v. 27, e220651, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/interface.220651.

REIS, Ana Carolina da Silva; CAVALCANTI, Isabella Macário Ferro. Infecções Sexualmente Transmissíveis: ISTs. [s.l.: s.n.], 2021.

SANTOS, Eduarda Pastana dos; LIMA, Rayssa Silva; ARTHUR, Mayara Nerina Fortes; GOMES, Bárbara Letícia Corrêa; MALATO, Adriana Maria; RIBEIRO, Karla Tereza Silva. Cartilha Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST. 49 p. ISBN 978-65-89910-99-2. DOI: 10.36599/itac-insetra. 2022. Ebook (PDF).

16. APÊNDICE H – Questionário Avaliação Oficina Pedagógica

Instrumento de avaliação aplicado aos participantes após a conclusão da oficina pedagógica mediada pelas Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Por favor, responda às questões abaixo assinalando o seu nível de concordância com as afirmações apresentadas:

1. A oficina apresentou conteúdos relevantes para a compreensão da Educação Sexual voltada à prevenção de ISTs.

   ( ) Concordo Totalmente ( ) Concordo Parcialmente ( ) Neutro ( ) Discordo Parcialmente ( ) Discordo Totalmente

2. As informações fornecidas poderão ser aplicadas no meu ambiente educacional.

   ( ) Concordo Totalmente ( ) Concordo Parcialmente ( ) Neutro ( ) Discordo Parcialmente ( ) Discordo Totalmente

3. A metodologia utilizada facilitou meu entendimento sobre o tema.

   ( ) Concordo Totalmente ( ) Concordo Parcialmente ( ) Neutro ( ) Discordo Parcialmente ( ) Discordo Totalmente

4. Sinto-me mais preparado(a) para abordar Educação Sexual e prevenção de ISTs em contextos pedagógicos após a oficina.

   ( ) Concordo Totalmente ( ) Concordo Parcialmente ( ) Neutro ( ) Discordo Parcialmente ( ) Discordo Totalmente

Avaliação Oficina Pedagógica - Educação Sexual para Prevenção de Infecções sexualmente transmissíveis

20 respostas

Publicar análise

A oficina apresentou conteúdos relevantes para a compreensão da Educação Sexual voltada à prevenção de ISTs.

Copiar

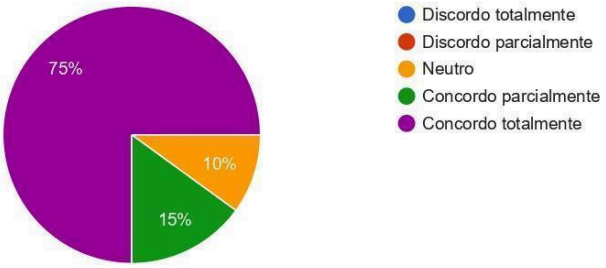
20 respostas



As informações fornecidas poderão ser aplicadas no meu ambiente educacional.

Copiar

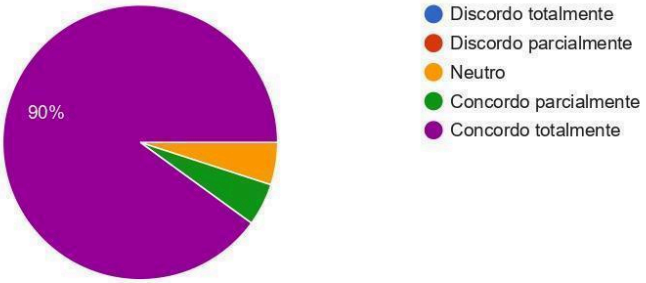
20 respostas



A metodologia utilizada facilitou meu entendimento sobre o tema.

Copiar

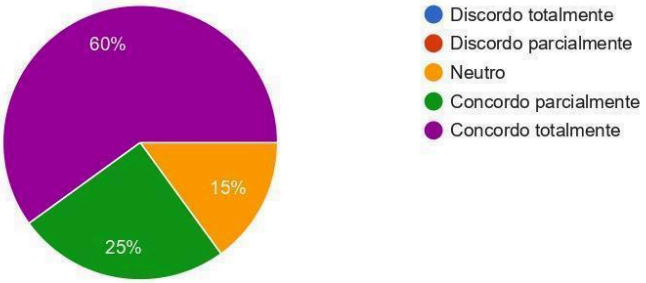
20 respostas



Sinto-me mais preparado(a) para abordar Educação Sexual e prevenção de ISTs em contextos pedagógicos após a oficina.

Copiar

20 respostas



Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. - Entre em contato com o proprietário do formulário - Termos de Serviço - Política de Privacidade

Este formulário parece suspeito? Denunciar

Google Formulários